



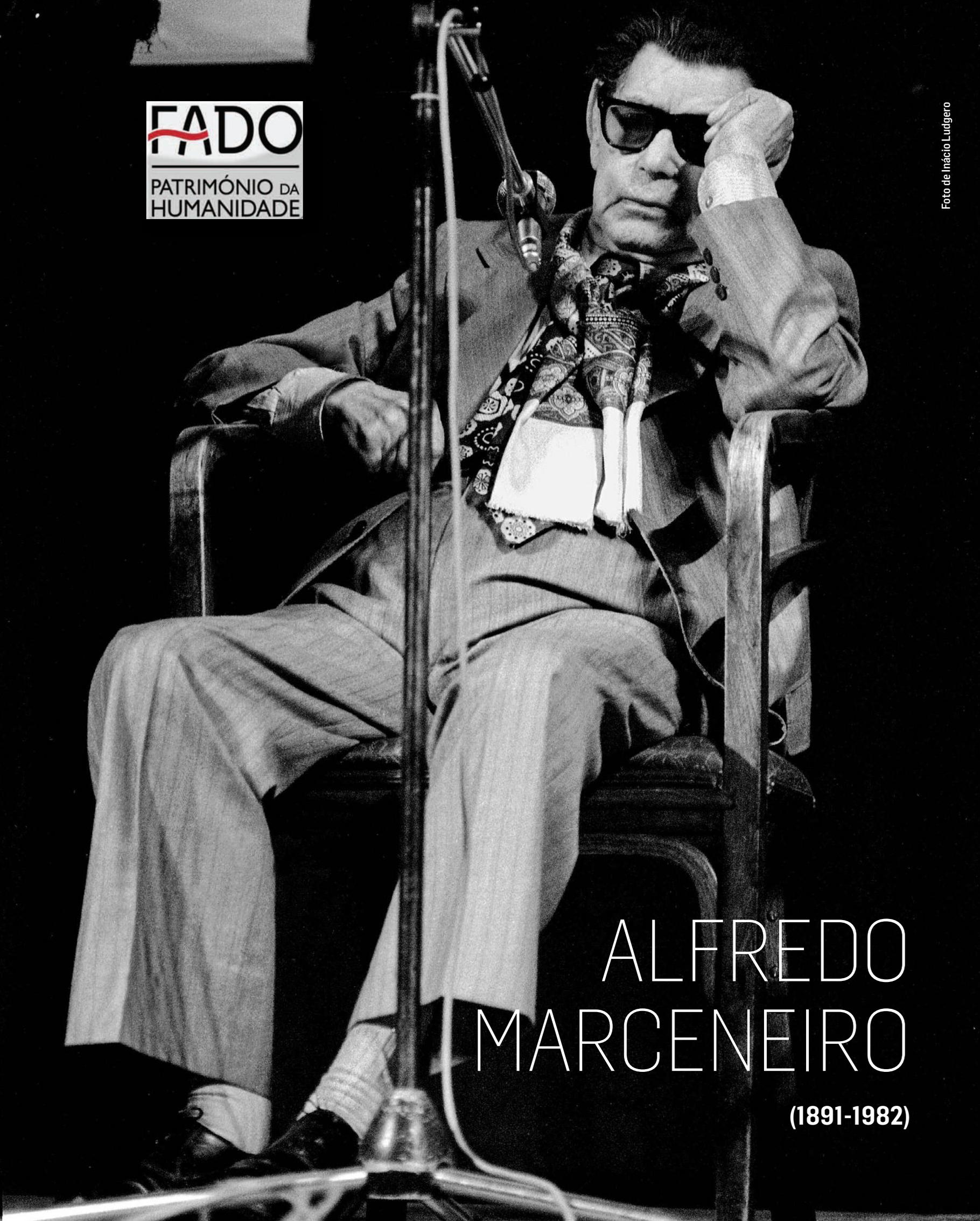
PEDRO OSÓRIO
Um CD multicultural
num canto à vida



HÉLDER COSTA
O dramaturgo
dos históricos

HOMENAGEM AO FADO





FADO
PATRIMÓNIO DA
HUMANIDADE

Foto de Inácio Ludgero

ALFREDO
MARCENEIRO

(1891-1982)



N.º: 32
Outubro/Dezembro 2011
SPA Sociedade Portuguesa de Autores

Director: José Jorge Letria

Direcção Executiva e Coordenação:
José Jorge Letria

Editora: Edite Esteves

Textos: Administração e Direcção da SPA,
Edite Esteves (EE), José Jorge Letria e Sílvia
Laureano Costa

Direcção de Arte e Design: José Maria
Ribeirinho

Fotografia: Arquivo da SPA, Alfredo An-
tónio, Inácio Ludgero e Produção do Teatro
Aberto

Design e tratamento de imagem:
JM Design&edições
www.jm-designedicoes.com

Propriedade:
Sociedade Portuguesa de Autores
Av. Duque de Loulé, 31
1069-153 Lisboa
Tel: 21 359 44 00
Fax: 21 353 02 57
email: geral@spautores.pt
site: www.spautores.pt

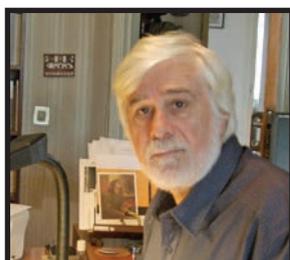
NIF.: 500257841
ICS: 100206
Tiragem: 3000
Periodicidade: Trimestral
Distribuição: Gratuita

Impressão e Expedição:
António Coelho Dias, S.A.

Depósito Legal: 224 872/200

SPA 86 anos
A nossa casa
A nossa causa

Sumário



Entrar em 2012 com unidade, rigor e sentido de modernidade, apesar de um fim de ano dominado pela incerteza, é o objectivo a que se propõem a Direcção e o Conselho de Administração da SPA, como afirma José Jorge Letria no **Editorial** deste n.º 32 da Autores. Confiante, em que o governo cumprirá o prometido relativamente ao avanço, para breve, de **uma série de legislação com vista a defender os autores**, a Direcção da SPA vai apresentar à votação, no dia 22 de Dezembro, em Assembleia Geral, um **Plano para 2012, que aqui publicamos na íntegra**, em que, apesar de consciente da crise, mostra que está empenhada numa verdadeira modernização da cooperativa. Esta edição, aliás, destaca o **investimento** que a SPA fez **num armazém** de grandes dimensões **em Albarraque**, com vista a preservar décadas de memória e que constituirá o **apoio de retaguarda do Museu do Autor e da Casa do Autor**, e ainda, na mesma linha memorialista, a concretização do **projecto “A Voz dos Poetas”**, que já começou a gravar e irá expandir-se, no sentido de **formar “um banco de poesia”**. **Pedro Osório** é uma das grandes figuras desta edição; a sala Carlos Paredes encheu por completo para celebrar o amor à música e à



vida manifestado por este compositor, membro durante sete anos dos corpos sociais da cooperativa até final do ano passado, e que **apresentou ali o belíssimo CD “Cantos da Babilónia”**, com chancela da Valentim de Carvalho e **apoio do Fundo Cultural da SPA**. Foi também com o apoio deste importante fundo, que **Sérgio Godinho** lançou na sua casa de autores o livro de grandes dimensões **“Sérgio Godinho e as 40 ilustrações”**, através da nova editora Abysmo, de João Paulo Cotrim. Na sessão, o multifacetado músico, intérprete, actor e escritor **recebeu, igualmente, das mãos de José Jorge Letria a Medalha de Honra da SPA** pelos seus 40 anos de profícua carreira artística. Quem recebeu também a **Medalha de Honra da SPA, mas a título póstumo**, foi o músico, compositor, escritor, deputado e ex-presidente da mesa da AG da cooperativa **José Niza**, que tem uma **exposição em sua homenagem** na Galeria da SPA, dedicada especialmente à canção de sua autoria **“E Depois do Adeus”**. Uma conversa com os autores **Alice Vieira, Jaime Rocha, José Jorge Letria**

e **Rui Zink** em torno de **“As Casas-Museu dos Escritores”**, temática da dissertação de mestrado em Museologia e Património Cultural apresentada por **Sílvia Laureano Costa** na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, confere-lhe cinco páginas nesta Autores, que dedica também seis páginas a uma **entrevista de fundo** ao dramaturgo, encenador e actor **Hélder Costa**, distinguido, igualmente, no Dia do Autor Português com uma **Medalha de Honra da SPA**. A **Homenagem ao Fado**, uma festa de antecipação da consagração do Fado a Património Imaterial da Humanidade, **promovida por esta cooperativa na Aula Magna a 7 de Novembro**, constitui, no entanto, o foco principal desta revista, ocupando 20 páginas de um **dossiê especial**, pormenorizado e profusamente ilustrado; na cerimónia, **transmitida em diferido pela RTP**, no dia 24 de Novembro, **receberam troféus 90 individualidades ligadas ao fado**, nas suas várias vertentes. Na nova rubrica mensal **“Autores falam de Autores”** na SPA, realce para as palestras de **Baptista Bastos** sobre o jornalista **Fialho de Almeida** e de **Tiago Torres da Silva** sobre Amália autora. **André Gago** e **Fernando Gomes** emprestaram a sua experiência de palco – um na pantomima e máscaras e o outro no teatro infantil – para dar uma lição à assistência no **Ciclo A Dramaturgia e as Artes do Espectáculo**. A nível internacional, a SPA **recebeu uma representação da Associação de Escritores de Xangai**, com quem se propõe encetar intercâmbio em 2012. Na lista de **Os que Partiram**, encontram-se **Luiz Francisco Rebello**, que presidiu à SPA durante três décadas, **Mário Alberto, Rui Serôdio** e **José Mensurado**.



TERMINAMOS O ANO DE 2011 com a convicção de que se avizinham tempos ainda mais sombrios para os Portugueses em geral e para os autores em particular. Mas temos também a convicção de que tudo foi feito, ao longo do ano que agora termina, para se reduzir o impacto da crise na vida da nossa cooperativa.

A reestruturação da rede de delegações em funcionamento de norte a sul do País, a conclusão do processo de instalação do novo sistema informático e a criação de uma área de gestão de contratos para negociar de forma mais eficaz com os novos operadores do domínio tecnológico foram e são passos fundamentais para se conseguir diminuir o efeito altamente negativo da conjuntura em que nos movemos. Por esse motivo, estamos conscientes de que 2012 irá ser um ano difícil, sem horizonte de recuperação e com uma expectativa de agravamento que só nos resta desejar que não venha a confirmar-se.

Como é sabido, sempre que as condições de vida dos cidadãos pioram, a primeira área a ser seriamente afectada é a dos consumos culturais. Por outro lado, o aumento do IVA da restauração e dos bilhetes de



VAMOS ENTRAR EM 2012
APREENSIVOS QUANTO AO FUTURO,
EMPENHADOS NUMA VERDADEIRA
MODERNIZAÇÃO DA SPA, SEMPRE
COMPROMETIDOS COM O ESFORÇO
PARA UNIR OS AUTORES E
MOBILIZADOS PARA OS COMBATES
QUE FOR NECESSÁRIO TRAVAR EM
DEFESA DOS MUITOS AUTORES QUE
EM NÓS CONFIAM

não deixe de ser a empresa moderna e competente que todos desejamos que seja.

Por outro lado, durante o próximo ano tudo será feito, na relação com o poder político e com outras instituições públicas, para que o quadro legislativo indispensável para a defesa dos direitos dos autores se materialize conforme tem sido anunciado e prometido pelo secretário de Estado da Cultura, Francisco José Viegas.

Referimo-nos, em particular, à nova Lei da Cópia Privada, diploma absolutamente essencial para a estabilização da situação financeira da cooperativa e para o equilíbrio das contas dos autores. O facto de a Comissão Europeia ter nomeado o ex-comissário europeu

António Vitorino para mediar a negociação europeia sobre a cópia privada durante o primeiro semestre de 2012, deverá constituir uma garantia de que este assunto seja tratado por Bruxelas com isenção, rigor e verdadeiro respeito pelos direitos dos autores.

É, pois, com este espírito que vamos entrar em 2012, apreensivos quanto ao futuro, empenhados numa verdadeira modernização da SPA, sempre comprometidos com o esforço para unir os autores e mobilizados para os combates que for necessário travar em defesa dos muitos autores que em nós confiam. Mais do que nunca, este deverá ser um tempo de unidade, de mobilização, de confiança e de investimento num futuro que deverá levar em conta todas as variáveis e factores de incerteza que o momento coloca diante de nós.

Dezembro de 2011
A Direcção e a Administração
da Sociedade Portuguesa de Autores

TERMINAR 2011 COM INCERTEZA, ENTRAR EM 2012 COM UNIDADE, RIGOR E SENTIDO DE MODERNIDADE

espectáculos irá também contribuir para que haja menos actividade cultural no próximo ano e para que diminua a nossa capacidade de cobrança. Ainda assim, a Direcção e a Administração tudo irão fazer para que não sejam afectados os postos de trabalho da cooperativa, para que as medidas de apoio social aos autores e aos trabalhadores sejam mantidas e até reforçadas, para que os compromissos internacionais não sejam prejudicados e para que a intervenção da SPA no apoio à criação cultural e no que toca à sua presença no espaço mediático não sejam comprometidas.

Terminamos um ano de grande austeridade e incerteza sem optimismo, mas com todas as energias concentradas para que a vida da nossa cooperativa não seja afectada naquilo que é verdadeiramente essencial e prioritário. O ano de 2012 deverá ser também um tempo de adequação das estruturas da cooperativa a uma nova realidade económica, social e tecnológica, de forma a que, continuando a ser a cooperativa que sempre foi,

Novas leis da Cópia Privada e do Cinema avançam em meados de 2012

Uma delegação da SPA foi recebida pelo secretário de Estado da Cultura, Francisco José Viegas, na primeira semana de Outubro, tendo sido abordados nessa audiência temas como a Lei da Cópia Privada, a Lei do Cinema, a preparação de um diploma de combate à pirataria na Internet e ainda o Gabinete de Exportação da Música Portuguesa e a revisão do Código de Direito de Autor.

Um comunicado do Conselho de Administração, datado de 7 de Outubro passado, informa que “o secretário de Estado da Cultura garantiu que a nova Lei da Cópia Privada avançará a partir de Março do próximo ano, que a Lei do Cinema estará concluída até meados desse mês, que se encontra em preparação um diploma de combate à pirataria na Internet baseado num modelo em vigor no Brasil e que existe a intenção do governo de fazer avançar o Gabinete de Exportação de Música Portuguesa, eventualmente em moldes diferentes dos até agora previstos”. O responsável pela Cultura no governo, “afirmou ainda que se irá iniciar o processo de revisão do Código de Direito de Autor, para a qual será solicitada a colaboração da SPA”.

Esta foi a primeira de uma série de audiências com o responsável no governo pela pasta da Cultura, devendo, em breve, ser propostos ao Dr. Francisco José Viegas outros pontos para análise e reflexão conjuntas, segundo refere a nota.

Os representantes da Direcção e Administração da SPA salientaram nesta audiência com o secretário de Estado da Cultura “a importância fundamental de que se reveste para a cooperativa a entrada em vigor da Lei da Cópia Privada, bem como da Lei do Cinema e do diploma do combate à pirataria, instrumentos indispensáveis para a defesa dos direitos dos autores portugueses”.

Acusação não recorre no processo *A Filha Rebelde*

Os sobrinhos do último director da PIDE, Fernando Silva Pais, decidiram não apresentar recurso da sentença proferida pelo Tribunal Criminal de Lisboa sobre a peça de teatro “*A Filha Rebelde*”, revelou Lucas Serra, advogado da SPA representante de dois dos arguidos. Na sentença conhecida em 22 de Julho, o juiz do processo ilibou os três arguidos, Margarida Fonseca Santos e Carlos Fragateiro e José Manuel Castanheira, por considerar que “a crítica deve ser um direito público e não um risco”.

Este processo, que a Autores noticiou largamente nos dois últimos números, resultou de uma queixa apresentada por Carlos Alberto da Silva Pais e Berta da Silva Pais, sobrinhos do último director da PIDE, que acusavam os arguidos de difamação e ofensa à memória colectiva. Em causa estavam seis cenas de um total de 38 da peça de teatro “*A Filha Rebelde*”, com texto de Margarida Fonseca Santos baseada na obra homónima dos jornalistas José Pedro Castanheira e Valdemar Cruz, estreada no Teatro Nacional D. Maria II em 2007. Carlos Fragateiro e José Manuel Castanheira eram à data membros da administração do Teatro D. Maria II.

Noutro local desta revista, damos conta do debate em torno da peça, após a projecção, pela segunda vez, do vídeo do espectáculo, mote para a primeira sessão das celebrações do 25.º Aniversário da Associação Abril e do Ciclo de Conferências subordinado ao tema “*A memória no feminino*”, que decorreu entre 21 de Setembro e 5 de Dezembro, no auditório Maestro Frederico de Freitas da SPA.

SPA congratula-se com nomeação de António Vitorino para coordenar debate europeu sobre a Cópia Privada

A SPA congratula-se com a nomeação, pelo comissário europeu Michel Barnier, responsável pelo pelouro do Mercado Interno, do Dr. António Vitorino, ex-comissário europeu e ex-ministro, para as funções de mediador das negociações sobre a cópia privada entre as várias partes envolvidas, no seio da União Europeia. Esta intervenção decorrerá durante o primeiro semestre de 2012.

A competência jurídica e a vasta experiência política do Dr. António Vitorino poderão contribuir para que este instrumento fundamental para a defesa dos direitos dos autores e do papel representativo das sociedades de gestão colectiva tenha a expressão e o reconhecimento que lhe são devidos nos ordenamentos jurídicos nacionais. Recorde-se que em Portugal, após vários adiamentos e vazios de decisão, está anunciada para meados do próximo ano a entrada em sede de debate parlamentar da nova Lei da Cópia Privada, que representa um valor superior a 6 milhões de euros por ano para os autores portugueses. Cada ano passado sem a realização dessa cobrança representa um prejuízo incalculável para os criadores nacionais e para a SPA.

Num momento em que se discute ou se põe mesmo em causa o futuro da cópia privada na Europa, a nomeação do ex-comissário António Vitorino para esta função constitui uma garantia de rigor, isenção e sentido de justiça que a SPA não pode deixar de sublinhar, disponibilizando-se desde já para prestar todos os esclarecimentos necessários e intervir no debate.

Lisboa, 30 de Novembro de 2011
O Conselho de Administração

SPA E RTP ASSINAM CONTRATO PARA 2012

As administrações da SPA e da RTP assinaram no passado dia 10 de Novembro o contrato referente à autorização para que aquela estação utilize obras geridas pela SPA durante o ano de 2012.

“Apesar dos constrangimentos orçamentais com que a estação pública se defronta, foi possível assegurar a manutenção do montante fixado para o ano de 2011, facto com o qual a SPA não pode deixar de se congratular, tendo em conta os interesses dos milhares de autores que representa e o momento difícil que o país atravessa”, salienta um comunicado do Conselho de Administração da SPA, datado do mesmo dia.

O contrato assinado a 10 de Novembro prevê ainda a realização da Gala do Prémio Autor, em Fevereiro de 2012, e que, desejavelmente, deverá ter continuidade nos anos seguintes.

SPA CONTRA A PRIVATIZAÇÃO DO CANAL 1 DA RTP

A anunciada privatização do canal 1 da RTP seria, na opinião da SPA, um erro grave para o futuro da televisão em Portugal. Em primeiro lugar, porque se traduziria no afastamento da programação diária de temas que, seguramente, não seriam do interesse das televisões privadas, mais preocupadas com a lógica das audiências e com os lucros da publicidade. Em segundo lugar, porque a programação de um canal público entretanto privatizado pouco espaço deixaria para a inclusão dos trabalhos dos autores e artistas portugueses. Em terceiro lugar, porque a existência de um serviço público de televisão constitui, num quadro mais amplo, um contributo para o aprofundamento da cidadania numa sociedade democrática, o que se torna ainda mais imperioso e indispensável numa grave situação de crise financeira, económica e social como é aquela que estamos a viver.

Por outro lado, a existência de um canal público de televisão representa, também no plano dos princípios, um sinal da responsabilidade do Estado em matéria de comunicação social, o qual não deve ser banido somente porque o tempo é de severa austeridade.

Por último, a SPA considera que a privatização da RTP1, a verificar-se, representaria também um sério retrocesso relativamente aos avanços registados nas últimas décadas em termos do que deve ser o serviço público de televisão. Se há cortes e restrições a pôr em prática, então que sejam efectuados de forma criteriosa no quadro vigente, não devendo, em circunstância alguma, traduzir-se na pura e simples eliminação de um canal de serviço público.

Lisboa, 19 de Outubro de 2011
O Conselho de Administração



UNIDADE, MOTIVAÇÃO E CONFIANÇA NO COMBATE DOS AUTORES CONTRA A CRISE



FOTO: ALFREDO ANTÓNIO

NO DIA 22 DE DEZEMBRO DE 2011

Assembleia Geral da SPA vota Plano e Orçamento para 2012

No dia 22 de Dezembro vai realizar-se a Assembleia Geral para aprovação pelos cooperadores do Plano e Orçamento do exercício de 2012 da Sociedade Portuguesa de Autores. O Plano, que define as metas e objectivos a atingir no próximo ano, é reproduzido aqui na íntegra, para que todos os sócios e cooperadores possam seguir e analisar em pormenor as intenções da Direcção da SPA.

Conforme refere o documento logo no primeiro parágrafo, o Plano e Orçamento apresentado nesta assembleia geral que vai ser submetido à aprovação dos cooperadores da SPA “reflecte, inevitavelmente, a grave conjuntura de crise que tão severamente afecta o país, atingindo também os consumos culturais e, por consequência, a cobrança dos direitos dos autores”.

No entanto, após a justificação de cada item a definir em pormenor detalhe no restante documento, o Plano da SPA para 2012 termina na sua introdução com uma nota de esperança, afirmando: “A Direcção e a Administração encaram, pois, o ano de 2012 com a preocupação imposta pelo grave momento que o país enfrenta, mas com a convicção que tudo está

a ser e irá ser feito no sentido de se garantir a sustentabilidade deste projecto e o futuro desta instituição que tem um papel vital para os autores portugueses.”

E no último capítulo do Plano – Esclarecimento, firmeza e unidade para que a mensagem e o papel da SPA sejam cada vez mais reconhecidos – a Direcção da Sociedade Portuguesa de Autores, que assina o importante documento, relança no final a mensagem que tem vindo a ser uma constante das intervenções dos elementos da cooperativa em todas as acções e actividades em que se encontram envolvidos:

“...a SPA nunca deixará se sublinhar a convicção de que sem autores não há cultura e de que a cultura, nas suas diversas expressões e rumos, pode e deve ser uma via importante para a recuperação do país. Tem sido esta a mensagem da SPA, a sua estratégia e o seu combate, que só terão o êxito desejável se conseguir congregar os esforços, as vontades e as energias dos milhares de autores que representa, designadamente os das novas gerações, cujo ingresso na SPA tudo faremos para assegurar, já que passa também por aí o futuro da casa dos autores portugueses.”

O PLANO E ORÇAMENTO APRESENTADO pela Direcção da SPA para o ano de 2012 e que agora se submete à aprovação dos cooperadores reflecte, inevitavelmente, a grave conjuntura de crise que tão severamente afecta o país, atingindo também os consumos culturais e, por consequência, a cobrança dos direitos dos autores.

Infelizmente, as piores perspectivas traçadas para o ano de 2011 não só se confirmaram como vieram a agravar-se significativamente, na sequência da negociação com a “troika” do empréstimo internacional para que Portugal possa tentar recuperar da gravíssima situação em que se encontra.

Os constrangimentos de natureza orçamental e fiscal que já estão a afectar os cidadãos em geral, mas também as autarquias e os clientes em diversos níveis e planos, não poderiam, em circunstância alguma, deixar incólume a SPA e a sua capacidade de cobrança regular, não obstante os esforços de modernização e reorganização que têm vindo a ser concretizados no seio da nossa cooperativa.

O aumento do IVA da restauração para 23%, bem como a mais que previsível diminuição da capacidade aquisitiva dos cidadãos, irá agravar visivelmente, em 2012, a situação de crise já perceptível em vários domínios no ano que terminou.

Sendo sabido que, em contexto de crise aguda, o consumo dos bens culturais não escapa ao clima de restrição e austeridade, prevê-se que ao longo de 2012, não obstante o aumento de facturação, a capacidade de cobrança por parte dos nossos serviços venha a ser severamente afectada.

Por outro lado, a mudança política operada a meio do ano de 2011 comprometeu a desejável entrada em vigor que um diploma tão importante como a Lei da Cópia Privada e também o processo de instalação do Gabinete de Exportação de Música Portuguesa, que já dispunha de dotação orçamental capaz de lhe assegurar a entrada em funcionamento. Estas duas circunstâncias irão também reflectir-se negativamente nos resultados de 2012, apesar do anúncio já feito pelo Secretário de Estado da Cultura de que a Lei da Cópia Privada estará em condições de seguir para a Assembleia da República durante o primeiro semestre de 2012. A SPA formula votos no sentido de que tal venha a acontecer, uma vez que a receita da cópia privada é de inquestionável relevância para amparar a situação financeira da cooperativa.

PLANO 2012

A Direcção e a Administração da SPA, conscientes da gravidade do momento que o país vive, tomaram todas as medidas de carácter organizativo consideradas indispensáveis para se poder fazer face aos sérios problemas que se perfilam no horizonte ou que já têm, neste momento, uma preocupante expressão concreta. Como resultado das análises e previsões já feitas, foi determinada para todos os departamentos uma sistemática redução das despesas correntes, na linha, de resto, do que já era prática da Administração desde 2009. Esse esforço de contenção não irá comprometer serviços e acções prioritárias, mas será um contributo efectivo para a sustentabilidade da vida da cooperativa. A Direcção e a Administração como seu órgão executivo não podem deixar de sublinhar o facto de as perspectivas apontadas no Orçamento anexo reflectirem, inevitavelmente, a situação de crise que Portugal e a Europa atravessam, bem como a imprevisibilidade da evolução da situação financeira global. Por esse motivo, as previsões, baseadas numa informação prospectiva dos serviços, foram efectuadas em baixa. No entanto, a Direcção e a Administração admitem que os valores previstos possam vir a ser superiores àqueles que um cálculo realista e sensato permitiu definir por antecipação. Se porventura se verificar um agravamento da situação prevista, proceder-se-à a um trabalho de correcção orçamental, admitindo-se, no entanto, que o quadro agora traçado possa vir a registar uma evolução positiva, sobretudo se entrar em vigor a nova Lei da Cópia Privada. Entretanto, o impacto da crise na situação financeira da cooperativa irá ser atenuado com uma política de redução sustentada das despesas correntes e com o prosseguimento da rescisão amigável de contratos de trabalho, prática que tem estado em curso com resultados evidentes desde 2008. Caso se justifique, outras medidas poderão vir a ser oportunamente adoptadas. Entretanto, a Direcção e a Administração admitem que as cobranças da Execução Pública e da área dos novos operadores possam vir a registar aumentos apreciáveis em relação ao que se encontra orçamentado, como resultado do investimento efectuado nesses sectores, em 2011. A Direcção e a Administração encaram, pois, o ano de 2012 com a preocupação imposta pelo grave momento que o país enfrenta, mas com a convicção que tudo está a ser e irá ser feito no sentido de se garantir a sustentabilidade deste projecto e o futuro desta instituição que tem um papel vital para os autores portugueses.

SECTOR DA EXECUÇÃO PÚBLICA NA PRIMEIRA LINHA DO COMBATE À CRISE

Esperam a Direcção e a Administração da SPA que a nova estrutura das delegações espalhadas por todo o país permita assegurar uma média de cobranças capaz de reduzir o impacto financeiro da crise, não obstante o aumento do desemprego e do número de insolvências no que se refere aos milhares de estabelecimentos de restauração e hotelaria existentes em Portugal.

O ano de 2012 irá pôr à prova, como de resto já aconteceu, com resultados assinaláveis no segundo semestre de 2011, a nova estrutura entretanto criada e a dinâmica que ela tem vindo a desenvolver.

Foi abolida a lógica comissionista do funcionamento das delegações, e também ajustado o comissionamento dos restantes representantes no terreno, com o subsequente investimento realizado no sentido de que esta nova estrutura tenha a operacionalidade e a eficácia desejadas. Os resultados alcançados nos últimos meses de 2011 confirmam a justeza desta mudança estrutural e criam expectativas encorajadoras quanto ao saldo final de 2012.

Acresce salientar que a estrutura nacional das delegações e a rede de fiscais e correspondentes têm vindo a defrontar-se com a concorrência agressiva e frequentemente desleal da estrutura que cobra os direitos conexos da música, frequentemente com base em tabelas superiores às do direito de autor, procedimento que a SPA considera absolutamente inaceitável, já que colocam um direito secundário, que é o conexo, numa irregular posição de superioridade material em relação ao direito primário, que é o direito de autor, conforme a Lei determina e a prática internacional recomenda.

A nova estrutura e dinâmica das delegações e do sector da Execução Pública constituem uma garantia de que a SPA, embora impossibilitada de prever o que irá ser, num grave contexto de crise, a evolução do sector, estará apta a estancar os efeitos perversos do estado de recessão em que Portugal se encontra.

NOVOS CONTRATOS, NOVOS OPERADORES, UMA NOVA DINÂMICA DE NEGOCIAÇÃO

Se, por um lado, o novo modelo em que assenta a Execução Pública foi criado para adequar a estrutura da cooperativa à realidade que o país enfrenta, por outro lado estará em pleno funcionamento no ano de 2012, como de resto já

acontece neste momento, a nova Área de Gestão de Contratos, unidade operacional cujo objectivo é identificar novos operadores, celebrar com eles contratos vantajosos para a SPA, renegociar os contratos com os operadores já existentes e identificar áreas de cobrança em que a SPA até agora não intervinha ou intervinha de forma insuficiente.

Esta nova estrutura interna, que integra quadros de reconhecida competência com experiência de gestão e de intervenção jurídica, produziu já resultados no final de 2011 que apontam para um significativo reforço da capacidade de cobrança, sobretudo no domínio das novas tecnologias, durante o ano de 2012.

Esta foi apenas uma das medidas tomadas pela Administração da cooperativa com a finalidade de, prevendo o impacto da crise, ser capaz de antecipar e atenuar os seus efeitos. Esta medida inscreve-se, de resto, num esforço sustentado de modernização da SPA, na linha de que deve ser uma empresa moderna e operante, mesmo num sector crítico como é o da gestão colectiva do direito de autor.

O objectivo central desta unidade orgânica é aumentar as cobranças de forma visível, com criatividade e persistência, de forma a contrariar a tendência negativa que a dimensão da crise torna dominante.

A MODERNIDADE PASSA PELO NOVO SISTEMA INFORMÁTICO

A capacidade de intervenção da SPA em domínios tão diversos como a distribuição, a gestão financeira, a gestão de recursos humanos, a actuação das delegações e a multi-lateralidade das relações internacionais assentam na operacionalidade do programa informático SGS, que já funciona na plenitude das suas valências, graças ao esforço e dedicação de técnicos competentes que sabem estar no interesse da cooperativa acima de quaisquer manobras dilatatórias ou inércias administrativas.

O novo sistema informático que passará a ser designado por SPA Digital, e que integra também o ERP e outros programas complementares, garante aos serviços da cooperativa um grau de agilidade, de transparência, de rapidez de resposta e de gestão eficaz nunca antes conhecidos nesta casa. Por outro lado, a entrada em funcionamento do novo sistema permitirá, durante o ano de 2012, assegurar aos cooperadores e clientes o acesso “online” a serviços, informações e operações em que irá



assentar no futuro a modernidade efectiva da cooperativa. Deste modo, a SPA encerra definitivamente o capítulo dos prejuízos causados pela opção feita, há anos, com a escolha de um sistema inadequado e inoperativo que foi gerido de forma irresponsável e incompetente por quem, na devida altura, cessou a sua colaboração com a cooperativa. Esse modelo e esse ciclo encontram-se definitivamente encerrados por serem incompatíveis com a estratégia que a Direcção e a Administração delinearão para o futuro da cooperativa.

CONTAR COM OS TRABALHADORES E COM OS AUTORES PARA CONSTRUIR O FUTURO DA SPA

Contrariamente ao que tem vindo a acontecer em sociedades congéneres com maior poder financeiro e expressão internacional do que a SPA, a nossa cooperativa não efectuou despedimentos de pessoal e, em 2012, fará tudo o que estiver ao seu alcance para que essa regra prevaleça. Num contexto de grave crise financeira, económica e social, é impensável, como qualquer trabalhador consciente sabe, a adopção de uma política de aumentos salariais, o que iria contrariar a tendência nacional para a contenção, para o rigor e para a austeridade enquanto condições básicas de sustentabilidade dos postos de trabalho. No entanto, a Direcção e a Administração não abdicam de pôr em prática, ao longo de 2012, como de resto já tem vindo a acontecer, um conjunto de medidas de complementaridade e apoio social que possam atenuar, entre os trabalhadores os efeitos da crise estrutural que o país enfrenta.

Entre essas medidas contam-se o subsídio de apoio à maternidade, o subsídio de apoio ao ingresso no ensino superior de trabalhadores que optem por áreas de formação e conhecimento do interesse da SPA e ainda a comparticipação no número de refeições servidas diariamente no CCD e que irão aumentar em quantidade logo no início do ano. Por outro lado, irá ser posto em prática o alargamento aos trabalhadores do serviço de descontos Autores Mais, o acesso ao apoio psicossocial e outros benefícios entretanto em análise também para 2012.

Com vista a uma cada vez melhor adequação do quadro de pessoal às novas tarefas e desafios impostos pelo momento presente e pela entrada em funcionamento pleno do SPA Digital, continuará a insistir-se num plano de formação capaz de assegurar esse objectivo essencial.

Sendo a SPA uma cooperativa de autores, cujos interesses e direitos estão sempre presentes nos horizontes da Direcção e da Administração,

será assegurado, ao longo de 2012, o reforço das medidas de assistência e apoio já postas em prática, mas que sofrerão ajustamentos de forma a corresponderem às necessidades reais que o momento impõe.

O PRESTÍGIO E A CREDIBILIDADE DE UMA IMAGEM MODERNA E APELATIVA

Desde 2008 que a SPA, no quadro das mudanças estruturais operadas, tem vindo a investir na criação de uma imagem mais moderna, mais credível e mais apelativa, seja para os autores, seja para os clientes, seja para a opinião pública.

A apresentação de programas de televisão, primeiro na TVI24, depois na RTP2 e de novo na TVI24, muito contribuiu, graças à sua periodicidade semanal, para que a SPA se apresentasse ao público em geral com um novo rosto, um novo discurso e um novo sentido de modernidade capazes de contrastar com a herança recebida. Esse objectivo foi plenamente atingido e irá ter continuidade durante o ano de 2012, designadamente na TVI24, com uma nova série de programas, na RTP com a realização da Gala do Prémio Autor, em finais de Fevereiro, e com um novo ciclo de programas e apontamentos na antena da TSF. Está ainda prevista uma colaboração, na área da programação, com a Antena 1 da RDP.

Deste modo, a SPA, atenta às mudanças que se operam no mundo e às expectativas das novas gerações, fará do ano de 2012, mesmo com a crise em fundo, um tempo de afirmação da qualidade das suas propostas, de que é exemplo a Gala no CCB, já hoje considerada como um exemplar e único espectáculo de televisão, sem paralelo em qualquer outra sociedade de autores a nível mundial.

Ainda em 2012, continuará a apostar-se na qualidade gráfica e de conteúdos da revista “Autores”, na informação permanente prestada pelo portal da cooperativa, cada vez mais dinâmico e abrangente, e numa política sempre renovada de comunicação com os cooperadores e com a opinião pública, de forma a que à imagem da SPA corresponda sempre o conceito de credibilidade e de rigor, bem como a ideia de inovação e de abrangência que contraste com a inércia de anos anteriores ainda recentes.

A imagem da SPA constitui um elemento essencial de uma estratégia de comunicação posta em prática desde meados de 2008 e que tem um papel de extrema relevância junto dos clientes, das forças policiais, das magistraturas e da opinião pública em geral.

SPA: UMA SOCIEDADE PRESTIGIADA NA CENA INTERNACIONAL

A SPA continuará a estar presente, em 2012, na cena internacional, com o prestígio granjeado nos anos mais recentes e que permitiu contrariar a imagem negativa criada no início desta década e que prevaleceu durante algum tempo.

Um Departamento Internacional dinâmico tem garantido uma presença regular da cooperativa nos comités técnicos da CISAC, nos grandes debates internacionais e em estruturas como os encontros lusófonos de sociedades de autores, criados em finais de 2009 por nossa iniciativa. O ano de 2012, com os constrangimentos orçamentais decorrentes do ciclo de crise em curso, será caracterizado por um investimento crescente nas relações com as sociedades dos países lusófonos, designadamente as do Brasil e dos países africanos de língua portuguesa, área estratégica pela qual terá de passar, num futuro próximo, a sustentabilidade do direito de autor em vários continentes.

Por outro lado, a SPA continuará a ter uma intervenção crítica e dinâmica no grande debate que se encontra em curso na Europa sobre o futuro da gestão colectiva e da cópia privada neste continente tão marcado pela incerteza e pela quebra de solidariedades indispensáveis. Apesar de uma significativa redução do número de deslocações internacionais por imperativo da austeridade dominante, a SPA manterá todos os seus compromissos internacionais, por considerar que a sua presença e intervenção são essenciais neste mundo e neste tempo globais. Ainda neste domínio, destaque-se a realização em Lisboa, no mês de Abril, tendo a SPA como anfitriã, da assembleia geral anual do Comité Europeu da CISAC, a mais importante reunião da organização, logo a seguir à assembleia geral da própria confederação. Estarão presentes dezenas de sociedades de toda a Europa, num total de quase uma centena de pessoas, que irão debater em Lisboa os assuntos que mais preocupam as sociedades de autores neste contexto de crise, desde o combate às várias formas de pirataria até ao futuro da cópia privada.

Entretanto, ficou marcado para finais de Abril de 2012 o III Encontro Lusófono de Sociedades de Autores, inicialmente programado para Dezembro de 2011, mas que sofreu este adiamento de forma a poder contar com o maior número de presenças de sociedades deste espaço linguístico e cultural. O ano de 2012 será de extrema importância para o aprofundamento desta cooperação no espaço lusófono.

PLANO 2012

CONTINUAR A APOSTAR NA CULTURA E NO APOIO AOS CRIADORES

A SPA tem sido, historicamente, muito mais do que uma mera sociedade de gestão colectiva, dado que as suas componentes cultural e mutualista, fortemente acentuadas nos últimos anos, se converteram em aspectos estratégicos da sua identidade.

Hoje, a SPA é publicamente reconhecida pela cultura que oferece e difunde, que apoia e promove. Com mais de oitenta projectos aprovados através do seu fundo cultural, a SPA compromete-se, em 2012, a continuar a apoiar projectos de todas as áreas disciplinares que entretanto lhe venham a ser apresentados e aprovados por um júri próprio. Desta forma, a cooperativa assume a sua função de dinamizadora e promotora da criação cultural e artística, ela própria geradora de direitos.

Destaque-se ainda, em 2012, para além da presença regular de autores de todas as áreas na Gala do CCB e nos programas de rádio e televisão, a concretização do ciclo “Autores Falam de Autores”, de uma grande exposição sobre a expressão da Guerra Colonial na cultura e nas artes e de uma exposição sobre a encenadora e dramaturga Luzia Maria Martins, entre outras. Destaque ainda para o grande projecto “A Voz dos Poetas”, que se traduzirá na gravação de cerca de quatro dezenas de discos com poetas que são cooperadores da SPA a dizerem os seus próprios poemas. Este projecto prolongar-se-á pelos próximos anos.

Entretanto, continuarão a ser realizadas entrevistas com autores em fase adiantada da carreira, no ciclo “Testemunhos de Autores”, que já inclui, por exclusiva iniciativa da SPA, mais de duas dezenas de entrevistas.

Realce ainda para a continuidade, em 2012, com êxito reconhecido e confirmado, do programa de animação cultural da cidade do Porto, coordenado pelo escritor e cooperador Álvaro Magalhães e que tem tido como base o Museu Nacional Soares dos Reis, sempre com assinalável presença do público.

Proseguirá ainda, em 2012, o programa de descentralização cultural apoiado nas delegações, que se traduzirá na apresentação de exposições em autarquias, colectividades de cultura e recreio e escolas, de mostras vistas pelo público na sede em Lisboa, bem como de debates sobre temas culturais e direito de autor. Ainda em 2012, prosseguirá a frutuosa colaboração com a Imprensa Nacional-Casa da Moeda, através da publicação de novos títulos de teatro e de um livro com mais de meia centena de biografias de autores, para

além de uma biografia do realizador Fernando Lopes, da autoria do jornalista e crítico Jorge Leitão Ramos. Deste modo, a prática teatral da SPA ajudará a reforçar a convicção generalizada de que sem autores não há cultura.

ESCLARECIMENTO, FIRMEZA E UNIDADE PARA QUE A MENSAGEM E O PAPEL DA SPA SEJAM CADA VEZ MAIS RECONHECIDOS

Durante o ano de 2012, a SPA não abrandará a sua intervenção junto das instâncias do poder político, com o objectivo de assegurar a concretização legislativa da Lei da Cópia Privada, da nova legislação do combate à pirataria e também a entrada em funcionamento do Gabinete de Exportação de Música Portuguesa. Se estes passos não forem dados, designadamente o que diz respeito à nova Lei da Cópia Privada, a SPA e os autores portugueses em geral ficarão mais prejudicados do que neste momento se encontram.

O ano de 2012 será igualmente de maior investimento em acções de formação realizadas em todo o país em articulação com as nossas delegações, e também de formação e esclarecimento das magistraturas, nomeadamente a do Ministério Público, considerando que tem havido da parte da Procuradoria-Geral da República uma clara disponibilidade manifestada nesse sentido.

Destaque-se ainda a reorganização do Departamento Jurídico da SPA, que tem vindo a tornar-se mais operativo, transversal aos serviços da cooperativa e ágil na sua dinâmica de resposta aos sócios e a outras entidades envolvidas, designadamente, em situações de contencioso.

Por outro lado, prosseguirão sistemáticas acções de esclarecimento e informação junto das estruturas associativas e do público escolar, de forma a que se alargue o conhecimento e a sensibilidade de largos sectores da opinião pública relativamente à problemática do direito de autor que, sendo um direito primário e, portanto, fundador, não pode ser subalternizado ou desvalorizado por outros direitos em matéria de cobranças.

A visibilidade e o prestígio públicos da SPA passam também pelo desenvolvimento de acções de reconhecimento do papel desempenhado pelos autores e pelos difusores da obra autoral, o que justifica a continuidade e o aprofundamento, em 2012, da atribuição das Medalhas de Honra da cooperativa, dos prémios Pro-Autor e ainda de outras iniciativas de carácter consagratório destinadas a destacar o rigor e a seriedade que os clientes e operadores cuja acção se considera exemplar.

No ano de 2012, será, entretanto, de signifi-

cativo aumento da economia paralela, ou seja, num contexto de crise grave, aquela que visa a obtenção do maior lucro possível sem o correspondente e indispensável respeito pelos deveres de natureza fiscal e pelo respeito dos direitos dos autores por parte dos agentes da economia paralela. Tenha-se em conta que este sector da economia ronda actualmente os 24% da economia nacional, podendo ascender aos 40% se entretanto não forem adoptadas firmes medidas de controlo e regulamentação. Por isso, a SPA tudo fará no sentido de que as forças policiais e as magistraturas não condescendam com práticas lesivas dos interesses do país, e dos criadores culturais.

Por último, a Direcção e a Administração da SPA reforçarão, ao longo de 2012, a mensagem segundo a qual, mais do que nunca, os autores portugueses deverão estar unidos em torno da estrutura que os representa, nunca confundindo o acessório com o essencial e evitando qualquer forma de mediatização negativa da imagem da SPA, a qual, a verificar-se, seguramente afectará a respeitabilidade da instituição, a sua capacidade negocial e a sua credibilidade junto das instâncias que lideram acções fundamentais para a defesa dos direitos dos autores.

Mais do que nunca, os autores portugueses deverão estar unidos à volta da SPA, com a consciência de que, se assim não acontecer, poderão ficar à mercê de múltiplas e sempre agravadas formas de exploração e usurpação do seu trabalho. Este apelo tem um sentido redobrado, sobretudo se tivermos em consideração que, numa crise como aquela que o país atravessa, haverá menos espectáculos, menos livros editados, menos filmes produzidos, menos encomendas das entidades públicas e privadas e uma inevitável subalternização dos autores e dos artistas, com todo o empobrecimento daí decorrente. Também por isso, a SPA nunca deixará de sublinhar a convicção de que sem autores não há cultura e de que a cultura, nas suas diversas expressões e rumos, pode e deve ser uma via importante para a recuperação do país. Tem sido esta a mensagem da SPA, a sua estratégia e o seu combate, que só terão o êxito desejável se conseguirem congregar os esforços, as vontades e as energias dos milhares de autores que representa, designadamente os das novas gerações, cujo ingresso na SPA tudo faremos para assegurar, já que passa também por aí o futuro da casa dos autores portugueses.

Lisboa, 30 de Novembro de 2011
A Direcção da SPA



SPA INVESTE EM ARMAZÉM PARA PRESERVAR DÉCADAS DE MEMÓRIA



FOTOS: ALFREDO ANTÓNIO

A SPA DISPÕE, NESTE MOMENTO, de um grande armazém com a área de 357,15 m² e um pé direito muito alto, que dará para, no futuro, fazer um segundo piso, situado em Albarraque, Sintra. O espaço encontra-se já totalmente organizado e em condições de funcionamento com os serviços gerais de manutenção e observação regular estabelecidos e pronto para ser acedido por qualquer pessoa que queira consultar, no local, os documentos ali arquivados. Até para escrever teses.

“Esta foi a opção que a Administração fez, no sentido de armazenar um conjunto importante de documentação e de activos bibliográficos, que se encontravam nas caves do edifício sede e na biblioteca do edifício 2”, disse à Autores o presidente da SPA, sublinhando que se trata de “mais de 30 anos de processos de contencioso, de diversas áreas, arquivo morto que não estava convenientemente preservado e organizado e um número significativo de obras editadas pela SPA”.

Todo o material ali armazenado corresponde aos últimos 30/40 anos da Sociedade Portuguesa de Autores. De acordo com o presidente do Conselho de Administração, “existem ali muitos documentos anteriores aos anos 70, por isso quisemos evitar que se degradassem com a humidade e ficassem expostos a risco de incêndio, uma vez que se trata de papel”.

Por outro lado, acrescentou que este investimento tem em vista, igualmente, a expansão da cooperativa, nomeadamente ao nível arquivístico e como forma de poder aceitar espólios vários, que muita gente quer fazer graciosamente à sua casa. Não estando em causa de modo nenhum o interesse documental e

artístico dessas peças, o certo é que, até à data, a SPA não tem tido condições financeiras nem espaciais para guardar convenientemente tais “tesouros” – a aquisição de espólios, na opinião de José Jorge Letria, não lhe caberá, mas sim à Biblioteca Nacional ou ao Museu do Teatro -, daí que este armazém venha agora a colmatar essa falha.

APOIO DE RETAGUARDA PARA O MUSEU DO AUTOR E CASA DO AUTOR

“Este armazém é, no fundo, o apoio de retaguarda para o futuro Museu do Autor”, revelou à Autores o presidente da SPA, para especificar: “Temos estado em negociações com várias câmaras municipais, mormente com a de Lisboa, para arranjar um terreno com vista a edificar a Casa do Autor, que tenha anexo o Museu do Autor.” A negociação tem por base uma troca, a cedência de um terreno municipal pela criação de um Museu do Autor por parte da cooperativa. “Temos, entre muitos outros documentos, manuscritos, trabalhos gráficos, requerimentos de pedidos de inscrição na SPA, como por exemplo os do general Humberto Delgado e do escritor Aquilino Ribeiro, e, desde logo, a nossa colecção de Artes Plásticas, que é muito rica”, pormenorizou José Jorge Letria, vincando a componente de memória que a SPA tem vindo a defender ao longo dos mais de 86 anos de existência.

“A preservação de décadas de memória da SPA vale este investimento”, asseverou o responsável pela cooperativa. *Edite Esteves*



FOTO: ALFREDO ANTÓNIO

PROJECTO
"A VOZ DOS POETAS" JÁ ESTÁ A GRAVAR

“Vamos
ficar
com um
importante
banco
de poesia”

A SPA JÁ ESTÁ a pôr em prática o projecto “A Voz dos Poetas”, que consistirá num significativo conjunto de gravações áudio de poetas que são membros da cooperativa e que participarão dizendo os seus próprios poemas.

Este projecto de características inéditas em Portugal permitirá à SPA, sem qualquer apoio externo, preservar um património literário de inextinguível valor cultural e documental.

“Vamos ficar com um importante banco de poesia”, declarou, entusiasmado, à Autores o presidente da cooperativa, adiantando que não tem conhecimento de qualquer outra sociedade de autores no mundo que tenha um projecto desta natureza.

O projecto, já então em fase adiantada com um número considerável de vozes de poetas gravadas, segundo previsto, deverá ser apresentado publicamente no próximo dia 21 de Março, Dia Mundial da Poesia. Anunciando que já gravaram para este projecto os poetas Vasco Graça Moura e Casimiro de Brito, José Jorge Letria disse que, a seguir na lista de convidados da SPA se encontram Yvette Centeno e Manuel Alegre. No entanto, lembrou que muitos outros nomes importantes na panorâmica da poesia portuguesa do século XX e do princípio do século XXI, cooperadores da SPA, já responderam positivamente no sentido de integrarem esta original iniciativa.

São os próprios poetas que escolhem os poemas que querem ler, até porque há uma grande diversidade de sensibilidades, há uns que gostam de dizer a sua própria poesia e outros mais contidos, que não têm essa predilecção especial, o que, na opinião do também poeta José Jorge Letria, “constituirá igualmente um bom retrato da poesia e dos poetas portugueses”. “O que importa – afirma - mais do que um registo artístico, é o seu interesse documental.”

O RESULTADO É UMA SÉRIE DE DISCOS INDIVIDUAIS

Desta série de gravações irão resultar discos individuais com a voz dos próprios poetas – “Um poeta um disco” ou “20 poetas 20 poemas”, por exemplo. Numa primeira fase, conforme apontou José Jorge Letria, “serão abrangidos somente poetas que têm o estatuto de cooperadores e que se encontram numa fase avançada da sua vida e obra, contando-se entre eles alguns dos nomes mais importantes da poesia portuguesa contemporânea”. “Outros nomes e obras se seguirão nos próximos anos, no âmbito da concretização deste projecto”, assegurou.

Deste modo, e no quadro do trabalho que tem vindo a desenvolver no sentido de preservar e difundir a cultura portuguesa nas suas várias disciplinas, a SPA passará a dispor de uma colecção única de gravações com as vozes dos poetas dizendo os seus próprios poemas.

Todas as gravações serão complementadas com a obtenção de um registo de imagens fixas e em movimento dos poetas que intervêm no projecto, tendo em vista o interesse documental destas presenças.

Até ao momento, como já foi referido, foram efectuadas sessões de gravação com os poetas Vasco Graça Moura e Casimiro de Brito, estando outras já programadas.

PREVISTA A SUA DIVULGAÇÃO NOUTROS SUPORTES

“Está prevista a edição regular de CD’s com os registos efectuados que irão ser tornados acessíveis ao público em moldes a definir com a colaboração dos poetas que aceitarem integrar este projecto”, precisou o presidente da SPA, não descartando a hipótese de se vir a efectuar, mais tarde, o registo destes testemunhos poéticos orais ditos pelos próprios autores noutros suportes. José Jorge Letria falou à Autores, nomeadamente, da eventual produção de um DVD com vários depoimentos, até porque as gravações áudio também estão a ser registadas em vídeo, como acima referido.

Outra possibilidade de divulgação adequada deste aliciante projecto é a publicação de um livro com textos e fotos da poesia registada, pois, também como se disse, todas as sessões são registadas em imagens fixas.

Uma vez que a SPA, de acordo com os seus estatutos de cooperativa, não pode comercializar as obras que produz, o responsável máximo da SPA aventa a hipótese de divulgar alguns dos registos efectivados no âmbito deste projecto com a edição de um jornal.

E porquê a poesia?, pode-se perguntar. José Jorge Letria responde: “Porque a literatura foi uma das disciplinas fundadoras da SPA e porque a poesia é, talvez, a nossa arte mais representativa através dos séculos. Além disso, vamos dar o nosso contributo para valorizar a voz dos poetas, que só alguns deles é que têm possibilidade de editar e dizer os seus poemas.”

E enfatizou, a propósito, o presidente da SPA:

“Esta é também uma forma de mostrarmos aos autores literários e aos poetas em particular que este é o sítio que dispõem para defenderem as suas obras e a sua propriedade.”

Adiantando que a ideia é ainda divulgar os poetas inseridos neste projecto junto das escolas, José Jorge Letria não quis deixar de lembrar que ele, que é o Presidente da Direcção da SPA, tem à sua responsabilidade a área da literatura (cada efectivo e suplente tem uma disciplina diferente a seu cargo), e, frisou, “este é também, enquanto presidente da SPA, o meu contributo para a afirmação da literatura, uma área que poucas vezes esteve na presidência da cooperativa”. *Edite Esteves*



“A MÚSICA É A MINHA VIDA!”

Pedro Osório deixa mensagem de força na apresentação do seu “Cantos da Babilónia”

FOTOS: ALFREDO ANTÓNIO

“A música é a minha vida!” foi a mensagem apaixonante que o compositor e instrumentista Pedro Osório deixou implícita a todos os que tiveram o privilégio de estar presentes na entusiástica sessão de apresentação do seu mais recente disco “Cantos da Babilónia”, na Sala Carlos Paredes da SPA, no passado dia 18 de Novembro. Uma mensagem de força que o maestro haveria de transmitir explicitamente para a nossa revista Autores e, ao mesmo tempo, para a câmara de vídeo do Portal da SPA, que ele ajudou a criar com toda aquela persistência, curiosidade e rigor que todos lhe reconhecem.

Após a sessão e, apesar de já se encontrar extremamente cansado com o extenso e minucioso discurso que prepara metodicamente e com tanto disco para assinar – “É uma ingratidão não o fazer a toda a gente que mo peça”, justificava para quem tentava aliviar-lhe o esforço, adiando parte do acto para outro dia –, o maestro Pedro Osório, membro da direcção e da administração da SPA até ao final de 2010, falou e tornou a falar, sempre com o mesmo entusiasmo, para várias estações de rádio e de televisão que o esperavam na sala a abarrotar de amigos, familiares e companheiros, todos a quererem abordá-lo e presentear-lo com um abraço e uma palavra de incentivo e gratidão. Nós, os da casa, fomos dos últimos. Mas, como diz o ditado, às vezes os últimos são os primeiros. E foi o que aconteceu. Muito emocionado face às nossas parcas questões, acabou por fazer uma declaração extremamente significativa sobre o que lhe ia no coração naquele momento, face à celebração de amizade, admiração e apreço por ele e pela sua obra, que a sua SPA lhe preparara e

que José Jorge Letria havia focado logo na entrada da cerimónia.

“O significado desta cerimónia - salientou - é, se calhar, o ter sido necessário passar estes anos todos, passar estas aventuras aqui, passar as aprendizagens e as trocas de informação, de opinião, de amizades e de paixões aqui para chegar a um ponto em que eu conseguisse fazer um disco que eu acho que é uma das melhores coisas que eu fiz na minha vida! Acho que é consequência, exactamente, do que se passou em torno da minha vida, uma grande parte disso aqui dentro da Sociedade Portuguesa de Autores”.

E, a finalizar, diria com o humor que sempre o caracteriza e com que, aliás, semeou toda a sessão: “Eu costumo sempre dizer que sou um homem cheio de sorte, porque tenho passado a vida a fazer aquilo que eu mais gosto, que é a música, e ainda por cima pagam-me para isso...”

Mas foi no agradecimento final à Autores que ainda teve alento para lançar um esperançoso e confiante “até ao próximo CD!”.

Pedro Osório é mesmo assim. Um verdadeiro canto de vida, um pilar de força indestrutível, um destemido e criativo instrumentista e compositor, um apaixonado inabalável pela música, um inovador na sua arte, procurando estar sempre na linha da frente das experimentações e das novas tecnologias, com que se delicia, um arrastador de sonhos, enfim, um herói, como o classificou o presidente da SPA e seu grande amigo José Jorge Letria na sensível carta que fez questão de lhe ler em alta-voz na sessão, apesar de ser sabido, como adiantou, que falar de improviso é uma das suas características. Uma carta que transcrevemos na

íntegra aqui junto.

“QUE TODOS SE DELICIEM COMO NÓS A OUVIR ESTE DISCO!”

Com a carismática Sala Carlos Paredes, do edifício 2 da SPA, completamente cheia de gente e de comunicação social, numa tarde em que a chuva e o vento fortes tinham cortado caminhos e atrasado sobremaneira muita gente, paralisada no trânsito, a sessão de apresentação do mais recente trabalho discográfico de Pedro Osório “Cantos da Babilónia” não poderia ter sido mais aconchegante e cheia de emoções, algumas de sentido contrário, muito por “culpa” do sentido de ironia flagrante que o maestro sempre tem necessidade de imprimir, logo que presente no ambiente uma curva crescente para “o sério”.

Ao fazer as honras de anfitrião da cerimónia de apresentação deste CD, editado pela Valentim de Carvalho com a chancela da Sociedade Portuguesa de Autores, que o apoiou através do seu Fundo Cultural, o presidente da cooperativa frisou que, mais do que uma sessão de apresentação do seu último CD, esta foi “a celebração da amizade, do apreço e admiração que temos pelo Pedro e pela sua obra”, “e também um acto de homenagem a um dos mais importantes nomes da música portuguesa das últimas décadas”.

Por sua vez, o administrador da Valentim de Carvalho Francisco de Vasconcelos lembrou que foi exactamente com Pedro Osório que se estreou, há mais de 30 anos, como editor musical, num disco de Paco Bandeira para o qual “o maestro fez um trabalho brilhante, uns arranjos fantásticos”. “Numa altura muito difícil para a edição de música



em Portugal” – acrescentou – “é fundamental este apoio da SPA e é uma honra para nós estarmos associados a uma obra desta qualidade”. E exortou os presentes: “Que todos se deliciem como nós a ouvir este disco!”

José Jorge Letria fez então a ponte para o orador seguinte, o administrador e vice-presidente da SPA, João Lourenço, não sem alertar os presentes que “o disco não é para oferecer” [havia muitos discos à porta da sala], até porque “não aconselhamos a gratuidade em circunstância alguma”. E justificou, tendo por fundo um compreensivo riso geral: “Como vivemos das cobranças dos direitos, o disco deve ser vendido”.

“O PEDRO VAI TER O SEU MOMENTO NA GALA DA SPA NA RTP”

João Lourenço começou por dizer que conhecia o Pedro Osório há muitos anos, e que tinha tido o privilégio de trabalhar a seu lado na SPA, “sobretudo pelo seu rigor e pela forma como ele se dedica às causas”. Ficara muito triste quando, no princípio deste ano, ele lhe comunicara que tinha de abdicar da SPA, pois “precisava de tempo para fazer aquilo que mais gosta de fazer, a música”. “E fez, ela aí está neste disco, numa coligação com esta casa”, acrescentou. “Todas as composições são boas e algumas são excelentes!”

A propósito, anunciou que na sequência do contrato firmado entre a Sociedade Portuguesa de Autores e a RTP que, apesar da situação difícil que se vive no país, assegurou mais uma vez a transmissão directa da Gala dos Prémios Autor SPA/RTP, em Fevereiro próximo, “o Pedro vai

MAESTRO EXPLICA EM PORMENOR OS CAMINHOS PARA “CANTOS DA BABILÓNIA”

“É UM DISCO BASEADO EM EXCERTOS DE CANTOS DE TODO O MUNDO”

Seria exaustivo para o leitor explicar aqui todo o extenso discurso que Pedro Osório fez, nesse seu tom rigoroso, mas brincalhão sempre que pôde, para apresentar o seu mais recente CD, que “é baseado em excertos de cantos tradicionais de todo o mundo”. Com linguagens que não são entendíveis a não ser através da música – daí a designação de “Cantos da Babilónia” - ele construiu “uma obra de excelente qualidade”, que reúne dez peças, cada uma com origens diferentes.

O exigente maestro mostrou também nesta exposição altamente organizada e levada ao pormenor a sua ânsia de partilhar os seus saberes, de agradecer a quem partilhou com ele esta aventura – “foi um trabalho muito interessante e muito motivador, procurando sempre preservar as características das canções em que me baseei, fossem do Japão, da Tailândia, do Quênia ou da Índia” – e de transmitir toda a paixão que sente pela música.

No próprio livro que consta do CD, Pedro Osório resume na perfeição a sua obra, que ele fez questão, no seu preciosismo, em desmultiplicar à minúcia na sua intervenção. Por isso, aqui retivemos as suas palavras mais breves, convidando os leitores a comprarem o disco e a deliciarem-se com ele:

“Este é um trabalho que foi tomando forma ao longo de cerca de três anos. A ideia era compor uma série de peças baseadas em excertos de cantos tradicionais de diversos lugares de todo o mundo. Dois anos e meio de experiências e de pesquisa viriam a ser o ponto de partida, tentando, também, abordar essa ideia dos mais diversos modos. Finalmente, optei por uma configuração definitiva: as peças seriam fundamentalmente para piano, com uma utilização frugal de instrumentos samplados ou electrónicos. Uma vez fixada a decisão atirei-me ao trabalho de composição que, seis meses depois, estava terminado”.

São as seguintes as peças do CD “Cantos da Babilónia”:

Kerekeria (Nigéria); *As mãos que cantam* (Tailândia); *Da terra se faz a vida* (Portugal - Beira Baixa); *Memórias com todas as cores* (Vietname); *O beijo do Sol* (Quênia); *Flores de pedra* (China); *Mensagem dos espíritos distantes* (Japão); *Dança em sol menor* (Espanha – Andaluzia); *O segredo da terceira visão* (Índia); *O arame que conta histórias* (Costa do Marfim).

Quem quiser ouvir uma das músicas deste CD, de graça, no caso *O beijo do Sol*, poderá ir ao Youtube, pois Pedro Osório atreveu-se a fazer, ele próprio, um videoclip, com a ajuda do filho e da nora. Será apenas um aperitivo essencial para comprar a obra, estamos certos. O mesmo aconteceu na sessão, com a passagem em ecrã gigante do referido videoclip, que se encontra na internet. *Edite Esteves*

NOTA: Dado o interesse demonstrado em mostrar como trabalhou e introduziu as novas tecnologias para construir este CD, o maestro deixou no ar a promessa de propor à SPA a efectivação, nestas instalações, de um *showcase*, juntamente com mais colegas músicos, sobre este assunto. “O que acontece é que, hoje em dia, há softwares que permitem pegar em vozes e “fazer trinta por uma linha”, explicou.



ter o seu momento”.

Pormenorizou, então, que, durante o espectáculo, “esse momento será dirigido pelo maestro Jorge Costa Pinto e contará com a participação de 13 elementos com um piano e um computador com uma voz feminina que o próprio Pedro descobriu”. O momento será complementado por um vídeo que o Pedro também fez. “Final, ele é realizador de vídeo e eu não sabia...”, gracejou, para salientar os dotes do maestro, sempre de surpreender, sobretudo quando se trata de inovações, sobretudo as tecnológicas. Depois, o também director e encenador do Teatro Aberto fez questão de sublinhar “o excelente trabalho de arranjos fantásticos” que Pedro Osório fez, ao longo de muitos anos, para algumas das peças que a companhia daquele teatro levou à cena. “A música para teatro que ele fez está muito esquecida e é pena”, frisou, dando muitos exemplos de contributos que ele deu ao Teatro Aberto, “acompanhando-nos por esses sonhos de Abril”.

“Trabalhar ao piano ao lado dele é maravilhoso!”, confiou. “O seu rigor, a sua sensibilidade, o seu saber e a sua intenção fazem dele o grande maestro que é. Extraordinário! O Pedro tem um sentido musical para o espectáculo como poucos. Estou-lhe muito agradecido!”

E finalizou, afirmando que espera que ele ganhe a batalha que tem estado a travar, porque, assegurou: “Quero ter um novo projecto com ele.”

Seguiu-se o presidente da SPA, que reivindicou o direito de ler um texto de sua autoria, em forma de carta dirigida ao seu amigo Pedro Osório. Uma carta em alta-voz que, pelo seu alto significado, fica reproduzida aqui na íntegra. *Edite Esteves*



“ESTE TEU DISCO É UMA LIÇÃO HUMANISTA DE UM GRANDE MÚSICO”

Meu querido Pedro,

Imagina que eu que, como sabes, sou dado à liberdade da palavra solta, ao improvisto que desencadeia emoções e desperta sentidos inesperados, decidi escrever-te, neste dia especial, uma carta em alta voz para não deixar escapar nada daquilo que tenho para te dizer.

Eu sei que, pelo menos na aparência, só estamos a lançar um disco, mas, na realidade, estamos a fazer muito mais do que isso. Estamos a celebrar a tua criatividade, a tua obstinação, o teu amor à música e à vida. Estamos, afinal, a celebrar a pessoa única que tu és e o afecto e a admiração que nos ligam a ti.

Durante mais de sete anos estivemos lado a lado no complexo processo de modernização desta casa. Tenho a consciência, como poucos, do contributo que deste, dia a dia, para que esse processo fosse coroado de êxito. E garanto-te que não te vamos desiludir.

A tua firmeza, o teu rigor ético, a tua capacidade de trabalho, o teu profissionalismo e a tua lealdade foram sempre uma fonte de inspiração para quem trabalhou contigo na SPA. Falo por mim, falo por todos os que sabem que não peço por excesso ao fazer esta afirmação. Vivemos momentos muito difíceis e incertos, mas nunca te vi hesitar perante as decisões que o tempo tornava urgentes e a realidade tornava imperativas e inadiáveis. É assim que se constroem as amizades que ficam para a vida e que nos ensinam a amar ainda mais a vida.

Ao longo destes anos vi nascer o que viria a ser o teu livro de crónicas que acabou por se converter numa exemplar colectânea de memórias musicais e pessoais de um grande músico, instrumentista, compositor e chefe de orquestra que nunca abdicou da exigência crítica e do direito de lutar pela justeza das suas opiniões, princípios e valores. Disse-o no texto introdutório que para ele escrevi e reafirmo-o hoje aqui. Ao longo destes anos fui tendo notícias, quase dia a dia, do tributo que continuaste a prestar à música, não consentindo que as tarefas burocráticas da gestão corrente te afastassem da grande paixão da tua vida. E quase sempre me dizias, com um sorriso de prazer antecipado: “Amanhã vou fazer música”, como se dissesse, “amanhã continuo a respirar”. Foste gerindo o tempo da tua vida e as tuas energias em função daquilo que definiste como uma prioridade existencial, sem contudo deixares de parte o teu compromisso com o presente e o futuro desta casa, sem te deixares enredar em rotinas paralisantes, em conformismos comodistas ou em formas de apatia que acabam quase sempre por encobrir incompetências sem remédio. Quiseste sempre ir mais longe, arriscar, apostar na modernidade e na mudança, com a juventude de uma idade que nunca cedeu à resignação nem às limitações dolorosas que o

corpo lhe foi impondo.

Ao corpo foste sempre dizendo: “não te dou confiança suficiente para me afastares do que é verdadeiramente essencial.” E o essencial era e sempre foi a vida, o trabalho, a música e a certeza de que vale a pena lutar por aquilo em que se acredita. E assim foste confirmando o teu estatuto de mestre, não só de xadrez, congeminando sempre a jogada futura, mas também de senhor do teu próprio destino. De um destino que os deuses da sorte não quiseram premiar, mas aos quais impuseste, de forma tenaz e sábia, a tua vontade férrea, inspiradora e triunfante.

Tudo isto, meu querido Pedro, numa carta que já vai longa, para chegar ao teu “Cantos da Babilónia” que, depois de ouvir mal ficou pronto, só me leva a tomar de empréstimo o verso de um poeta francês que disse: “A um coração valente nada será impossível.”

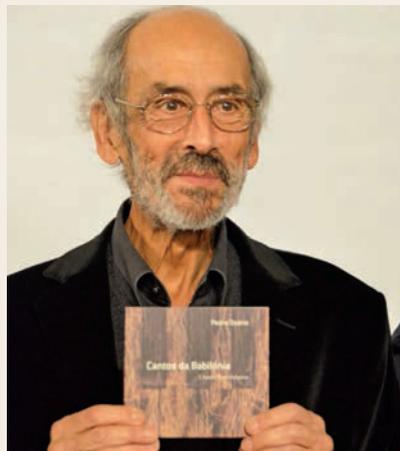
Deste-nos com este disco e com tudo o mais que connosco tens partilhado uma prova de resistência, de coragem, de talento e de amor à vida que faço questão de contar aos meus netos como um exemplo a seguir perante a adversidade e os golpes baixos do destino.

Este disco que hoje apresentas nesta tua casa, que te recebe e receberá sempre de braços abertos, com amizade e a mais comovida admiração, é uma celebração da diversidade que o mundo representa e exalta e também uma mensagem, neste tempo global, sobre aquilo que deve ser o entendimento pacífico e criador entre civilizações, povos e culturas. Porque, ou nos entendemos ou nos afundamos no abismo final. Também nessa perspectiva, o teu “Cantos da Babilónia” deve ser ouvido, sentido e admirado, por ser uma lição

humanista de um grande músico que nunca se deixou confinar às evidências redutoras de um tempo e de um lugar, teimando em ver e em sentir muito para além dele, como sempre acontece com quem inova, com quem inventa, com quem constrói sem ter medo de arriscar, mesmo contra ventos e marés. Sei bem, todos sabemos, quanto deste de ti a este projecto, a este sonho vital, a este caso de amor com a música e com a vida, fazendo de cada som, de cada tema, de cada voz uma fonte de luz e de esperança capaz de vencer todas as sombras que te quiseram obscurecer o horizonte.

Hoje estás connosco como sempre estiveste, livre, obstinado, criativo e valente, e creio que todos te queremos agradecer a exemplar lição de amor à vida e à música que connosco tens partilhado. E já agora, meu querido Pedro, creio que também te queremos agradecer, neste canto da Babilónia dos sonhos por cumprir, o direito que nos deste de te chamarmos Herói.

José Jorge Letria





COLÓQUIO EM OEIRAS SOBRE O CENTENÁRIO DA ADESÃO DE PORTUGAL À CONVENÇÃO DE BERNA *

“NÃO PROTEGER OS AUTORES NO PLANO JURÍDICO É SECAR UMA FONTE DE RIQUEZA”

Começo por saudar os organizadores deste colóquio e a atarquia que o acolhe, salientando a oportunidade e a actualidade da iniciativa que, celebrando o centenário da adesão de Portugal à Convenção de Berna, promove um oportuno debate sobre a presente situação do direito de autor e sobre o futuro desta área relevante dos estudos jurídicos.

Nunca como hoje o direito de autor enfrentou tantos desafios, incompreensões e ameaças. Nunca como hoje os autores estiveram tão desprotegidos e, conseqüentemente, à mercê da arbitrariedade de uns, do oportunismo de outros e da apatia de muitos outros.

Por outro lado, o facto de estarmos a viver, neste mundo global, uma acelerada e irreversível revolução tecnológica exige dos legisladores, dos investigadores e, naturalmente, dos próprios autores novas formas de entendimento do que deve ser o direito de autor na perspectiva do que será a sua desejável adequação a realidades que ainda há poucos anos eram absolutamente imprevisíveis. Convenientemente reguladas e regulamentadas, as novas tecnologias podem ser o maior aliado dos autores na difusão e universalização das suas obras. Mas se esse requisito prévio não for assegurado podem converter-se, como tantas vezes acontece, no seu temível inimigo, uma vez que franqueiam a porta a fenómenos como a pirataria.

Para que estas situações não se generalizem de forma preocupante, é imperioso que o poder político, pelo

menos nos países em que o direito de autor é devidamente respeitado, legisle de forma a proteger os criadores intelectuais e a criar condições para que o seu labor engrandeça as culturas nacionais, crie mais emprego, mais riqueza e um quadro de fortalecimento das entidades nacionais. É igualmente necessário que a transposição das directivas da União Europeia para o ordenamento jurídico nacional se processe de forma justa, ágil e adequada à realidade com a qual lidamos, para que não se verifiquem situações como as ocorridas, por exemplo, com as directivas sobre o empréstimo de livros para bibliotecas. É ainda indispensável que as forças policiais e as instâncias da magistratura contribuam, sem ambiguidades ou hesitações, para que os direitos dos autores sejam respeitados e para que a população em geral ganhe o hábito saudável de os respeitar.

Concomitantemente, é imperioso que se desenvolvam acções de carácter pedagógico junto da população escolar para que as crianças e os adolescentes de hoje não se transformem, tantas vezes por ignorância, nos piratas de amanhã. Neste domínio é cada vez mais necessário que o trabalho de persuasão previna, complete e enquadre o de dissuasão, de forma a que as soluções para este intrincado problema não se limitem a ser de índole repressiva.

Num contexto de aguda crise económica e social a desprotecção dos autores é cada vez mais evidente e preocupante, sobretudo se as instâncias oficiais se inclinarem para dar sempre razão

aos consumidores em detrimento dos autores, fazendo prevalecer a regra da maioria, ou seja, aquela segundo a qual os consumidores são os eleitores que votam e os autores a pequena minoria que só dá jeito para ornamentar as lapelas eleitorais. Sobre esta temática tão fascinante quanto inquietante, fica sempre muito por dizer. Por isso é necessário que se diga sobretudo o essencial. É o essencial tem a forma de uma constatação: não proteger os autores através da consolidação das garantias de que são credores no plano jurídico, é fragilizar a própria identidade cultural de um país e secar uma fonte de riqueza que a gravidade do momento que vivemos não permite que seja ignorada.

A Sociedade Portuguesa de Autores aproveita a presença nesta iniciativa para apelar aos decisores políticos no sentido de que assegurem a entrada em vigor da nova Lei da Cópia Privada e de um quadro legislativo eficaz para o combate à pirataria. Sem estes instrumentos, a situação dos autores portugueses tornar-se-à ainda mais crítica e preocupante do que já é neste momento.

“Se todos os artistas da terra parassem durante umas horas, deixassem de produzir uma ideia, um quadro, uma nota de música, fazia-se um deserto extraordinário”. Não são minhas estas palavras, mas sim da grande escritora Agustina Bessa-Luís, cooperadora da SPA, cuja obra merece sempre ser lida e relida e cuja visão da realidade está bem presente nesta frase que sintetiza um pensamento, uma visão da vida e da arte e a força de um olhar crítico sobre o trabalho dos criadores. Como entre os direitos que lhes assistem não se conta o direito à greve, que ninguém espere vê-los tornarem-se improdutivos, por um imperativo ético e cívico, no mesmo dia e à mesma hora, mas, se tal acontecesse, que triste e pobre se tornaria o mundo em que vivemos.

*José Jorge Letria
Oeiras, 2 Setembro 2011*

*A comunicação do Presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, José Jorge Letria, que reproduzimos aqui na íntegra, abriu a cerimónia em Oeiras, tendo depois discursado, também em nome da SPA, o director dos Serviços Jurídicos da cooperativa e assessor da Administração. “A gestão colectiva dos direitos, o interesse público e a crise económica” foi como o advogado Lucas Serra tituló a sua intervenção.

Declaração de obra na SPA fica isenta de pagamento

No âmbito da modernização da SPA e da actualização de procedimentos que visam prestar um serviço de maior qualidade aos membros da Cooperativa, a Administração da SPA tomou a decisão de isentar os autores de qualquer pagamento pela entrega da Declaração de Obra, conforme refere numa nota de 4 de Novembro passado.

“Esta decisão” – justifica o Conselho de Administração – “que visa igualmente diminuir o tempo decorrido entre a entrega e a validação das Declarações de Obra, tem como consequência a passagem da responsabilidade da recepção das declarações de obras musicais, literário-musicais e literárias (letras para obras musicais) para o Departamento de Documentação, continuando no entanto a entrega a ser efectuada no Departamento de Atendimento aos Autores, no balcão existente para esse efeito”.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA ELOGIA PRESTÍGIO DE ESCRITORES PORTUGUESES NO ESTRANGEIRO

“É uma mais-valia para o nosso País”

O Presidente da República elogiou, no passado dia 22 de Outubro, o sucesso de escritores portugueses no estrangeiro, considerando que o prestígio que alcançam além-fronteiras é sempre uma mais-valia que se reflecte na imagem global de Portugal.

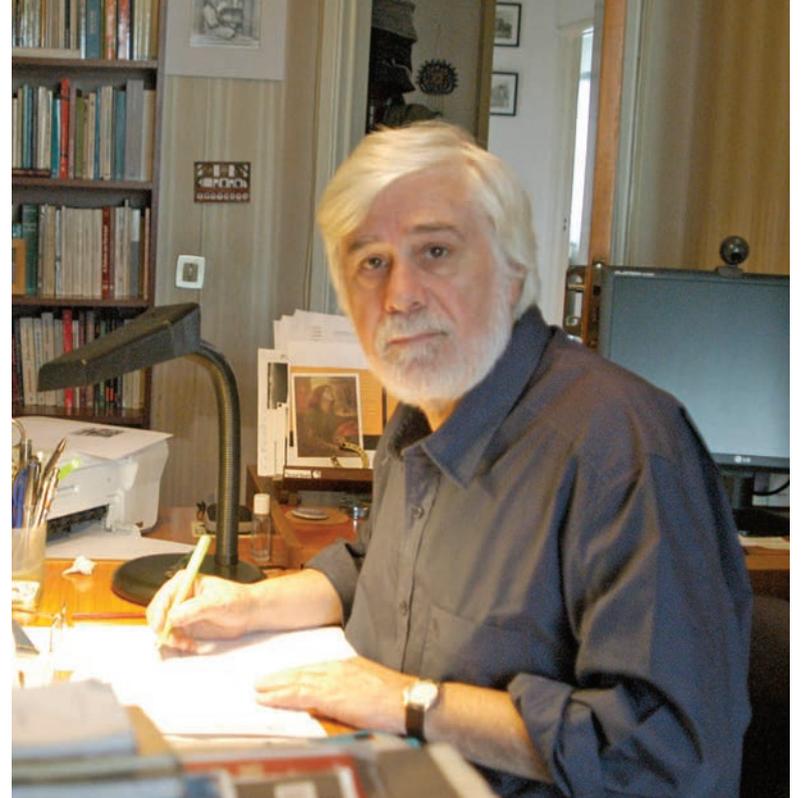
Numa intervenção na cerimónia de atribuição do Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores, o chefe de Estado, Aníbal Cavaco Silva, deixou elogios ao vencedor do galardão, Gonçalo M. Tavares, que considerou ser “um dos nomes indiscutíveis no panorama das letras contemporâneas”. O romance “Uma Viagem à Índia” foi a obra distinguida pela APE. “Aquilo a que vimos assistindo, a cada nova edição, é de facto um consenso tão alargado, expresso de tantos modos e por tão qualificados representantes quer da academia, quer da opinião pública e dos media, que seguramente o seu significado não se resume a um episódio passageiro”, afirmou, referindo-se à obra de uma década de Gonçalo M. Tavares, também galardoado pela SPA com o Prémio Melhor Narrativa Ficcional 2011, durante a II Gala Prémio Autores, transmitida pela RTP em directo do CCB, no dia 21 de Fevereiro, por aquela mesma obra.



À CONVERSA COM **ALICE VIEIRA**



JAIME ROCHA



FOTOS: ALFREDO ANTÓNIO

JOSÉ JORGE LETRIA



RUI ZINK



As Casas-Museu de escritores

Costuma visitar casas-museu de escritores?

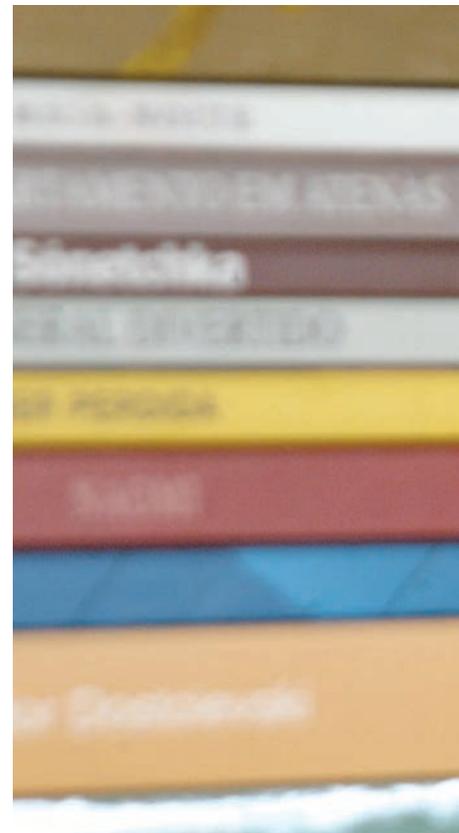
Alice Vieira (AV) – Costumo. Sempre que vou a um sítio que tem casas de escritores, faço um esforço para visitá-las. Mas, às vezes, são as próprias casas-museu de escritores que vêm ter comigo! Lembro-me de uma vez, em França, em que cheguei cedo ao local onde tinha de estar. Comecei a vaguear por ali, um sítio muito bonito, perto de uma floresta. E, de repente, dei com a Casa do Mallarmé.

José Jorge Letria (JL) – Costumo, tanto em Portugal, como no estrangeiro. Porque acho que elas contribuem para preservar a memória dos escritores e que nos ajudam a perceber, a nível até da História das mentalidades e do gosto, como era o quotidiano deles, quais eram os objectos que utilizavam, as canetas, as máquinas de escrever, os óculos, os cachimbos, essas coisas todas. Quando saio, por razões profissionais ou de turismo, tento levar comigo referências de casas para visitar – e, sempre que

posso, visito-as. Tenho feito isso em Espanha, em Londres – onde já visitei muitas casas, desde a do Dickens até à de um que não é normalmente visto como escritor, mas que foi um grande escritor, o Freud –, etc. Talvez uma das soluções mais interessantes seja a do Museu dos Escritores, em Dublin. Como o museu não é muito grande, optaram por dividi-lo em vários espaços. Para cada escritor, está lá o essencial: informações e pequenos objectos que ajudam a perpetuar a sua memória.

Rui Zink (RZ) – Não. Não tenho nenhuma motivação particular para isso. Nem para visitar casas nem bares de escritores. Uma vez, fui a Cuba e havia uma fila turística para ver o bar onde o Hemingway bebia mojitos. É como querer apanhar o espírito do Fernando Pessoa indo à Brasileira. Quando quero visitar uma casa de escritor, vou à minha, que é um autêntico museu; quando quero visitar um bar de escritor, venho aqui à Vita, beber uma cerveja.

As exposições, os museus de temáticas literárias e as casas-museu de escritores reúnem visitantes com múltiplos interesses: simples curiosidade, fascínio, valorização literária, reconhecimento cultural, investigação... Muitos são leitores confessos dos autores expostos, outros são também, eles próprios, fazedores de uma obra literária. As entrevistas que Alice Vieira, Jaime Rocha, José Jorge Letria e Rui Zink me concederam para o trabalho de dissertação de mestrado em Museologia e Património Cultural que apresentei à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, foram, na sua singularidade, momentos de reflexão sobre os espaços museológicos onde os escritores e as obras devem perdurar com vida. Trazer para esta revista alguns dos excertos é, acredito, partilhar um tema que interessará a muitos autores.



De qualquer modo, considera que a casa-museu de um escritor pode contribuir para o entendimento e a promoção da sua obra?

RZ – Depende do modo como for concebida. Um museu é um espaço onde se põem obras de arte – e as pessoas vão lá para ver essas obras de arte. No caso de um escritor, as obras de arte que ele fez são os livros que escreveu e foram publicados. Isso é a obra dele; tudo o resto é secundário. O grande risco das casas de escritores – e isso é um vício actual – é o de mitificar o quotidiano e esquecer que a obrzinha, esse objecto feito livro, é que é verdadeiramente importante. Desconfio à partida dessa visão das casas de escritores. Mas não sou contra as casas de escritores. Considero que podem ser instrumentos importantes quando se tornam vivas, quando ajudam a empurrar para a obra, quando levam as pessoas que não iriam ler o escritor a lê-lo. Portanto, acho muito bem que uma casa de escritor tenha lá livros desse escritor para vender; e, eventualmente, que seja editora dos seus livros menos comerciais.

Uma das poucas casas que conheço – e onde vou com alguma frequên-

cia, por razões de trabalho – é a do Pessoa, a que até acho graça. Não sendo, nem de longe, o sítio mais importante onde o Pessoa viveu, foi aquele que transformaram para ser: por um lado, uma espécie de museu do labirinto pessoano; e, por outro, uma casa de poetas. Parece-me muito bem que seja uma casa para falar de poesia, em que o Fernando Pessoa, umas vezes, ocupe cinquenta por cento do programa e, outras, apenas dez por cento.

O que procura, quando visita a casa-museu de um escritor?

AV – Procuo o escritor mesmo. Por isso é que considero a Casa Fernando Pessoa um bocadinho fria: é um lugar de cultura, um lugar onde acontecem muitas coisas, um excelente centro de estudos; mas, para mim, ele não está lá. E não é isso que eu quero; eu quero mesmo encontrar o escritor lá, quero encontrar a manta de quadrados... Gosto de encontrar referências, de encontrar os escritores “vivos” nas suas casas. Não chega terem lá as coisas e nós olharmos para elas. A casa tem de ser dinamizada, para o escritor estar “vivo” é preciso pegar nos objectos mortos e fazer deles

objectos vivos, organizar encontros... E, sobretudo, enquadrá-la bem no sítio onde está – caso contrário, torna-se um corpo estranho, as pessoas da terra não a sentem como sua.

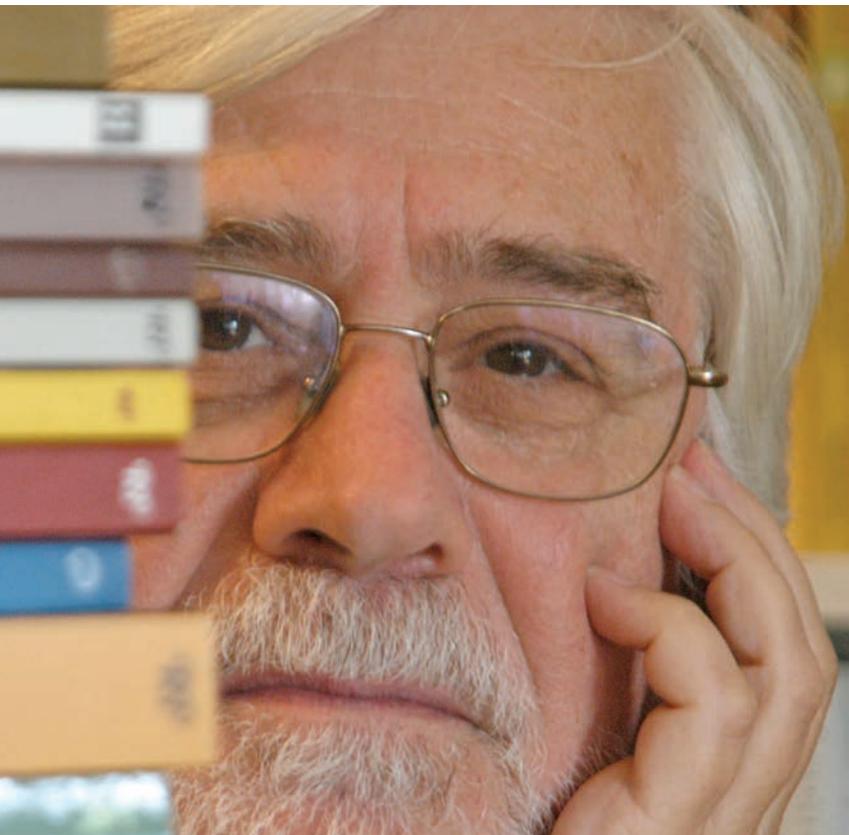
Jaime Rocha (JR) – Fazer a relação entre o mundo literário do autor e o modo como ele vivia. O que me interessa mais, para além do gosto das mobílias e dos objectos, é descobrir o que foi preciso construir, o altar, o lugar físico – que lugar físico é que permitiu a este escritor escrever esta obra. Tento fazer essa relação entre o físico – a casa, palpável – e o que ele escreveu. É sempre uma coisa viva o que eu consigo ver. Quando a casa-museu se torna muito museu, já me interessa menos.

Que casas-museu destacaria, no estrangeiro e em Portugal?

JJL – Vi algumas muito boas. Aquelas que me pareceram funcionar melhor foram a do Goethe, em Weimar, e a do James Joyce, em Dublin. Estão organizadas como acho que devem ser as casas-museu de escritores. Ou seja: incluem biblioteca e centro de estudos. Duas outras casas muito bem estruturadas são a do Strindberg, em Estocolmo, e a do

Hans Christian Andersen, em Oslo. Em Portugal, a Casa do Camilo é uma boa casa-museu de escritor. Tem centro de estudos e reconstitui muito bem o universo camiliano. Mostra-nos o espaço em que ele escrevia, as condições de iluminação – escrevia à luz da vela –, a arma com que ele se suicidou... As duas casas do Ferreira de Castro também são bons exemplos: tanto a de Sintra, que é a que conheço melhor, como aquela onde ele nasceu, em Oliveira de Azeméis. Pelo contrário, há casas que são lançadas com muito ânimo e que depois ficam um bocado abandonadas e entregues à rotina de apenas esperar os visitantes, talvez ao domingo, que é de borla... Por isso é que eu acho que devem ter sempre biblioteca, centro de documentação e centro de estudos. Para que os investigadores possam investigar, para que os biógrafos possam trabalhar... E que haja dinamização – visitas de escolas, trabalhos sobre o escritor...

Isso é capaz de ser o sonho da maior parte dos escritores: um dia, deixarem o seu espólio devidamente organizado, num espaço que não digo que perpetue, mas que pelo menos prolongue a sua memória



no tempo.
AV – Eu gosto muito do Dickens. Por consequência, gosto muito de tudo o que diga respeito ao Dickens. Ele tem várias casas. Não conheço todas. Mas a de Londres, por exemplo, é muito bonita e está muito bem cuidada. A gente imagina-o a viver ali. De cada vez que vou a Londres, visito a Casa do Dickens. É a casa que gosto mais de voltar a ver. A do Mallarmé é uma casa lindíssima e está muito bem dinamizada, fazem receitas e compotas tal como a filha dele fazia, tem um jardim muito cuidado, com um delicioso cheiro a maçãs. É uma casa muito vivida. Acho que essas presenças é que são importantes para quem gosta de ler.

Em Portugal, gosto da Casa do José Régio, a de Vila do Conde, e da do Camilo. A propósito, na do Camilo aconteceu-me uma muito engraçada: estávamos a fazer turismo cultural, a minha filha e eu. Na altura, ainda havia na estrada poucas indicações para a casa; nós perdemo-nos, andámos por ali às voltas, encontramos a placa lá para a terra, mas não demos com a casa. Às tantas, entrámos por um caminho de terra batida, com um café e uma senhora a estender a

roupa. A minha filha saiu do carro, chegou lá e perguntou: “Ó minha senhora, a Casa do Camilo?” E a senhora respondeu: “Olhe, eu não sei, mas entre aí no café, que eles conhecem todas as pessoas aqui da terra.”

A Casa do Egas Moniz, em Avanca, também é uma grande casa, muito bem conservada, com uma grande biblioteca. É de um tempo em que havia moradias e tempo para lá estar e pessoas para lá viver.

Uma casa que me deu muita pena – pode ser que agora esteja melhor – foi a do Júlio Dinis, em Ovar. Esse também teve muitas casas. Mas viveu ali bastante tempo e, sobretudo, foi ali – pelo menos, diz-se –, que se inspirou para As Pupilas do Senhor Reitor. E é muito pobre, não tem nada... Lembro-me de que na loja nem um livro do Júlio Dinis havia – nenhum. Isso é triste. Eu gosto muito do Júlio Dinis. Somos levados a achar que ele não é um grande escritor – e é.

Uma boa casa-museu de escritor promove a leitura das obras?

JJL – Sem dúvida. Se for bem estruturada e bem integrada na vida comunitária, claro que sim. Sou um adepto incondicional das boas casas

de escritores. Portanto, tenho uma visão muito positiva das casas-museu de escritores. Mas também uma visão um bocado desencontrada. Porque há de tudo: há as que são dinâmicas, que vão à frente do seu tempo, que fazem a ligação com as escolas, as universidades, o poder central; e outras que não, que se limitam a ser repositórios de memórias pessoais e que tendem a cair em rotinas e na banalização.

Já lhe aconteceu visitar a casa de um escritor de quem não conhecia a obra?

JR – Sim, em Inglaterra, a do Robert Burns, um poeta que tinha raízes camponesas. A casa dele possui jardins à volta, é uma casa com respiração para o exterior, com telhado de colmo. Gostei muito.

Visitar uma casa-museu de escritor, quando não se conhece a obra dele, pode levar a lê-la?

JR – Tenho dúvidas. É claro que, se uma pessoa gostar da casa, pode ter curiosidade em ler um livro. Mas, se o escritor tem muitos livros, como é habitual, essa pessoa pode cair num que não seria o indicado como o primeiro livro dele para ler – e, então, desliga.

Sei que os leitores dizem que é importante conhecer o escritor. A questão é que, quando não se gosta do escritor [como pessoa], normalmente, rejeita-se a obra: “O escritor é antipático!” As pessoas vão à procura de uma corrente de afecto.

O Manuel da Fonseca – romancista e poeta alentejano – tinha esse dom. Ficava a falar com as pessoas [nas sessões de autógrafos]. Ia-se formando fila, e o editor, o Zeferino Coelho [da Caminho]: “Ó Manel, vá lá...” “Ah, desculpa.” Com estudantes, então... Ele era fantástico. E terá agarrado assim alguns leitores.

A casa pode também ter esse lado do “Deixa-me ler um livro.” Mas quem não gosta de ler bem pode ver montes de casas... E se a pessoa nunca leu o Camilo, por exemplo? Está a ver a casa, não sabe quem é o Camilo, e o guia diz-lhe: “Ele estava ali e deu um tiro na cabeça – pum!” O eventual leitor até pode ter medo: “Se passa para mim...” [Risos.]

Se, à partida, se gosta de ler, é bom ir ver a casa. Uma casa-museu promove a obra de um escritor, quando se vai à casa porque já se gosta do escritor. Agora, para quem lá vai por voyeurismo – “ah, este





autor teve três mulheres e dezassete filhos, deixa ir lá ver...” –, não. Se as pessoas visitam as casas para ver como é que era o quarto do escritor, depois não vão ler; ficam com aquilo apenas para contar aos amigos – “olha, vê lá, aquele dormia numa cama assim...”

Devia haver mais casas-museu de escritores em Portugal?

JJL – Sem dúvida, porque há obra e nomes para isso. Podiam ser criadas mais casas-museu, sobretudo com o apoio autárquico. Claro que isto levanta problemas: de logística, de infra-estruturas... Muitos espólios estão dispersos, outros foram doados ou vendidos à Biblioteca Nacional. A criação ou reconstituição de uma casa depende muito do espólio disponível, da correspondência, dos manuscritos... E ou o espólio fica com a família ou com uma Câmara Municipal, ou então... Se vai para a Biblioteca Nacional, já não há hipótese.

O facto de haver diferentes casas-museu de escritores obriga-nos, a nós, leitores, a ir a cada um desses espaços. Sente a necessidade de um Museu dos Escritores ou um Museu da Literatura que contasse da generalidade dos principais escritores portugueses?

JR – Isso teria um ar de supermercado que, a mim, pessoalmente,

não me atrairia muito. Seria uma coisa de grande público, um bom negócio, mas desvirtuaria as coisas. Parecer-me-ia melhor uma feira, talvez de dois em dois anos, durante quinze dias, um mês, dois meses. Mostras desse género eu até gostaria de ver, mas não um museu permanente, que seria uma coisa morta, uma coisa parada. Exibições temáticas, sim. Por exemplo, os livros preferidos de cada escritor, uma mostra de manuscritos ou das vozes dos escritores. O British Museum, em Londres, tem uma parte em que pomos uns auscultadores e ouvimos o Joyce a recitar um bocadinho do Ulisses. E tem outros escritores, já da época do sonoro, com as suas vozes. Não gostei nada da voz do Joyce, uma decepção! [Imita. Risos.]

Vê, em Portugal, um museu dedicado à literatura infanto-juvenil?

AV – Por cá, tudo o que é para crianças parece ser sempre um bocadinho complicado. Mas vejo, sim, porque já temos autores que o justifiquem, e obras, até personagens. Acho que seria uma boa ideia, as entidades deveriam começar a pensar nisso.

Há uma coisa lindíssima em Estocolmo, que é o parque temático da Astrid Lindgren, a grande autora infantil e juvenil da Suécia. É um parque extraordinário, que

tem todos os livros dela, como a série da Pipi das Meias Altas. Há um teleférico – a gente vai lá em cima, a ver as personagens e as paisagens dos livros, quase em tamanho natural, uma coisa espantosa. E não é só para se ver. Há uma figura fundamental nos livros da Pipi, que é o cavalo, um cavalo com bolas pretas. E lá está esse cavalo, enorme, os miúdos andam, saltam, entram para dentro dele. E também podem entrar na casa da Pipi. E depois tem imensos programas para as crianças, imensos jogos, vídeos, cinema, para se ver os filmes feitos dos livros dela. E aquilo está sempre, sempre cheio de gente, cheio de miúdos, cheio de visitas de escolas.

E quanto à musealização dos escritores contemporâneos? Muitos vivem em pequenos apartamentos, sem condições para serem transformados em casas-museu. Como é que a sua memória poderá vir a ser perpetuada?

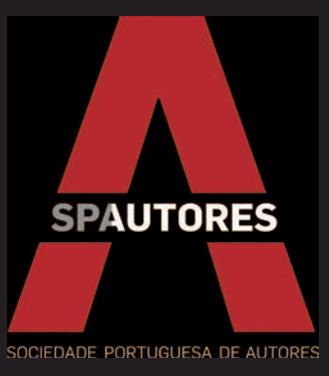
JR – Os escritores que vendem muito, como o Saramago ou o Lobo Antunes, terão as suas fundações. Os escritores de segunda linha, que não têm poder económico, nem eles nem as famílias, serão distribuídos por bibliotecas. Eu, por exemplo, em princípio, doarei o meu espólio à biblioteca da Nazaré. Haverá a tendência de, pelo menos, os escritores de fora de Lisboa – e há muitos – doarem o espólio às bibliotecas das suas terras, até porque as bibliotecas públicas locais estão a desenvolver-se muito.

No caso da Hélia [Hélia Correia, companheira do escritor], não sei. Mas, em Mafra, já há uma escola com o seu nome. Isto significa que o nome dos escritores deixa de necessitar de um espaço único. Começa a ser um nome distribuído: Biblioteca José Saramago, a Fundação, a casa... As coisas – os manuscritos, os óculos... – dispersam-se. Muitos escritores que não têm casa, que vivem em casas arrendadas, doarão à Biblioteca Nacional, porque sabem que, aí, o seu espólio vai ser trabalhado, vai passar pelo scanner, vai ficar todo digitalizado, e isso é uma segurança para o autor.

O que está a acontecer, hoje em dia, é os escritores doarem as suas bibliotecas pessoais, os seus manuscritos e demais espólio literário a bibliotecas públicas. Pergunta-se: e depois?

RZ – Quando um escritor doa o seu espólio, é sempre uma faca de dois gumes. Porque a nossa visão pragmática diz-nos que, se o espólio render – render turistas, render dinheiro –, todos nós o queremos; mas, a certa altura, penso que a Biblioteca Nacional começa a ter medo, porque já não tem espaço. Do que necessitávamos era de curadores entusiastas e inteligentes que fizessem exposições itinerantes, trimestrais ou semestrais, com o espólio de um escritor ou de um conjunto de escritores e à volta desse ou desses escritores. Muito mais do que um museu fixo, o nomadismo é interessante. Se tudo é efémero, uma casa é apenas uma tenda que dura um bocadinho mais. Por isso, entendamos por museu uma exposição que está três meses num sítio e depois vai para outros que a possam ter e a possam tratar. O sonho de qualquer escritor é de que o seu livro entre no mito, de que, por alguma razão, faça parte do imaginário colectivo. Tenho uma memória feliz da Feira Popular – que foi destruída pelos novos-ricos –, que é a do comboio do terror. Eu imagino uma casa de escritores algo assim, como um passeio. Um bom exemplo para uma casa de escritores será o Jurassic Park: algo que tenha vida, que tenha sentido lúdico e didáctico, que forneça algo de novo, seja ao visitante que já conhece a obra, seja ao que não a conhece. *Silvia Laureano Costa*

* Dissertação de mestrado com o título “Museus de escrever: uma abordagem sobre casas-museu de escritores”, apresentada em Fevereiro de 2010. Neste âmbito foram também entrevistados António Manuel Couto Viana, Matilde Rosa Araújo e Urbano Tavares Rodrigues, cujas opiniões não são aqui contempladas apenas por uma questão de espaço.



SPA ANTECIPA
CONSAGRAÇÃO
DA UNESCO
COM HOMENAGEM
NA AULA MAGNA

FADO PATRIMÓNIO DA HUMANIDADE



JOSÉ JORGE LETRIA EXALTA CONTRIBUTO DOS CRIADORES DO FADO PARA UM FUTURO DE ESPERANÇA

“O AMANHÃ PODE PASSAR TAMBÉM POR ESTA EXPRESSÃO MUSICAL”



A SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES celebra hoje a importância do fado na vida cultural e artística portuguesa, homenageando muitas dezenas de autores, intérpretes e de instrumentistas que, com o seu talento, têm conseguido, ao longo de décadas, prestigiar esta forma única e universal de expressão musical.

Estamos conscientes da importância que o fado tem também como bem naturalmente exportável num tempo em que a economia da cultura pode ajudar Portugal a viver momentos de maior esperança do que aqueles que caracterizam o nosso presente.

Desde o início que o fado está estruturalmente ligado à história e à vida da Sociedade Portuguesa de Autores. Os grandes criadores do fado, incluindo Amália Rodrigues como autora, foram ou são membros da Sociedade Portuguesa de Autores. Também por isso a SPA se associou, desde o primeiro momento, à Candidatura do Fado a Património Imaterial da Humanidade, consciente que esse justíssimo reconhecimento e esse acto de justiça cultural pode contribuir para prestigiar e promover ainda mais a imagem de Portugal na sua cultura e na sua arte no mundo.

Quero, nesta noite especial para a Sociedade Portuguesa de Autores, agradecer na pessoa do Tozé Brito, coordenador deste espectáculo de homenagem, o esforço de todos os que tornaram possível esta grande iniciativa.

Quero agradecer também à RTP o facto de, desde o primeiro momento, se ter associado à Sociedade Portuguesa de Autores no projecto de construção deste espectáculo e também na garantia da sua difusão através dos meios que a RTP possui para todo o mundo. Não esquecemos que temos com a RTP uma colaboração profícua e sempre promissora que se tem traduzido em grandes eventos, como a Gala do Prémio Autor, que já irá, no próximo mês de Fevereiro, pela terceira edição, levar a voz e a imagem dos autores portugueses para todo o mundo.

Um agradecimento também à Câmara Municipal de Lisboa por se ter associado a esta iniciativa com o prestígio e a força que tem dado a esta brilhante candidatura, que todos esperamos seja coroada com o êxito que o fado merece e que a cultura portuguesa merece também.

Um agradecimento ainda a todos aqueles que aceitaram nesta noite estar connosco, fazendo desta celebração uma grande festa. Uma festa em que vão ser lembrados os presentes e os ausentes, os vivos e aqueles que nos deixaram e que nos deixaram também a saudade, que naturalmente fica, quando pensamos naqueles que engrandeceram esta forma única de comunicação daquilo que é a nossa identidade e o nosso sentir profundo.

Resta-nos desejar, nesta noite de celebração, que os grandes criadores, intérpretes e instrumentistas do fado, uma vez reconhecida esta candidatura que tem de fundamental a universalização do fado e o seu potencial, possam contribuir para que o fado seja, neste tempo de incerteza, de angústia e de muitas reservas quanto ao futuro, uma certeza de esperança, uma centelha de luz apontada para um futuro no qual as palavras do fado, o som do fado, a música que hoje celebramos, uma garantia de que o amanhã também passa por esta forma de expressão musical.

Que viva, pois, o fado e todos aqueles que, ao longo de décadas, o fizeram e o engrandeceram, engrandecendo-nos a todos nós com o seu talento e com a sua qualidade indiscutíveis.

“A CANDIDATURA NASCEU EM LISBOA, MAS TRANSFORMOU-SE NUM DESÍGNIO COLECTIVO E NACIONAL”



EM VÉSPERAS DE CONHECERMOS o resultado da consagração do Fado como Património Imaterial da Humanidade pela UNESCO, estamos muito confiantes nas probabilidades de sucesso da avaliação da nossa candidatura, até pelo largo consenso que em torno dela se tem gerado em Portugal. Esta candidatura foi aprovada por unanimidade por todas as forças políticas com assento, quer na Câmara Municipal de Lisboa, quer na Assembleia da República, conta com o alto patrocínio do senhor Presidente da República e foi capaz de ultrapassar todas as barreiras ideológicas e partidárias em prol

de uma causa comum de salvaguarda e promoção da nossa cultura.

Apresentada pela Câmara Municipal de Lisboa, através da EGEAC e do Museu do Fado, a candidatura, tal como o próprio fado, nasceu em Lisboa, mas rapidamente se transformou num desígnio colectivo e nacional. E, desde logo, pela participação muito activa e efectiva da comunidade artística do fado, que aqui se revê, que fez desta a sua causa, com vigor, com determinação, com memória, com modernidade. Será graças a eles, não temos dúvidas, que o fado será consagrado Património da Humanidade.

Mas também há que referir as larguíssimas instituições nossas parceiras que se associaram a este projecto. E falo de instituições museológicas e arquivísticas, de colectividades de cultura e recreio, de norte a sul do país, de casas de fado, naturalmente, de editoras fonográficas, de universidades, investigadores, coleccionadores, de escolas do Ensino Básico e Superior.

Todas estas entidades e instituições, a par da comunidade artística do fado, irão ajudar-nos a cumprir o Plano de Salvaguarda que esta candidatura prevê para os próximos três anos e que inclui cinco áreas de actuação distintas. Uma primeira, que tem a ver com uma rede de arquivos, uma rede de cooperação estratégica integrada por diferentes instituições arquivísticas e museológicas, com o objectivo da preservação do património do fado; uma segunda área de actuação, que tem a ver com a criação do arquivo digital sonoro e que prevê poder disponibilizar online os registos do fado na posse das diferentes instituições; um terceiro eixo de actuação, que tem a ver com um

programa educativo muito vasto, de abrangência muito diversificada e que visa contribuir para introduzir o fado nos currículos escolares do Ensino Básico ou Superior; também um programa editorial, que prevê um plano de publicações, desde fontes históricas, fontes iconográficas, fontes sonoras e ensaios críticos e analíticos, virá trazer a lume, finalmente, um corpo documental muito extenso, que não estava até aqui acessível ao grande público em geral e aos investigadores em particular; e, finalmente, um quinto eixo da nossa candidatura prende-se com a criação e a implementação, na cidade de Lisboa, de roteiros de fado, circuitos temáticos de fado, que revitalizem os espaços performativos profissionais e amadores, integrando-os na memória física da própria cidade, que, como todos sabemos, tanto tem inspirado o repertório e a criação poética no fado.

Queria saudar a Sociedade Portuguesa de Autores por esta homenagem aos nossos artistas, aos criadores do fado. Todos sabemos que o fado, desde Amália Rodrigues e Alfredo Marceneiro, desde Maria Teresa de Noronha, Hermínia Silva e Fernando Maurício, por exemplo, nunca deixou de se reinventar, de se recriar. E é assim que, nos dias de hoje, pelos alvares do século XXI, o fado continua ainda a construir-se, sem dúvida, graças à arte e ao talento dos nossos artistas, dos nossos criadores, intérpretes, músicos, autores, compositores, construtores de instrumentos, de todos eles que fazem desta uma arte tão singular. Uma arte que é capaz de ser, em simultâneo, lisboeta, portuguesa e universal. Muito obrigada e muitos parabéns a todos os autores.

*Directora do Museu do Fado

SPA CONGRATULA-SE COM A CONSAGRAÇÃO DO FADO COMO PATRIMÓNIO IMATERIAL DA HUMANIDADE

A Sociedade Portuguesa de Autores manifesta a sua profunda satisfação com a escolha pela UNESCO do Fado como património imaterial da humanidade, considerando que esta decisão confirma a importância desta forma de expressão musical no quadro de um mundo marcado pela diversidade cultural, mas ao mesmo tempo globalizado e sujeito à influência hegemónica de linguagens e produtos provenientes dos países mais ricos e poderosos.

Este triunfo da candidatura do Fado é importante para compositores, poetas, intérpretes e músicos, para a imagem de Portugal no mundo e para o contributo que a cultura e as artes podem dar para

a recuperação da economia nacional, designadamente através da exportação da música feita em Portugal. Daí a importância que poderá e deverá assumir o Gabinete de Exportação da Música Portuguesa, cuja instalação depende, neste momento, das instâncias de decisão política, uma vez que o projecto se encontra há meses estruturado. A SPA apoiou desde o início esta candidatura e orgulha-se de o ter feito, sobretudo porque o Fado esteve desde sempre ligado à memória e à vida da nossa cooperativa. Foram ou são sócios da SPA nomes como Amália Rodrigues, Alfredo Marceneiro, Carlos Ramos, Fernando Farinha, Fontes Rocha, Maria Teresa de Noronha, Vicente da Câmara, Jorge Fernando, António Chaiinho,

Mafalda Arnauth, Carminho, Aldina Duarte e tantos outros, o que significa que este é também um momento histórico para esta cooperativa de autores.

No passado dia 7 de Novembro foi gravada e depois transmitida pela RTP, a partir da Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, a Homenagem ao Fado, gala na qual a SPA celebrou a importância do fado na vida cultural e artística portuguesa, destacando muitas dezenas de contributos individuais de artistas, autores e instrumentistas ao longo de décadas. Um protocolo celebrado com o Museu do Fado disponibiliza o rico acervo documental da SPA para trabalhos de investigação que venham a ser desenvolvidos por aquela

estrutura museológica, que tem tido um papel tão relevante na dignificação e difusão do Fado.

Congratulando-se com a decisão da UNESCO tomada em Bali, na Indonésia, no dia 27 de Novembro, a SPA saúda na pessoa do Dr. António Costa, presidente da Câmara de Lisboa, e do Prof. Rui Vieira Nery, presidente da Comissão Científica desta candidatura vitoriosa e presidente da Mesa da Assembleia Geral da SPA, este relevante acto de reconhecimento internacional de uma forma de expressão musical que tanto projecta e dignifica Portugal no estrangeiro.

Lisboa, 28 de Novembro de 2011
O Conselho de Administração



Lista dos Homenageados:

Autores

Amélia Muge
 Ana Vidal
 António Rocha
 António Victorino d'Almeida
 Arlindo de Carvalho
 Carlos Gonçalves (Carlos Bastos)
 Fernando Pinto do Amaral
 Fernando Tordo
 Francisco Nicholson
 João Gil
 João Monge
 Jorge Fernando
 José Luís Gordo
 José Luís Tinoco
 José Mário Branco
 Manuel Alegre
 Manuela de Freitas
 Maria de Lourdes Carvalho
 Maria do Rosário Pedreira
 Mário Moniz Pereira
 Mário Rainho
 Nuno da Nazareth Fernandes
 Paulo de Carvalho
 Tiago Machado
 Tiago Torres da Silva
 Tozé Brito
 Vasco Graça Moura

Instrumentistas

Angelo Freire
 António Chaíno
 António Parreira
 Arménio de Melo
 Bernardo Couto
 Carlos Manuel Proença
 Custódio Castelo
 Diogo Clemente
 Fernando Alvim
 Francisco Gonçalves
 Guilherme Banza
 Jaime Santos
 Joel Pina
 José António Carvalhinho
 José Luis Nobre Costa
 José Manuel Neto
 José Pracana
 Luis Guerreiro
 Luis Ribeiro
 Marino de Freitas
 Mário Pacheco
 Paulo Parreira
 Pedro Castro
 Raul Nery
 Ricardo Parreira
 Ricardo Rocha

Intérpretes

Ada de Castro
 Aldina Duarte
 Ana Moura
 Ana Sofia Varela
 Anita Guerreiro
 António Pinto Basto
 António Zambujo
 Argentina Santos
 Artur Batalha
 Beatriz da Conceição
 Camané
 Carlos do Carmo
 Carminho
 Celeste Rodrigues
 Cidália Moreira
 Cristina Branco
 Cristina Nóbrega
 Deolinda Rodrigues
 Esmeralda Amoedo
 Fernanda Maria
 Gonçalo Salgueiro
 Joana Amendoeira
 João Braga
 João Ferreira Rosa
 Kátia Guerreiro
 Lenita Genti
 Mafalda Arnauth



Marco Rodrigues
 Maria Amélia Proença
 Maria Armada
 Maria da Fé
 Maria João Quadros
 Marina Mota
 Maria da Nazaré
 Mariza
 Mísia
 Nuno da Câmara Pereira
 Raquel Tavares
 Ricardo Ribeiro
 Rodrigo
 Tereza Tarouca
 D. Vicente da Câmara



v
Os três instrumentistas que acompanharam todos os intérpretes: José Manuel Neto (guitarra), Carlos Manuel Proença (viola de fado) e Marino Freitas (viola baixo)

GALA NA AULA MAGNA HOMENAGEIA 90 AUTORES, INTÉRPRETES E INSTRUMENTISTAS

“A SPA CELEBRA A IMPORTÂNCIA DO FADO NA VIDA CULTURAL E ARTÍSTICA PORTUGUESA”

A POUCOS DIAS DO FADO passar de canção lisboeta e nacional para a galeria dos tesouros mundiais, ao ser classificada como Património Imaterial da Humanidade pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), a Sociedade Portuguesa de Autores antecipou-se à grande festa e promoveu, no dia 7 de Novembro passado, um espectáculo na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa para homenagear os seus autores, compositores, instrumentistas e intérpretes.

Noventa personalidades de várias gerações ligadas ao fado receberam troféus de honra e cantaram, prometendo já então a administração da cooperativa, na pessoa de Tozé Brito, que “para o ano haverá nova gala de homenagem, dado o número imenso e de grande qualidade de portugueses ligados à canção de que Amália Rodrigues foi a primeira embaixadora internacional”.

A RTP associou-se a esta iniciativa da SPA, emitindo o espectáculo no dia 24 de Novembro ao serão do Canal 1, numa antevisão da consagração do fado como canção do mundo inteiro, decidida por unanimidade nuns escassos cinco minutos, em Bali, na Indonésia, passados três dias, na sessão de dia 27, que terminou às 20h30 (12h30, hora de Lisboa). Diamantina, também ela fadista e homenageada na sessão da Aula Magna, e José Carlos Malato foram os responsáveis pela apresentação do espectáculo.

Da velha tradição marcaram presença Ada de Castro, Beatriz da Conceição, Anita Guerreiro, Esmeralda Amoeda, Maria Amélia Proença, Maria da Fé, Teresa Tarouca, bem como, Vicente da Câmara, João Braga e Carlos do Carmo, embaixador da candidatura, juntamente com Mariza, que, na impossibilidade de estar presente nesta sessão, onde foi naturalmente homenageada, enviou uma sentida homenagem, no que foi muito aplaudida. Das gerações mais recentes estiveram António Pinto Basto, Mafalda Arnauth, Camané, Cristina Branco, Ana Sofia Varela e Joana Amendoeira, entre outros. Os instrumentistas Fernando Alvim e o já falecido Fontes Rocha foram especialmente homenageados e aplaudidos de pé.

Pouco mais de metade dos 90 distinguidos estiveram presentes na gala, já que muitos deles “felizmente, se encontravam a trabalhar, a maior parte no estrangeiro”, desde a Itália ao Brasil, passando por Inglaterra, conforme referiu à Autores o responsável pela coordenação do espectáculo e administrador da SPA, Tozé Brito. Todos os troféus, no entanto, foram entregues a representantes seus, decorrendo a cerimónia num ritmo que procurou não cansar a assistência e os telespectadores. Com cenário da autoria de António Casimiro e guião de Tiago Torres da Silva, ambos membros também da direcção da SPA e este último

consagrado letrista de fados, a gala teve uma duração de duas horas, com muitos pontos altos.

Além disso, a SPA fez questão de lembrar, num gigantesco painel colocado no átrio onde decorreu um Tejo de Honra para os convidados, todos aqueles elementos que já partiram e que deram forma, cada um na sua disciplina, a esta expressão musical única, que é o fado. Uma evocação memorialista, na linha das actividades que a cooperativa abarca.

“UM CONTRIBUTO PARA A RECUPERAÇÃO ECONÓMICA”

Num comunicado emitido no dia a seguir à notícia da sagração do fado como canção da humanidade, o Conselho de Administração da SPA, entidade que apoiou desde o início esta candidatura, disse “orgulhar-se de o ter feito, sobretudo porque o Fado esteve desde sempre ligado à memória e à vida da nossa cooperativa”.

“Este triunfo da candidatura do Fado é importante para compositores, poetas, intérpretes e músicos, para a imagem de Portugal no mundo e para o contributo que a cultura e as artes podem dar para a recuperação da economia nacional, designadamente através da exportação da música feita em Portugal”, sublinha a nota, referindo, pois, “a importância que poderá e deverá assumir o Gabinete de Exportação da Música Portuguesa, cuja instalação depende, neste momento, das instâncias de decisão política, uma vez que o projecto se encontra há meses estruturado”. Aliás, no seu discurso, no início da gala transmitida pela RTP1, o presidente da Direcção e da Administração da SPA, José Jorge Letria, afirmou, exactamente, que a SPA celebrava naquele dia “a importância do fado na vida cultural e artística portuguesa, homenageando muitas dezenas de autores, intérpretes e de instrumentistas que, com o seu talento, têm conseguido, ao longo de décadas, prestigiar esta forma única e universal de expressão musical”.

E, a propósito, salientou que “os grandes criadores do fado, incluindo Amália Rodrigues como autora, foram ou são membros da SPA”.

Esta gala dá sequência à que, no ano passado, homenageou os grandes nomes do “pop/rock” em Portugal e inscreve-se no ciclo de homenagens da SPA aos autores de diversas áreas musicais, precedendo as que, nos próximos anos, serão realizadas nas áreas da música erudita, do jazz, da música tradicional e dos cantautores. E, se se cumprir a promessa de Tozé Brito, no próximo ano a SPA deverá promover uma segunda homenagem ao fado, com vista a “cobrir” todos os talentos da “velha guarda” e os que estão a emergir com grande pujança nesta área, que o secretário de Estado da Cultura, Francisco José Viegas, classificou como “um dos emblemas da nossa cultura e do nosso talento”. *Edite Esteves*



> **Ada de Castro**

interpretou a histórica "Rua do Capelão" (o novo fado da Severa), com letra de Júlio Dantas (o primeiro presidente da SPA) e música de Frederico de Freitas, também ele um maestro carismático representativo da cooperativa. A fadista referiu que fora o próprio maestro que lhe pedira para gravar este fado



> **Ana Sofia Varela**

jovem fadista alentejana, com uma voz "do tamanho do mundo", cantou, exactamente, "Com que voz", um fado que Amália imortalizou e cuja letra é um poema de Luís de Camões e a música do renovador do fado Alain Oulman. Dedicou-o a todos os autores, ao fado e a todos os fadistas



> **Anita Guerreiro**

no estilo que tão bem lhe conhecemos, animou a assistência, convidando-a a cantar consigo o conhecido "Cheira a Lisboa", com letra de César Oliveira e música de Carlos Dias. "Cheira bem, cheira a poetas!", diria a fadista no final, despedindo-se do público e após receber o troféu



> **António Pinto Basto**

fadista e compositor, passou a sua habitual classe e forma contida de cantar, interpretando o bonito fado "Canção da rosa branca", com letra de J. Vasconcelos e Sá e música de sua própria autoria



> **Artur Batalha**
que deveria cantar depois de Argentina Santos, "uma das maiores intérpretes do rei dos fados, o menor", mas que, à última hora, não pôde estar presente na festa, foi "o príncipe" a seguir. Interpretou "Promete, jura", com letra de Maria João Dâmaso e música de Sérgio Dâmaso



> **Beatriz da Conceição**
"Senhora de um estilo pessoalíssimo e uma das que mais influenciou as fadistas da nova geração", arrebatou grandes aplausos da assistência. A "rainha do fado", que provou que não se pode viver só da fama, deliciou a Aula Magna com "Meu corpo", de que Ary dos Santos foi responsável pela letra e Fernando Tordo pela música. Um trio de respeito!



> **Camané**
"um dos maiores fadistas de sempre, com uma propriedade incomparável quando começa a cantar", recebeu a atenção geral do público, muito concentrado, com o fado "Súplica". A letra é de Frederico de Brito e a música de Ferrer Trindade



> **Vicente da Câmara**
o decano do fado, pai de uma família de fadistas e que ainda foi padrinho de fado da própria apresentadora, Diamantina, cantou naquele seu tom característico "O rio que nos viu nascer", com letra de Maria de Jesus Viana e música da sua autoria



> **Carlos do Carmo**
Embaixador da Candidatura do Fado a Património Imaterial da Humanidade, e o tema que ali levou "Canoas do Tejo", da autoria de Frederico de Brito, não precisaram de apresentações. "Há pessoas que são o próprio fado e temas que toda a gente conhece", logo, o fado foi cantado em unísono, no refrão, por toda a gente na sala. Foi amplamente aplaudido



> **Cidália Moreia**
"uma das vozes mais queridas dos portugueses e mais castiças", cantou o magnífico poema da autoria de Amália Rodrigues "Lágrima", cuja música foi composta por Carlos Gonçalves, o músico que acompanhou durante muitos anos a "diva do fado". Antes deveria ter actuado "a mais antiga fadista em actividade", irmã de Amália, Celeste Rodrigues, mas não pôde estar presente



> **Cristina Branco**

é uma jovem de boa dicção que, apesar de afirmar que não é fadista, tem vindo a introduzir uma certa inovação nesta forma da canção portuguesa e arrebatado com as suas interpretações diferentes as plateias de todo o mundo. Aqui, cantou "Se não chovesse tanto meu amor", letra de Manuela de Freitas e música de Armando Machado



> **Cristina Nóbrega**

outra Cristina, outra jovem fadista de voz cristalina que mostra que o fado está, cada vez mais, a entrar no gosto das novas gerações. Interpretou "Saudades dos olhos teus", um poema popular com música de Luís Pedro Fonseca. No final, fez questão de prestar homenagem aos poetas



> **Esmeralda Amoedo**

"uma fadista cheia de coração e de raça, há tantos anos conhecida do grande público", de fato preto brilhante impecável, entoou, ao seu estilo, o fado da autoria de Álvaro Duarte Simões "Não peças demais à vida"



> **Joana Amendoeira**

"a fadista que tem os olhos mais bonitos do fado, um sorriso contagiante e um coração de ouro" e que tem vindo a crescer muito como fadista desde que começou muito novinha, de saia de um verde esperança, interpretou "Amor mais perfeito", com poema de Mário Rainho e música do falecido Fontes Rocha, uma dupla de grande prestígio



> **Lenita Gentil**
a inconfundível voz do fado, a quem se rendeu a cantora canadiana K.D. Lang. Vencedora de vários Grammy Awards e conhecida mundialmente pelo tema "Crying", cantado em dueto com Roy Orbison, em 1987, K.D. "apaixonou-se pelo fado pela voz de Lenita". Esta interpretou o "Fado Pechincha", de João Barnabé (letra) e Maria Teresa de Noronha (música)



> **João Braga**
grande voz, "que se tem preocupado bastante em fazer a ponte para as novas gerações" – muitos jovens fadistas começaram com ele –, subiu ao palco para marcar a presença da grande Amália Rodrigues, justamente cantando o conhecido fado "Amália", com letra de Manuel Alegre e música também de Fontes Rocha. Um grande momento da festa!



> **Mafalda Arnauth**
fadista e autora de muitos dos poemas que interpreta, apesar de ser da nova geração de fadistas, já leva uma dezena de anos a cantar. Não necessitando igualmente de mais apresentações, cantou um tema de sua autoria, "Da cor da noite", e música de Armando Machado. Emocionada com a homenagem que a SPA lhe prestou, revelou que fora naquela mesma sala que se havia estreado há uns anos



> **Marco Rodrigues**
mais um jovem inovador na área, que foi cantar a história daquele velhinho que estava sempre a dizer adeus a toda a gente no Saldanha, uma figura popular contemporânea. O fado chama-se, precisamente, "O homem do Saldanha" e a letra é da autoria do consagrado rapper Boss AC e a música de Tiago Machado, um original cruzamento de géneros. Deixou uma homenagem a todos os compositores e letristas



> **Maria Amélia Proença**
outra grande senhora do fado, distinguida este ano com o Prémio Amália de consagração de carreira, cantou "Não chames pela saudade", no lindíssimo Fado Tango, que Joaquim Pimentel assinou a letra e Joaquim Campos a música



> **Maria Armada**
uma das fadistas com mais personalidade, trouxe Lisboa por inteiro ao palco da Aula Magna, interpretando o belíssimo fado "A cidade", cujo poema é da autoria do grande Ary dos Santos e a música de um outro nome grande da composição, Nuno Nazareth Fernandes. Muito aplaudida, a fadista deixou a cena com um exuberante "E viva o fado!"



> **Maria da Fé**

foi, desde logo, recebida com grande fervor pelo público, mal foi apresentada como "uma das fadistas com maior sucesso de sempre e muita estrada, muitos palcos nacionais e internacionais". Esta "diva" trouxe o conhecido fado "Até que a voz me doa", de que é autor da letra José Luís Gordo, seu marido e companheiro de lides. A música tem a marca do consagrado guitarrista Fontes Rocha. Ponto alto do espectáculo!



> **Maria João Quadros**

cujo último dico foi uma "ousadia", pois afadistou temas de grandes nomes da música brasileira, interpretou aqui um fado tradicional –o Fado de Santa Luzia – a que Tiago Torres da Silva, autor do poema, deu o nome de "Meu amor, abre a janela" e Armando Machado musicou. Muito aplaudida, Maria João não quis deixar de homenagear Tiago Torres da Silva "por este fado lindíssimo"



> **Diamantina**

que tinha vindo desde o início do espectáculo a azucrinar o seu companheiro apresentador Malato para também mostrar os seus dotes de fadista, numa rábula animada, lá conseguiu esgueirar-se para o pé dos músicos e, finalmente, pôde cantar, muito a propósito, o "Fados dos Autores", com letra de Tiago Torres da Silva, autor do guião deste espectáculo, na música do Fado Rosita de Joaquim Campos. "O troféu é lindíssimo!", comentou a fadista-apresentadora, do alto da sua barriguinha de uns cinco meses de gravidez



> **Teresa Tarouca**

que recebeu o troféu pelos seus 50 anos de fado, encerrou o desfile de intérpretes homenageados. Oriunda de uma família ligada à música e representante do fado aristocrático, bisneta dos Condes de Tarouca, começou a cantar desde muito cedo, influenciada por Amália Rodrigues e por sua prima Maria Teresa de Noronha. Na década de 1990 retirou-se praticamente da carreira artística. Muito sensibilizada, agradeceu por se terem lembrado dela. "É muito bom partilhar as minhas emoções com o público!", disse, sublinhando o valor das palavras no fado, a poesia



ANTÓNIO TORRADO, membro da Direcção da SPA, entrega os Troféus do Fado da SPA ao primeiro grupo de autores: **ANTÓNIO ROCHA** – É não só um reconhecido talentoso fadista, estilista notável, como também um poeta de



mérito; **AMÉLIA MUGE** – Cantora, instrumentista, compositora e escritora de letras para canções



ANA VIDAL – Poetisa, guionista e letrista com imensas músicas gravadas, sobretudo na área do fado; **ARLINDO DE CARVALHO** – É um autor de sucessos tão grandes como "Fadinho serrano" ou "Hortelã mourisca". Foi muito aplaudido



por toda a assistência; **ANTÓNIO VITORINO DE ALMEIDA** – Consagrado maestro, compositor e pianista, foi homenageado neste grupo, mas não pôde estar presente



ANTÓNIO CASIMIRO, membro da Direcção da SPA e responsável pela cenografia do espectáculo, entregou os Troféus do Fado da SPA ao primeiro grupo de instrumentistas. No entanto, antes foi feita uma evocação especial a um grande instrumentista que ali deveria estar incluído, **JOSÉ FONTES ROCHA**, guitarrista de Amália ao longo de 12 anos, mas que já não se encontra entre nós desde 15 de Agosto passado. Um prolongado



aplauzo de pé marcou a homenagem; **ÂNGELO FREIRE** – Toca guitarra portuguesa e é acompanhante, entre outros fadistas, de Mariza, Ana Moura e Mafalda Arnauth; **ANTÓNIO CHAIINHO** – Grande mestre da guitarra portuguesa, as suas apresentações continuam a surpreender e fazem escola entre alunos na Índia, Japão, Marrocos e Brasil



Deolinda Rodrigues não foi cantar, mas foi receber o troféu do fado da SPA, “um justo prémio por uma carreira ímpar de 50 anos dedicada ao fado”. “E toda ela é fado!” foi como a apresentou Diamantina. E o público sublinhou a homenagem também com justos aplausos



ANTÓNIO PARREIRA – Músico e pedagogo, tem dedicado a sua vida a tocar guitarra e a ensinar a outros a sua arte. Foi o mestre dos dois filhos, Paulo Parreira e Ricardo Parreira; **ARMÉNIO DE MELO** – Aos 13 anos de idade iniciou



a aprendizagem da Guitarra Portuguesa com o guitarrista Manuel dos Santos, profissionalizando-se por altura de 1968



LEONOR XAVIER, membro da Assembleia Geral da SPA, entregou os Troféus do Fado da SPA ao segundo grupo de instrumentistas, chegando ao palco acompanhada do último homenageado deste grupo, **CARLOS MANUEL PROENÇA** – O viola fado “residente” do espectáculo tem 40 anos, e só se conhece com a viola, pois cresceu sempre com ela, desde que lhe ofereceram uma aos 5



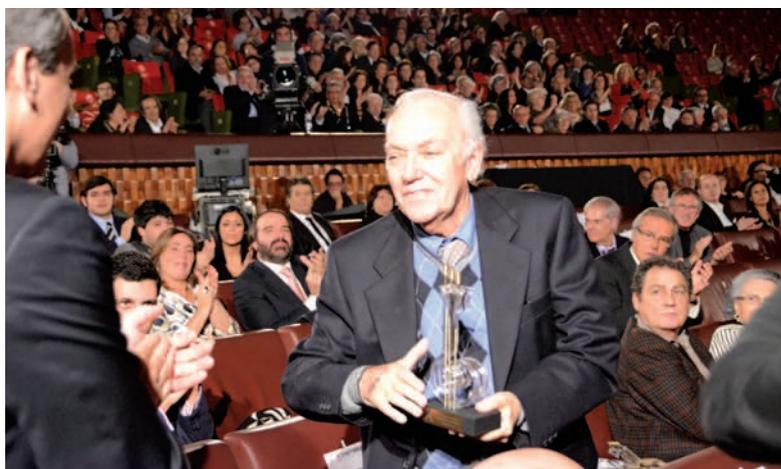
anos; **CUSTÓDIO CASTELO** – É nos dias de hoje um dos dignos representantes da renovada face da guitarra portuguesa; **GUILHERME BANZA** – Outro digno representante da guitarra portuguesa; **DIOGO CLEMENTE** – Um dos grandes violas da nova geração, para si o fado é “uma das melhores formas da alma poder falar”



FERNANDO ALVIM – O acompanhante durante décadas de Carlos Paredes à viola e protagonista de uma carreira recheada de muitos outros trabalhos, em diversos estilos musicais, foi aplaudido de pé pela conhecedora assistência. O disco novo de Mestre Fernando Alvim são 35 fados e canções interpretados pela nata dos nossos cantores



PEDRO CAMPOS, administrador da SPA, entregou os Troféus do Fado da SPA ao segundo grupo de autores: **FERNANDO PINTO DO AMARAL** – O poeta que não raras vezes tem emprestado o seu talento ao fado é também tradutor, ensaísta e ficcionista



FRANCISCO NICHOLSON – Um dos maiores no Teatro de Revista, como autor e encenador, que sempre esteve tão ligado ao fado, recebeu o seu troféu na plateia, por razões de saúde. E o público levantou-se para o aplaudir fortemente



JOSÉ DA PONTE, administrador da SPA, teve a trabalhosa tarefa de entregar os Troféus do Fado da SPA aos representantes de um grupo heterogéneo de autores, intérpretes e instrumentistas que, por uma ou outra razão, não puderam estar presentes na homenagem, mormente por se encontrarem a trabalhar fora de Lisboa, caso de Rodrigo, que estava no Porto, ou no estrangeiro, quer em Itália, no Brasil ou em Inglaterra. A lista é vastíssima: **ALDINA DUARTE** – recebeu o seu troféu o guitarrista Paulo Parreira



ANA MOURA – Subiu ao palco a sua mãe, Fernanda Pereira



ANTÓNIO ZAMBUJO – Representado por Diana Valente Perfeito



BERNARDO COUTO – O guitarrista da noite José Manuel Neto recebeu o seu troféu;

CARLOS GONÇALVES – Representado pela fadista Cristina Nóbrega; **FRANCISCO GONÇALVES** – Representou-o Arménio de Melo



CARMINHO, FERNANDA MARIA E ARGENTINA SANTOS – Não se fizeram representar, recebem o troféu mais tarde; **FERNANDO TORDO** – Recebeu o troféu a sua mulher, Eugénia Passada; **GONÇALO SALGUEIRO** – Recebeu o troféu a sua irmã, Maria Manuel Salgueiro; **JAIME SANTOS** e **JOÃO FERREIRA ROSA** – Não se fizeram representar, recebem o troféu mais tarde; **JOEL PINA, JOSÉ LUÍS NOBRE COSTA, PEDRO CASTRO E RICARDO ROCHA** – Recebeu os respectivos troféus o fadista João Braga; **MARINA MOTA** – Recebeu o troféu a sua filha, Erika Mota; **JOSÉ ANTÓNIO CARVALHINHO** – Não se fez representar, recebe mais tarde; **KÁTIA GUERREIRO** – Recebeu o seu troféu Isabel Rocha e Mello; **MÁRIO BRANCO E MANUELA DE FREITAS** – Foram representados por Camané; **MANUEL ALEGRE, MARIA DO ROSÁRIO PEDREIRA E VASCO GRAÇA MOURA** – Recebeu os respectivos troféus José Jorge Letria; **MARIA DA NAZARÉ** – Representou-a a fadista Joana Amendoeira





MARIZA, ÂNGELO FREIRE, DIOGO CLEMENTE E JOÃO GIL – Recebe os respectivos troféus Tozé Brito, o responsável pela coordenação do espectáculo; **MÍSIA** – Representada por Luís Cunha;

NUNO DA CÂMARA PEREIRA – Não se fez representar, recebe o troféu mais tarde; **RAUL NERY** – Representado por Diogo Quadros; **RICARDO PARREIRA** – O pai, António Parreira, deveria tê-lo representado, mas não pôde estar presente ;



RICARDO RIBEIRO – Foi representado pelo letrista Mário Rainho

RODRIGO – Recebeu o seu troféu António Pinto Basto



VITORINO SALOMÉ, membro da Direcção da SPA, entregou os Troféus do Fado da SPA ao terceiro grupo de instrumentistas: **JOSÉ PRACANA** - Um dos conceituados guitarristas portugueses. Natural de Ponta Delgada, S. Miguel, Açores, onde nasceu em 1946; **JOSÉ MANUEL NETO** – O guitarrista de serviço no espectáculo, um dos melhores da actualidade, recebeu um forte aplauso da assistência





LUÍS GUERREIRO – Actualmente, é um dos expoentes da guitarra portuguesa contemporânea; **LUÍS RIBEIRO** – Desde muito cedo ficou a gostar da sonoridade da guitarra, porque o seu pai tocava o instrumento; **MARINO DE FREITAS** – O viola-baixo “residente” do espectáculo, descendente de uma família de músicos,

que é um caso muito sério; **MÁRIO PACHECO** – Não esteve representado, recebe o troféu mais tarde; **PAULO PARREIRA** – Um guitarrista com domínio absoluto do seu instrumento. Foi o guitarrista principal no Palco do Fado durante a Expo'98. Muito aplaudido pelo público



JORGE LEITÃO RAMOS, presidente do Conselho Fiscal da SPA, entregou os Troféus do Fado da SPA ao quarto grupo de autores: **JOSÉ LUÍS GORDO** – Letrista de talento inesgotável, autor de grandes sucessos,



nomeadamente na voz de Maria da Fé; **JOSÉ LUÍS TINOCO** – Personalidade de grande sensibilidade e versatilidade, é arquitecto, pintor, ilustrador, cartoonista, músico e letrista



MARIA DE LOURDES CARVALHO – Autora de cerca de 200 letras de fados gravados e produtora discográfica, é uma grande senhora das letras;



MONIZ PEREIRA – O nosso eterno jovem, atleta, compositor, poeta e queridíssimo professor foi distinguido pela assistência com uma enorme salva de palmas



MÁRIO RAÍNHO – Distinguido com os mais altos prémios ligados à canção portuguesa, é um dos maiores poetas do fado, cantado pelos maiores nomes de fadistas. **JOSÉ JORGE LETRIA** entregou os respectivos troféus ao quinto grupo de autores e último da noite: **NUNO NAZARETH FERNANDES**, **TIAGO MACHADO**, **TIAGO TORRES DA SILVA** e **TOZÉ BRITO**, nomes por demais conhecidos e consagrados do grande público e do meio fadista e musical em geral, posam em conjunto depois de justamente distinguidos com o galardão máximo desta gala



de Homenagem ao Fado, promovida pela Sociedade Portuguesa de Autores. "Para o ano há mais!" foi a mensagem que ficou no encerramento, seguindo a promessa feita por Tozé Brito, o responsável pela coordenação deste espectáculo na Aula Magna, transmitido a 24 de Novembro pela RTP2, integrado nas programação especial do canal público de televisão em apoio à Candidatura do Fado a Património Imaterial da Humanidade pela UNESCO. No dia 27, tornar-se-ia uma realidade: o Fado já é património mundial! EE

FADO

PATRIMÓNIO DA HUMANIDADE

FOTOS: INÁCIO LUDGERO E SPA



OS QUE JÁ

Acácio Gomes
Acácio Luís Madeira da Rocha
Aicídia Rodrigues Gameiro [Alcídia]
Alain Oulman
Alberto Correia
Alberto Costa
Alberto Janes
Alberto Simões Costa
Alexandre O'Neill
Alfredo dos Santos (Correio)
Alfredo Mendes
Alfredo Rodrigo Duarte (Marceneiro)
Almada Negreiros
Álvaro Duarte Simões
Alves Coelho
Amadeu Ramin
Amália Rodrigues
Ambrósio Fernandes Maia
Aníbal Nazaré
António Amargo
António Bessa
António Botto
António Campos
António Coelho Júnior (Barbeirinho)
António dos Santos
António José
António Menano
António Rosa
Armando Augusto Salgado Freire (Armandinho)

Armando Machado
Artur Ribeiro
Augusto Martins Reis (Sapateirinho da Bica)
Avelino de Sousa
Belo Marques
Bernardo Lino Teixeira
Carlos Barrela
Carlos Conde
Carlos da Maia (Manuel Lencastre)
Carlos Dias
Carlos Paião
Carlos Paredes
Carlos Ramos
Carlos Rocha
Carlos Simões Neves
Casimiro Ramos
César de Oliveira
David Mourão-Ferreira
Domingos Augusto Camarinha
Edmundo Bettencourt
Eduardo Damas
Fernando de Carvalho
Fernando de Freitas
Fernando Farinha
Fernando Macedo de Freitas
Fernando Peres
Fernando Pessoa
Fernando Pinto Ribeiro
Fernando Reis

Ferrer Trindade
Filipe Pinto
Florbela Espanca
Francisco Carvalhinho
Francisco da Costa dos Santos
Francisco José Marques
Francisco Radamento [Radamanto]
Francisco Viana (Vianinha)
Frederico de Freitas
Frederico Valério
Fruitoso França
Gabriel de Oliveira
Georgino de Sousa
Guilherme Coração
Guilherme Pereira da Rosa
Helena Luisa Moreira Viana [Luísa]
Henrique Lourenço da Silva
Henrique Rêgo [pode escrever-se com acento ou sem acento]
J. Franklin Gomes Rodrigues Godinho
Jaime Martins
Jaime Santos
Jerónimo Bragança
João António David Rosa (Rosa Sapateiro)
João Black (João Salustiano Monteiro)
João Correia Martins
João da Mata
João Dias
João do Carmo Noronha





RTP lançou programa de apoio à candidatura do Fado

Seguindo a política desenvolvida pela RTP de apoio à candidatura do Fado a Património Imaterial da Humanidade, o mês de Novembro teve uma programação especial tanto na RTP1 como na RTP2.

Na RTP1 foram exibidas duas séries: “Trovas Antigas, Saudade Louca” - Histórias do Fado contadas por Carlos do Carmo, e a série “Amália”, uma história de amores e de glórias. Também foram exibidos dois documentários: “Argentina Santos”, a vida da diva do fado castiço e “Guitarras à Portuguesa”, um documentário que fala de quem cria e dedilha este instrumento português.

E a transmissão de duas galas: a “Gala da Sociedade Portuguesa de Autores de Homenagem ao Fado”, no dia 24 e a 2 de Dezembro a “Gala do Fado”, no Coliseu dos Recreios. Também a RTP2 exibiu quatro documentários, sempre à segunda-feira à noite: “Fernando Maurício – O Rei sem Coroa”, o percurso de vida de um dos maiores fadistas de todos os tempos; “Fado Celeste”, a história dos 65 anos de percurso artístico de Celeste Rodrigues; “Vida Vivida - Argentina Santos”, a vida desta cantora de longa data, que cantou pelas ruas da cidade, levando a sua arte a todos os lugares; e “Diva”, uma homenagem a Amália Rodrigues e ao Fado.

Ainda na RTP2, no dia 27 de Novembro, dia em que se soube o veredicto sobre a candidatura portuguesa, o programa “Câmara Clara” fez uma emissão especial do Museu do Fado, com todos os protagonistas desta candidatura e alguns dos maiores valores vivos do fado.

A RTP Memória, como memória que é do povo português a nível televisivo, programou de 2ª a 6ª feira, para as tardes de Novembro, um espaço dedicado aos Fados – “Fados de Portugal” - e continuou com o espaço habitual de Fados, dos domingos ao fim da tarde.

Já a RTP Internacional transmitiu “Fado Maior”, uma série emitida diariamente, composta por uma selecção de fados.

PARTIRAM

João Fezas Vital
 João Linhares Barbosa
 João Maria do Anjos
 João Nobre
 João Vasconcelos
 João Villaret
 Joaquim Campos
 Joaquim Frederico de Brito (Britinho)
 Joaquim Luís Gomes
 Joaquim Pinmental [Pimentel]
 Jorge Fontes
 Jorge Rosa
 José Afonso
 José Alfredo dos Santos Moreira
 José António Augusto Silva (José Bacalhau)
 José António de Sabrosa
 José Blanc de Portugal
 José Carlos Ary dos Santos
 José Coxo Duarte (Zé do Seixal)
 José da Costa Bicho Carrilho (José Inácio)
 José dos Santos (Zé de Belém)
 José Filipe Porfírio
 José Fontes Rocha
 José Galhardo
 José Guimarães
 José Júlio da Silva Paiva
 José Lopes
 José Maria Blanc de Castro Abreu

e Mota
 José Maria Rodrigues dos Cavalinhos
 José Marques (Piscaiarete) [Piscalarete]
 José Marques do Amaral (“Zé Ranhoso”)
 José Moreira
 José Niza
 José Nunes
 José Régio (José Maria dos Reis Pereira)
 José Saramago
 José Viegas
 Júlio Dantas
 Júlio de Sousa
 Júlio Gomes
 Júlio Proença
 Júlio Vieitas
 Luís Carlos da Silva (Petroliño)
 Manuel Andrade
 Manuel Calixto (“Rouxinol da Madragoa”)
 Manuel de Almeida
 Manuel José Soares
 Manuel Maria
 Manuel Mendes
 Manuel Paião
 Manuel Portugal
 Manuel Soares de Portugal
 Marcírio Ferreira
 Maria Manuela Cid

Maria Teresa de Noronha
 Martinho D’Assunção Júnior
 Maurício Gomes
 Maximiano de Sousa (Max)
 Miguel Ramos
 Moniz Trindade
 Natália Correia
 Nelson de Barros
 Nóbrega e Sousa
 Paco Gonzales [Gonzalez]
 Paquito (Francisco Perez Andión)
 Paulo da Fonseca
 Pedro Homem de Mello
 Pedro Rodrigues dos Santos
 Raúl Ferrão
 Raúl João Pereira
 Raúl Pinto
 Raúl Portela
 Renato Varela
 Reynaldo Varela
 Ricardo Borges de Sousa
 Rogério Bracinha
 Rosa Lobato Faria
 Sérgio Valentino (Fernando Pinto Ribeiro)
 Silva Tavares
 Tabares Belo [Tavares]
 Vasco de Lima Couto



FOTOS: INÁCIO LUDGERO

Impossibilitada de estar presente para cantar e receber troféu

MARIZA ENVIA MENSAGEM DE AGRADECIMENTO À SPA E A TODOS OS CRIADORES

“É com grande carinho que vos cumprimento nesta noite tão especial. Fico muito feliz e grata que se tenham recordado de mim. Muito obrigada! Por motivos pessoais, mas agora muito felizes, não me é possível partilhar convosco esta noite feita de carinhos, arte, sorrisos e boa disposição. Mas deixo aqui o meu abraço a todos, agradecendo todo o carinho com que me tratam e respeitam. Sinto por vós uma grande admiração e agradeço tudo aquilo que me têm ensinado ao longo dos tempos. Obrigada a todos e bem hajam! Espero poder estar convosco brevemente na partilha maravilhosa que é a música. Beijos de saudades.”

SPA DESMENTE VERSÃO DA EUROCONCERT SOBRE CONCERTOS DA GLENN MILLER ORCHESTRA

A empresa Euroconcert Suisse SARL acusou publicamente a SPA de ter impedido a realização de dois concertos da Glenn Miller Orchestra, marcados para Lisboa e Porto. Essa acusação foi acompanhada por afirmações lesivas da seriedade e do prestígio da nossa cooperativa, que serão objecto de reparação em sede própria.

A SPA recorda que não dispõe de meios legais para impedir a realização de espectáculos, mas apenas para os licenciar, consoante se verifique ou não o pagamento dos valores legitimamente tabelados e fixados em conformidade com a lei.

Acontece que esta formação musical, também através da Euroconcert, realizou três espectáculos em Portugal em Novembro de 2010, sem ter efectuado qualquer pagamento de direitos de autor, o que a deixou numa situação irregular e intolerável. Este ano, a Euroconcert tentou obter licenças para dois espectáculos não tendo aceitado as tabelas legitimamente apresentadas pela SPA, o que inviabilizou estas duas actuações pelos seguintes motivos: porque existia um antecedente negativo determinante e porque não foi revelada disponibilidade ou intenção para se aceitar as condições apresentadas pela SPA.

Os serviços da cooperativa agiram no estrito cumprimento da lei e na defesa intransigente dos direitos dos autores integrados na programação da Glenn Miller Orchestra. Assim continuarão a proceder, independentemente da nacionalidade das formações musicais, das tentativas de manipulação dos “media” e da opinião pública e das mentiras propaladas na tentativa de denegrir a SPA e o seu bom nome no mercado.

Se estas regras e princípios são incontornáveis, mais vinculativos se tornam ainda num grave contexto de crise como aquele em que Portugal e a Europa actualmente vivem. Quem actua em espaços públicos não pode eximir-se ao pagamento dos direitos que condicionam a emissão de licenças. Objectivamente, a Euroconcert tem uma dívida de valor significativo para com a SPA e com os autores que representa superior a nove mil euros, correspondente às três actuações realizadas sem licença em 2010. Outros grupos orquestrais da mesma empresa actuaram também no ano passado sem que fosse efectuado o indispensável pagamento. A SPA está convicta de ter actuado no estrito cumprimento do que a lei determina e será intransigente em todas as situações que configurem desrespeito pelos direitos dos autores que representa.

É esse o seu dever e é essa a sua missão, doa a quem doer, custe a quem custar.

Por outro lado, não pode a SPA deixar de lamentar o modo como alguma comunicação social, certamente por insuficiente conhecimento da matéria, permitiu que este assunto fosse artificialmente empolado, com base numa incorrecta interpretação e divulgação dos factos.

Lisboa, 8 de Novembro de 2011
O Conselho de Administração

MEDALHA DE HONRA DA SPA PELOS 40 ANOS DE CRIATIVIDADE

SÉRGIO GODINHO LANÇA LIVRO PELA ABYSMO COM 40 ILUSTRADORES PARA 40 CANÇÕES

“ESTE LIVRO PARA MIM é, realmente, um livro especial, porque tenho a honra de, através dos autores e da sua casa, ser o congregador de tanta riqueza de ilustração portuguesa. Isso dá-me particular satisfação e emoção”. A afirmação fê-la o consagrado autor de letras e músicas, além de intérprete e actor, Sérgio Godinho, no dia em que lançou o seu mais recente livro, intitulado “Sérgio Godinho e as 40 ilustrações”.

Apoiada pelo Fundo Cultural da SPA, à qual o multifacetado autor pertence, esta obra de singular beleza e riqueza estética – “um ser orgânico”, como o apelidou João Paulo Cotrim, criador e director da novíssima editora Abysmo – reúne 40 letras de canções de Sérgio Godinho, escolhidas por si, e profusamente ilustradas por 40 artistas gráficos, assinalando, desta forma, os seus 40 anos de carreira. A sessão de lançamento deste “belíssimo objecto” de amplas dimensões e conteúdo transversal a várias gerações e vários períodos temporais decorreu no passado dia 17 de Novembro, no Auditório Maestro Frederico de Freitas da Sociedade Portuguesa de Autores, e culminou com a entrega solene da mais alta distinção desta casa - a Medalha de Honra da SPA - ao congregador destas autorias. Nesta medalha, enfatizou José Jorge Letria, “vai o coração de muitas outras pessoas que não estão aqui presentes”. “São 40 anos de criatividade e de uma grande seriedade intelectual e é uma grande honra tê-lo entre nós como autor”, declarou, na altura, o presidente da SPA, recordando a gravação em Paris, em 1971, desse extraordinário disco que é “Os Sobreviventes”, numa altura em que ele próprio gravava também “Até ao Pescoço”, acreditando que as canções pudessem mudar o mundo.

“A cultura é sempre uma forma de resistência e o Sérgio é uma das grandes figuras culturais contemporâneas, criador do renascimento”, sublinhou José Jorge Letria.



FOTO: ALFREDO ANTÓNIO

O presidente da SPA aproveitou a ocasião para alertar os presentes – entre os quais figuravam muitos dos ilustradores do livro então apresentado - para o facto de “não nos ficarmos pela banalidade da retórica”. “É preciso demonstrar que a cultura gera riqueza e criar novas dinâmicas para a exportação da música portuguesa, um conceito dinâmico de lusofonia”.

Dirigindo-se especialmente aos ilustradores, parte inovadora desta colectânea de letras de canções de Sérgio Godinho, José Jorge Letria afirmou que “Portugal tem hoje dos melhores ilustradores do mundo, a maior parte os mais novos” e que “70% deles estão ligados à música”.

E, dado o crescimento exponencial de ilustradores, fotógrafos e designers que se regista, exortou-os a todos a reunirem-se nesta casa, onde, garantiu, “estão mais protegidos do que andando sozinhos, onde podem ser esclarecidos dos seus direitos e ter vantagens”. “Temos de estar unidos para nos defendermos”, alertou.

“CRUZAR AS MINHAS AUTORIAS E AS DOS ILUSTRADORES É UM MOMENTO ESPECIAL”

“Eu acho que esta casa representa a criatividade que há em Portugal, que é múltipla e que é muito estimulante para outros e para nós próprios, e o cruzarmos também outras autorias. E eu, quando faço as canções, já trabalho em duas autorias, que são letras e músicas e até em algumas parcerias. Mas, ao cruzar minhas autorias e as dos ilustradores, no caso congregadas pelo João Paulo Cotrim que fez um trabalho magnífico, é um momento especial!”, confiou o criador de “O homem dos sete instrumentos” à Autores, no final da sessão.

Sérgio Godinho admitiu que nunca tinha recebido direitos de autor até vir de Paris, depois de ter gravado os dois primeiros discos, e que, aparte o Sporting, nunca pertencera a nenhuma comunidade nem partido, mas, salientou com orgulho:

“Pertencço à casa dos autores.”

Foi aqui e também agora com este projecto colectivo, através das várias versões das suas músicas – “adoro versões, é sempre uma evolução, uma reinterpretação, uma revitalização das letras e dos sons noutros corpos, noutras vozes, noutras linguagens artísticas” – que Sérgio Godinho chegou à conclusão que lhe serviu de lema à obra ora lançada no mercado: “Ilustrada a música destas quarenta maneiras, percebo agora melhor o que dizem as palavras e os sons.”

“A partir do talento do Sérgio a compor de forma transgeracional, as suas canções resistem a todos os tempos e são interpretadas em todos os instrumentos, até no papel, por isso este livro é um ser orgânico”, referiu o editor e escritor de grande gabarito João Paulo Cotrim que, num tempo de crise como este que atravessamos, se atreveu a arriscar na criação de uma editora, que inaugurou oficialmente com esta magnífica obra. Porém, não uma editora igual às outras, realçou, “mas uma ideia de laboratório, uma convocatória para uma comunidade de leitores que se reúnem em torno de seres vivos, de que este livro é exemplar”. Conforme escreve no preâmbulo do livro, sob o tema “O que há nas letras”, para ele, “as boas canções são intemporais, mesmo acabadas de gravar têm a maturidade de séculos e falam-nos ao ouvido do único tempo que importa: o presente”.

E acrescenta, apontando para as obras plurais dos quarenta ilustradores, cada qual com a liberdade de “ler” os poemas com o traço que lhe impôs a sua própria sensibilidade: “Do quebra-cabeças nasceu uma panorâmica megalómana também da ilustração portuguesa.”

Apenas um traço de harmonia percorreu o projecto de tão grande diversidade, segundo releva: “Distribuíram-se como pontos cardeais outros tantos quadrantes de cores dominantes, por esta ordem: azul, vermelho, laranja e verde.” *Edite Esteves*



O dramaturgo das grandes figuras da cultura e da história

HÉLDER COSTA

O surrealismo, a ironia e a sátira são os instrumentos com que burila as palavras, os conceitos e as histórias – muitas delas repletas de contradições – que escreve e encena para o grande público, ao serviço do teatro e em particular de A Barraca. Com o objectivo claro de dar a conhecer as grandes figuras da cultura e da história portuguesas, o dramaturgo e encenador Hélder Costa cumpre com rigor e preciosismo um plano que marca, desde a nascença, o reportório deste grupo de teatro independente de Lisboa. Cooperador da SPA e beneficiário desde que chegou de Paris, em 1974, Hélder Costa foi distinguido no Dia do Autor Português com uma Medalha de Honra da cooperativa. “Já tinha saudades de ganhar um prémio em Portugal! Mas o que me agradou, essencialmente, foi que, para além do meu trabalho, o prémio constituiu o reconhecimento de uma linha de teatro, de uma linha de escrita e de uma postura de cidadania”, declarou à Autores

Qual o verdadeiro significado que atribui à Medalha de Honra com que a SPA o distinguiu no Dia do Autor Português? Foi mais um reconhecimento?

Vou dizer uma coisa que parece demagógica, mas não é. Eu ganhar um prémio, já ganhei muitos, nacionais e internacionais, mas, realmente, já tinha saudades de ganhar um prémio em Portugal! E o que me agradou, essencialmente, foi que, para além do meu trabalho, o prémio constituiu o reconhecimento de uma linha de teatro, de uma linha de escrita e de uma postura de cidadania. Calhou muito bem a nível do país actual, em que há o descaramento de dizer que o movimento de teatro independente é um movimento subsídio-dependente e em que não se fala das outras coisas fundamentais que são: Quem é que criou o teatro português?

Quem criou o quê no teatro português? Quem é que recuperou as pessoas boas do teatro antigo? De uma forma totalmente democrática, aberta, chamando as pessoas sem exclusão? Foi o movimento do teatro independente. E uma outra coisa absolutamente fundamental que é uma ingratidão terrível não reconhecer: Quem é que criou as salas de teatro que existem hoje? Foram os teatros independentes. Salas que estão a oferecer coisas à cidade e ao país inteiro. Foram esses grupos independentes.

E com imensas dificuldades...

Com dificuldades económicas enormes! Cito o caso de A Barraca, nomeadamente, e os problemas subsequentes, que são de uma injustiça incrível não serem reconhecidos. Significa um desprezo, um desprezo impune, e isso é que é

pena, porque estes desprezos deviam ser pagos, estes desprezos vindos de uma certa comunicação social e de uns certos opinadores públicos, deviam ser pagos, respondendo ao cóio de corrupção que eles criam interminavelmente.

O que é que critica nesta sociedade?

O fascismo agora já não é para aqui chamado, o que existe é a falsa democracia, o oportunismo, o salve-se-quem-puder, essa nova moralidade. Isto está tudo ligado à história do prémio, porque há duas, três coisas, que são o sinal para mim extremamente grave do baixo nível sistemático que nós temos. Uma coisa é a questão moral e a questão ética que se perderam. Alguém que é um bocadinho mais normal do ponto de vista ético e moral, como nós aprendemos sempre com os nossos pais e na vida, é considerado o



anormal, o desgraçado, baixaram-se os valores de educação. Outra coisa que está ligada a esta falta de moral, de ética, e a todo este desenvolvimento suicidário – não é globalização, é imperialismo – também já não é a questão da caridade e da solidariedade, porque eu acho que a solidariedade é a caridade dos ateus, acho que falta uma outra palavra, que deixou de existir por algum motivo, que é a palavra fraternidade, que significava realmente outra coisa. E, por isso mesmo, miraculosamente, desapareceu.

E o que é que significa, realmente, a palavra fraternidade, nesse seu entender?

Fraternidade é o acto cívico normal, que se tem com o vizinho, com o amigo, com o colega e em que nós não estamos a fazer um favor, nem o fazemos por solidariedade. Eu tenho uma pes-

soa que está desempregada e fico desesperado a tentar arranjar-lhe qualquer coisa. Não é por solidariedade, é porque sinto que é um irmão. É uma questão cívica.

Crítico atento e acérrimo como é, o que é que pensa, então, que falta nesta nova conjuntura?

Uma falta grave neste país é a questão do patriotismo. Não é nacionalismo. Há pessoas que confundem. A questão do patriotismo é uma questão que vemos sistematicamente através dos séculos e que nós conhecemos, mais recentemente, através da questão republicana e que tem um sinal muito curioso, que é o nascimento do Ultimato Inglês.

Questões como “não gosto que me ponham a pata em cima”, “eu tenho o direito a ter o meu país”, “eu tenho direito a que o meu país seja cada vez

melhor”, “tenho direito a ter a culinária que me apetece”, “o produto agrícola que me apetece”, são questões absolutamente chave e não se devem confundir nem com nacionalismo, nem com o orgulhosamente só. É que esta habilidade de querer confundir o querer defender o nosso país, a nossa terra, a nossa rua, com a opção “mas nós temos que ser abertos para o mundo, nós agora temos isto e temos aquilo”...

PRÓ-FEDERALISTA A SÉRIO

O “nós agora somos europeístas”...

Eu sou europeísta, mas sou federalista. Então, vamos juntar e fazer as contas. Não é esta macacada. Não, porque perdemos a independência... Não, porque assim nós somos uns desgraçados, que estamos às ordens do banco alemão. Eu sou pró-federalista, mas a sério. A Europa teve na mão oportunidades extraordinárias, há dez anos, quando houve o Tratado de Lisboa, e podíamos ter sido extraordinários, se tivéssemos agentes políticos sérios, que percebessem que tivemos uma oportunidade única que vai ser irreversível. Foi toda aquela gente horrível – Bush e Ramsfeld que criaram as guerras de propósito – aquele imperialismo miserável em ruína... Aí é que a Europa tinha tido a grande oportunidade de se instituir como uma figura política importante, tratado imediatamente de fazer todo o esforço para a paz Israel-Palestina. Porque essa é a chave, toda a gente sabe.

Mas, voltemos ao valor que a Medalha de Honra da SPA teve para si...

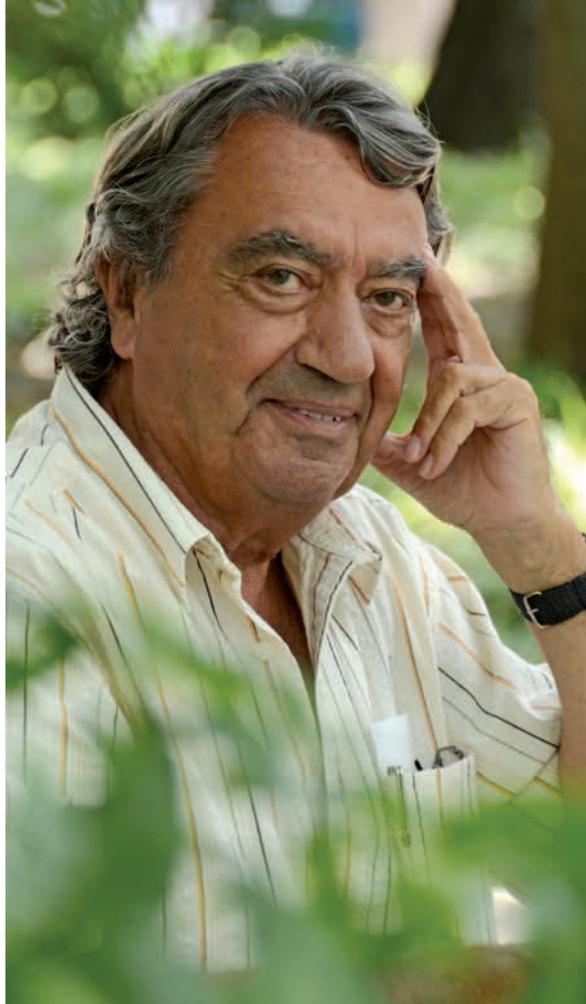
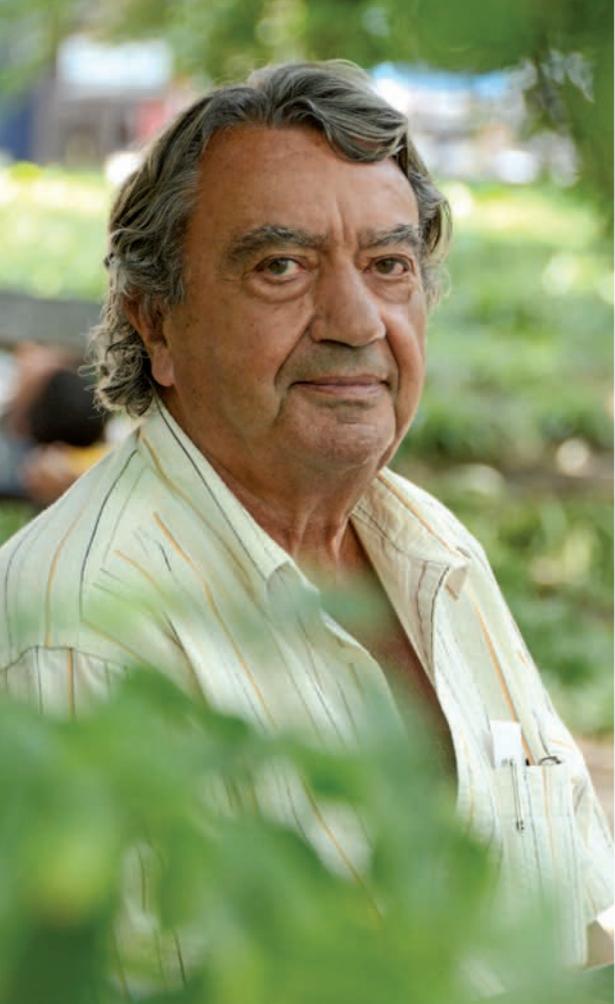
Gostei muito do prémio, porque, realmente, acho que as pessoas sabem o que eu penso e o trabalho que faço. Se virmos o reportório todo que tenho feito desde que começámos, a obra é extremamente clara. Há um plano, estudado desde o princípio, que é fundamental: fazer trabalho sobre a história e a cultura de Portugal.

Porquê?

Porque cinquenta anos de fascismo, mais trezentos anos de inquisição tinham, evidentemente, adulterado e “alimentado” mil versões da história. Era absolutamente imperioso estudar isso. Ou seja, chegar a reconhecer, realmente, o país.

E qual foi o método que adoptou?

Comecei a ir ao nosso século de ouro, que é o século XVI – Camões, Gil Vicente – e por aí fui influenciando, penso, muita gente para gostar de história. Perceber que houve figuras intelectuais extraordinárias e que muita gente desconheceu e continua a desconhecer, como o Damião de Góis, por exemplo. Ele foi o mito europeu da sua época. Basta dizer que nós chegamos à Universidade de Pádua e no salão nobre há 12 retratos, e um deles é o de Damião de Góis!



O FASCÍNIO DE DAMIÃO DE GÓIS

Para quem desconhece a figura, que fascínio tem mesmo esta personalidade da nossa história, por quem o Hélder parece estar deslumbrado? Ele foi um dos melhores músicos do seu tempo e inventou o moteto [o moteto era, inicialmente, uma cláusula em que se mudava o texto da voz superior para um diferente do que era executado no cantus firmus. Nessa época, o moteto será um contraponto feito sobre um texto religioso]. Ou seja, uma alteração musical, contra o canto religioso. Foi o primeiro indivíduo a introduzir as melodias. Na prática, seria o que hoje se designa por arranjador musical, um instrumentista. É o indivíduo que vai trabalhando por cima das harmonias



E O QUE ME AGRADOU, ESSENCIALMENTE, FOI QUE, PARA ALÉM DO MEU TRABALHO, O PRÉMIO CONSTITUIU O RECONHECIMENTO DE UMA LINHA DE TEATRO, UMA LINHA DE ESCRITA E UMA POSTURA DE CIDADANIA

Mas a história de Damião de Góis é muito mais rica e complexa...

Damião de Góis foi perseguido e denunciado por um sacerdote português jesuíta chamado Simão Rodrigues, um dos membros do grupo fundador da Companhia de Jesus e o primeiro Provincial de Portugal, que tinha sido colega dele em Pádua. Damião foi para Lovaina, casou-se, teve filhos, era reitor da universidade, aquilo é invadido por franceses e dá-se a guerra - existe um quadro pintado pelo Durer em que ele está representado em plena batalha. E é ele que traz para Portugal As Tentações de Santo Antão, um tríptico do pintor holandês Hieronymus Bosh, que terá sido pintado entre 1495 e 1500, e que se encontra exposto no Museu de Arte Antiga, em Lisboa. É um senhor, um homem especialíssimo! Depois, durante aquela luta, é preso e os franceses pedem um resgate enorme para o libertar. O rei de Portugal não se mexe e quem paga o resgate é o imperador Carlos V de Espanha. O Damião fica chateado com a Bélgica, porque acha que os seus colegas não tiveram dignidade suficiente para o libertar e então vem para Portugal. E vem ser o professor do filho do rei D. João III, de quem tinha sido amigo de infância na corte. Vem prepará-lo para ser rei. Mas, passado um mês, é retirado desse cargo - ele estava a ensinar-lhe política e economia, porque tinha estado à frente da Feitoria da Flandres durante cerca de 22 anos (a Wall Street da época) e escrevia cartas para o rei D. Manuel para falar de questões da moeda, sem falar do termo que se inventou mais tarde, que era a inflação. Passa, então, a ensinar ao príncipe

não essas matérias, mas arte e música, ficando no seu lugar o tal Simão Rodrigues a ensinar-lhe política e economia. Porque, nessa altura, já havia a inquisição. Tinha começado em 1536.

Mas o Hélder Costa já fez uma peça sobre D. João III...

Efectivamente. Já agora, é bom falar destas duas datas que são fantásticas: a data de 1536 e a primeira data que é 1502. Em 1502, é quando nasce aquele que vai ser o D. João III - na verdade, eu fiz uma peça sobre isto - Uma Floresta de Enganos -, que versa toda a vida e obra de Gil Vicente, começando com o Auto do Vaqueiro, em 1502, data do nascimento de D. João III. E, em 1536, é quando D. João III implanta a inquisição, no mesmo ano em que morre Gil Vicente. Na última peça que escreve - Floresta de Enganos - ele, o autor Gil Vicente, anda sempre com um parvo atado à perna... E nessa altura já está entregue à inquisição. Foi o primeiro dramaturgo a fazer crítica social, a falar mal do clero e a dizer que os terramotos são castigos de Deus... Camões, Gil Vicente, Fernão Mendes Pinto, Damião de Góis, que eram todos amigos, já estão, claramente, sob a influência de Erasmus contra o Papa de Roma.

É, então, aqui que arranca todo este trabalho de história e cultura portuguesas?

Peguei no século XVI. E, ao mesmo tempo, propus-me fazer todos os anos, também, um espectáculo que tenha a ver com o contemporâneo, com o que se passa agora. Para isso, estreámos em Portugal e no Brasil o Dario Fo e acertámos. Pusemos logo no princípio o Augusto Boal a trabalhar, o que é também muito interessante.

O "EMPURRÃO" DE BOAL...

O Augusto Boal?!

Sim, porque o que é que acontece? Eu estava em Paris com aquela bolsa de estudos que o Salazar me "ofereceu" – estive sete anos sem sofrer o fascismo e até aprendi outras coisas; aliás, já fiz, a propósito disso, a peça O Saudoso Tempo do Fascismo – e tinha criado um teatro para emigrantes, o Teatro Operário, em que lhes ensinei a escrever e, ao mesmo tempo, aproveitei para fazer o Curso de Teatro na Sorbonne, no Instituto de Estudos Teatrais (eu fui para Paris em 67 e na Sorbonne fiz isso em 69, 70, 71). Depois, como estava lá, conhecia bem o que se estava a passar no teatro brasileiro, no fantástico grupo do Teatro Arena - o Teatro do Oprimido - de São Paulo, dirigido pelo Augusto Boal. Estava atento e, de repente, o grupo Arena chega a Paris. Resolvi ir falar com eles - o Boal nem estava nessa reunião - e propus-lhes: "Já que estão cá, gostava que mostrassem o vosso teatro numa festa de emigrantes, de exilados portugueses e o dinheiro irá todo para os presos políticos em Portugal." Foi um espectáculo incrível! Juntámos centenas e centenas de malta, ficou tudo maluco! Aquilo é o teatro que a gente faz e toda a gente percebe. Aí, apareceu o Boal, magríssimo, de cabelo curto... "Há um problema com o Boal, ele agora já não pode voltar para o Brasil, já foi preso, já foi libertado e já querem prendê-lo outra vez, de maneira que ele já não volta para o Brasil", disseram-me. Então, foi para a Argentina. E, quando aconteceu o 25 de Abril, é que ele veio para Portugal.

E como é que ele começa a trabalhar n' A Barraca?

Fui eu que o contactei. Quando chegou ao nosso país, ainda escreveu crítica teatral na Opção, uma revista que houve a seguir ao 25 de Abril, dirigida um ano ou dois por Artur Portela Filho. Nessa altura, contou-me que o primeiro espectáculo que tinha feito era uma peça sobre Gil Vicente e combinámos logo ali convidá-lo a integrar A Barraca. Ficou felicíssimo! A Barraca tinha sido constituída em Maio de 76 e estávamos em 77. O Boal encontrou um grupo de jovens com "sangue na guelra". Tínhamos começado com uma peça que foi um colectivo – A Cidade Dourada – fiz os Fidalgotes, que era Gil Vicente, e a seguir já o Boal faz uma adaptação sobre a peça que tinha dirigido no Brasil, o Tiradentes, que foi Barraca Contra Tiradentes. A seguir fez outro espectáculo – Ao qu'isto Chegou – e depois obrigou-me a escrever: "Você tem de escrever uma peça sobre aquela história que passa a vida a contar sobre o Zé do Telhado."

Então, foi o Boal que fez de si um dramaturgo? Um autor?

Foi. Foi ele que me obrigou a escrever. Como eu tinha aquilo tudo na cabeça foi uma coisa extraordinária! O desafio dele foi na sexta-feira, no fim-de-semana não se trabalhava e eu no sábado escrevi o primeiro acto, no domingo escrevi o segundo e na segunda-feira, zás, "está aqui". O Zé do Telhado foi um grande êxito, tivemos logo, em 78, o Grande Prémio Internacional, no Festival de Stiges, em Barcelona. Nessa noite foi incrível! Porque, ao mesmo tempo, havia um concurso de textos inéditos. Assim, a peça Zé do Telhado ganhou o Grande Prémio e, passados cinco minutos, eu ganho o Prémio de Texto com a peça D. João VI. Portanto, o Boal dá-me o "empurrão" para eu começar mesmo a escrever as nossas peças.

E NUNCA MAIS PAROU DE ESCREVER

E a seguir o Hélder vai escrever indefinidamente...

Nesse ano, escrevi Zé do Telhado, D. João VI e Damião de Góis. No ano seguinte, escrevi, nomeadamente, A Peregrinação e Camões e ainda escrevi a dramaturgia de Um Dia na Capital do Império do Chiado. Depois foi António José da Silva... E, a partir daí, nunca mais parei. Marcando sempre a linha de actuação programada para A Barraca com grandes figuras históricas. Mais recentemente, já chateado com o clima de crise que se estava a instalar, fui fazer os crimes da República – O Mistério da Camioneta Fantasma – que eram os crimes da noite sangrenta, dos assassinatos a mando dos monárquicos, que andavam sempre a dizer que os responsáveis eram os anarquistas e o Salazar a fazer propaganda contra os anarquistas, cartazes e tudo. Disse para mim: "Bom, vou começar a despachar estes tipos todos."

Mas sei que, antes de mais, fez um espectáculo único que lhe deu muito gozo.

Ah, é verdade! Antes, fiz um espectáculo extraordinário! Único! Ao mesmo tempo que A Barraca estava sem subsídio - estivemos dez anos sem subsídio -, fomos convidados para fazer um espectáculo na Assembleia da República.



HÁ UM PLANO, ESTUDADO DESDE O PRINCÍPIO DE A BARRACA, QUE É FUNDAMENTAL: FAZER TRABALHO SOBRE A HISTÓRIA E A CULTURA DE PORTUGAL

Chamei-lhe Viva a República. Aquilo foi uma história muito engraçada, vale a pena contar: Eles queriam fazer uma comemoração da Constituição de 1911, que fazia 75 anos em 1986, e veio uma delegação falar comigo. Eu agradeci, mas escusei-me, alegando que era uma coisa difícil. E houve um que disse "Isso não custa nada. Você vai ver o que é que se passou na época e produz aquilo". E depois o que foi engraçado é que eu comecei a pensar: os indivíduos não percebem que em 1974 estava tudo junto e em 75 estava tudo zangado. Tal como em 1910 estava tudo junto, e em 1911 tudo zangado... "Que belo espectáculo que eu vou fazer!" Comecei em 1890 com o Ultimato Inglês e, então, meto tudo: a morte do rei, as alarvidades do Guerra Junqueiro, a organização dos anarquistas, as mulheres sufragistas, tudo, tudo, tudo. O Afonso Costa a ser expulso da Sala do Senado. Foi uma coisa louca! E faltavam cinco minutos para acabar o espectáculo, vai o Zé Gomes à tribuna e diz: "Hoje, 21 de Agosto de 1911, temos, finalmente, a nossa Constituição Política da República Portuguesa. Artigo primeiro... Artigo segundo – a bandeira é a bandeira vermelha e verde. O hino nacional é A Portuguesa." Abrem-se as portas e entra a banda da Carris a tocar o Hino Nacional. Apanharam com toda a história e foi a homenagem à República e à primeira Constituição Republicana Portuguesa.

E antes de O Mistério da Camioneta Fantasma ainda há outros espectáculos que considera marcantes, não é?

Depois do espectáculo na Assembleia da República, fiz Abril em Portugal para homenagear os 25 anos do 25 de Abril, uma peça que foi estreada em Grândola, a minha terra natal. Nessa linha fiz O Mistério da Camioneta Fantasma, de que já falámos, e a seguir o Obviamente, Demito-o, a propósito de Humberto Delgado, os 50 anos de 1958, data da sua célebre candidatura à Presidência da República. Outra coisa que fui fazendo, ao mesmo tempo, foram peças sobre a questão europeia. E sobre isto a questão do nazismo. De maneira que comecei com O Príncipe de Spandau, depois fiz a Giornata Particolare, cujo tema foi extraído do filme do Ettore Scola *Una giornata particolare*, 1977 (Um Dia Muito Especial), que é sobre o fascismo italiano. Depois fiz Viva la Vida sobre a guerra civil de Espanha. Fui com ele a um festival a Portalegre e uma amiga minha, com quem eu já fiz espectáculos em Mérida e Badajoz, queria que eu levasse a peça a Espanha. Mas ainda representa um perigo. E a prova disso é que o juiz Gárzon foi expulso. Nem se acredita que se pode pôr o Gárzon na rua. Com manifestações e tudo. Em Barcelona, onde vou com frequência, fiz *O Baile* adaptado para a história de lá.

SÁTIRA E RIGOR NA ESCRITA

Na prática, tem estado sempre a fazer textos dramaturgícos ligados à história e a figuras históricas...

Tenho estado sempre ligado à história da cultura, muito preocupado, porque se a malta não sabe estas coisas está desarmada. Eu sei que o teatro é pouco, devia ser filmes. Eu já tentei, mas não me deixam fazer cinema. Já tentei vários projectos, mas nunca foram aceites. Não dizem porquê.

Mas o seu humor é altamente corrosivo. A comédia é um formato que também o seduz?

Também já fiz comédia: Quero Ser Ministro e O Incorruptível, que já esteve em vários países. O Incorruptível estreou no Teatro Municipal de Madrid: fui eu que dirigi o espectáculo com um grupo de lá. Aliás, quando vou para fora do País, enceno sempre as minhas peças com os grupos locais. O último foi As Peúgas de Einstein, a convite da Secretaria de Cultura de Fortaleza, do Estado do Ceará, porque se comemorava então o Ano Internacional da Astronomia. Levaram-me lá a ver um museu em Sobral onde fizeram a fotografia do eclipse da lua, que demonstrou, devido à mudança das estrelas, a teoria da relatividade de Einstein. O que aconteceu também na Ilha do Príncipe, em Portugal, em 1919. Claro que no nosso País ninguém sabe disto. É uma vergonha. “Estamos a convidá-lo para fazer uma peça sobre Einstein”, disseram-me. “Mas eu não sei nada sobre Einstein...”, escusei-me. “Quem já fez uma peça sobre Darwin sabe tudo”, argumentaram. De facto, eu já tinha feito uma peça sobre Darwin para a Fundação Gulbenkian.

Então? Aceitou, claro. Como é que foi?

Lá estive a estudar o tema. Primeiro, falei com o Nuno Crato, depois um velho camarada



**EM AFONSO HENRIQUES
VOU MESMO
LÁ AO FUNDO
PARA FALAR
DA QUESTÃO
DO PATRIOTISMO
E FAZER MAIS
UMA TENTATIVA
DE TIRAR
O D. AFONSO HENRIQUES
DA DIREITA**



recomendou-me um professor do Técnico chamado Jorge Dias de Deus. Liguei-lhe. “Sei, até fiz um livro sobre ele.” Conversámos. “Mas tu estás a querer saber mais coisas e a pessoa que mais sabe sobre a matéria a nível do País e a nível internacional é o Carlos Fiolhais.” Mas, entretanto, escrevi a peça e mandei-a para o Brasil. “Está extraordinária!”, comentaram. Mas eu cá desconfiei. E resolvi contactar mesmo o Fiolhais. Mandei-lhe o texto e, passados uns quinze dias, devolveu-mo, com algumas apreciações e correcções. Fiquei mais descansado e lá enviei de novo a peça para o Brasil em versão final.

E sobre O Incorruptível?

Sobre O Incorruptível, que estreou em Madrid, tenho uma história paralela bem interessante. A conferência de imprensa a anunciar o espectáculo encheu o teatro espanhol. Estava lá tudo: televisões, rádios, jornais, revistas. Como eu tenho um nome forte em Espanha, com os êxitos que lá tive, prémios do Dancing, sou bem conhecido, até mais do que aqui - também está bem, porque sou ibérico, não faz mal nenhum. Aquilo nunca mais acabava. A malta toda a rir, quando eu estou a explicar a peça - é a história de um político de carreira que quer ser corrupto e não consegue, porque ninguém o convida. É um azar!!! Então, o tipo vai mudando de roupas, de restaurantes, vai imitando os outros... nada. É um retrato incrível, do mais ridículo. E nisto, estava a acabar, o director do teatro estava satisfeítíssimo e lança “uma última pergunta”. E há uma jornalista que faz uma pergunta extraordinária: “Para você, qual seria a figura actual que indicava para o grande corrupto?” Eu fiquei embatucado e respondi de forma espontânea: “O Papa.” E ainda acrescentei: “Olhe, ainda bem que me fez essa pergunta, que eu nunca tinha pensado

nisso.” Há quem faça corrupção com a construção civil, com... Fazer a corrupção com uma coisa que não existe é extraordinário! Saiu... No dia seguinte, nos jornais: “Director Costa declara que el Papa es el grande corrupto.”

Não foi “excomungado”?!

Não, foi óptimo! “Há uma besta que diz isto!”, deve ter pensado a maioria...

A QUESTÃO DO PATRIOTISMO

E neste momento o que é que está a preparar?

Estou interessado na questão do D. Afonso Henriques, é uma peça que se chamará Afonso Henriques. E quero fazer uma outra complicada, que comeci o ano passado e interrompi, chamada O Elogio da Loucura, de Erasmus. Anda tudo a falar do Erasmo, mas ninguém sabe quem era o Erasmo. Erasmo de Roterdão foi o porta-voz do humanismo. E O Elogio da Loucura é a coisa mais revolucionária que se pode encontrar. Além de ter a ver com o programa das universidades, é uma coisa que permite, ainda por cima, ir ao encontro do meu estilo - a loucura, ironia, sátira. Está ali tudo. E fiquei muito satisfeito, porque fui apanhar a Grândola o meu livro O Elogio da Loucura do tempo do liceu e aí é que eu reparei que eu ainda um miúdo de 16 anos já tinha sublinhado tudo o que era essencial.

Uma peça sobre D. Afonso Henriques? Porquê agora?

Já fiz o guião todo... É o regresso a uma coisa que me interessa fazer. Vou mesmo lá ao fundo para falar da questão do patriotismo e fazer mais uma tentativa de tirar o D. Afonso Henriques da direita. Acho que é fácil: basta ele não ter querido

pagar ao Vaticano e depois ir lá o cardeal e ele dar-lhe uma carga de pancada e depois a questão da mãe, ver o que é que significa a nível das novas possibilidades de lutas entre os fidalgos. É uma coisa embrionária, não é a revolução, mas calma. E depois há todo o processo, que, aliás, foi adulterado pelos cruzados quando invadiram Lisboa. Uma das primeiras regras era não matar, até porque Lisboa era uma cidade islâmica, em que os católicos viviam aqui há centenas de anos sem nenhum problema. Isto é uma verdade histórica. E vieram os cruzados e começaram a matar... E o rei, a partir daí, também faz uma coisa que é interessante, para ele e para o filho: dá aquelas terras todas do lado de lá, na outra banda, aos mouros para eles estarem à vontade, para poderem cultivar e viver. Agora, tenho de dizer muitas coisas contra a nossa moralidade, incluindo a actual. Por exemplo, como é que os indivíduos iam atacar, como é que faziam, como é que era enganar os árabes, caso de Santarém. Havia uma regra entre os árabes e os cristãos, em que combinavam 15 dias de tréguas, para tratarem deles e irem até casa... e depois prosseguiam com a guerrilha. E quando era trégua deixavam de vigiar o castelo. Aí, o Afonso, à traição, lá entrou com as suas tropas, quando eles estavam desprevenidos. É feio, mas eu quero pôr isso. Era o que faltava que não o fizesse. Só assim é que as peças têm valor.

Portanto, a linha de conduta do Hélder Costa é, no seu entender, repór aquilo que considera a

verdade nua e crua sobre as figuras da história e da cultura. Pelo menos, a verdade a que chega na sua pesquisa, com vista “a avisar a malta”, como costuma dizer.

Claro. Olhe, quando mostrei a peça Obviamente, Demito-o, à Iva, a filha do Humberto Delgado, ela perguntou-me: “Mas porque é que está aqui a falar da Legião Portuguesa?” “Mas eu tenho que falar. Isso já passou. Ainda por cima, tem mais valor um indivíduo que foi da Legião mudar e ser assassinado”, respondi-lhe. Ele, de facto, foi do regime, mas quando vai para os Estados Unidos muda, deixa-se enrolar, sempre com pides atrás dele. Os activistas pouco politizados são ingénuos, isso faz parte deles. O Otelu, por exemplo. São tipos que caem em coisas que nos deixam parvos. É preciso dar a entender as contradições, as lutas da política.

Deve coleccionar imensas histórias paralelas, contradições múltiplas e pormenores escusos sobre as figuras que pesquisa para a sua escrita... Tudo junto, daria, decerto, um espectáculo exemplar para o grande público. Então, ao seu estilo...

O Norton de Matos, designadamente, já é diferente, era um republicano político. Toda a linha que ele tinha para as colónias é certíssima, e antes até dos ingleses. Esse é que era. Mas ele desiste. E mais: eu acho que foi um crime, porque era o pós-guerra imediato e, neste caso, o fascismo tinha sido derrotado. Se calhar, há aqui coisas que a gente não sabe:

pode ser que, como normalmente se fazia, o Norton de Matos tenha tentado contactar com as embaixadas inglesa e francesa, durante a campanha, e eles recomendarem-lhe “acalme agora, por enquanto”. Pode ser. Isto é terrível. Por exemplo, aquando dos crimes da noite sangrenta em 1921, eu para investigar bem aquilo pensei ir ao Ministério dos Negócios Estrangeiros ver se apanhava as cartas do embaixador inglês. Chego lá e peço para ver. “Mas quer ver, porquê?” “Sabe, eu sou alentejano, sou ali de Grândola, há lá muita cortiça, o meu pai tinha uma fábrica de cortiça e eu gostava de saber a história da cortiça para fazer um trabalho.” “Ah, está bem!” Chego a 1921, 19 de Outubro, tinham desaparecido essas folhas. Normal. Mas, como eu sou um velho rato, continuei a investigar, quando encontro um comunicado do embaixador daqui para lá a dizer que “foi um general falar, dizendo que estavam imediatamente dispostos a fazer um golpe militar, querem o apoio da Inglaterra, e eu”, diz ele, “contactei com Espanha e com os Estados Unidos da América – o general também já tinha contactado com eles – e eu disse e os outros também disseram a mesma coisa: não, por enquanto temos de ter calma, nós não temos nada a ver com as coisas internas de cada país, mas trata-se de um general que está disposto e a gente depois vê.” Esse general, em 1921, chamava-se Gomes da Costa, que fez o golpe em 1926. Lá está tudo preparadinho. *Edite Esteves*



FUNDADOR DO TEATRO OPERÁRIO DE PARIS

O encenador e autor de peças teatrais português Hélder Costa, que frequentou o Institut d'Études Théâtrales da Universidade de Sorbonne, em Paris, integrou o Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra e foi presidente do Cénico de Direito, ao serviço do qual arrebatou duas menções honrosas no Festival Mundial de Teatro Universitário de Nancy, em 1966 e 1967, foi fundador do Teatro Operário de Paris, em 1970, cidade onde esteve com “uma bolsa de estudos de Salazar”, como disse com o seu humor cáustico, a propósito da sua estada forçada na capital francesa, antes do 25 de Abril de 74.

Encenador e Director Artístico do grupo A Barraca (prémio UNESCO, 1992), dirigiu vários espectáculos em Espanha, Brasil, Dinamarca e Moçambique. Dirigiu acções pedagógicas e participou em congressos e festivais em França, Alemanha, Suíça, Argentina, Cabo Verde, México, Colômbia, Venezuela, EUA, URSS, Chile e Itália.

Uma das suas últimas peças, O Príncipe de Spandau, teve estreia mundial em Viena de Áustria, foi montada na Dinamarca, na Bolívia e em Londres e teve leituras-espectáculo em Madrid, Paris, Bruxelas, Roménia e Lisboa.

Além dos seus textos, para cuja escrita foi “empurrado” em boa hora pelo brasileiro Augusto Boal, que conheceu em Partis e que convidou para trabalhar consigo n' A Barraca após a Revolução dos Cravos, tem encenado peças de autores como Gil Vicente, Ribeiro Chiado, Dário Fo, Brecht, Mrozeck, Ettore Scola, Fassbinder, Woody Allen, Lope de Vega, Ionesco ou Molière.

“Mais conhecido lá fora do que cá dentro”, conforme admitiu à Autores, Hélder Costa, foi galardoado com vários prémios nacionais e internacionais de que se destacam o Grande Prémio de Teatro da RTP, Damião de Góis; Associação de Críticos; Casa da Imprensa; Prémio da Associação de Actores e Directores da Catalunha e obteve ainda o primeiro prémio do 1.º Festival Internacional da Ciudad de México com a peça Dancing.

Pertencente ao corpo pedagógico da Escuela Internacional de Teatro de América Latina y Caribe – daí dividir o seu tempo entre cá e lá – Hélder Costa recebeu, no passado dia 20 de Maio, a Medalha de Honra da Sociedade Portuguesa de Autores, distinção que muito o sensibilizou pelo significado que teve para si, uma vez que, disse, foi “o reconhecimento de uma linha de teatro, de uma linha de escrita e de uma postura de cidadania”. EE

PERFIL

EXPOSIÇÃO NA SPA EVOCA A CANÇÃO E O AUTOR DE “E DEPOIS DO ADEUS”

HOMENAGEM A JOSÉ NIZA INCLUIU ATRIBUIÇÃO DE MEDALHA DE HONRA A TÍTULO PÓSTUMO

A ATRIBUIÇÃO DA MEDALHA de Honra da SPA a título póstumo a José Niza, “elemento determinante para a credibilização e modernização dos serviços desta cooperativa, como presidente da Assembleia-Geral da SPA, desde as eleições em Setembro de 2003, com mandatos renovados em 2006 e 2010”, conforme recordou José Jorge Letria, foi ponto alto de uma série de homenagens que a Sociedade Portuguesa de Autores prestou ao responsável pelo texto da histórica canção “E Depois do Adeus”, falecido em 23 de Setembro passado.

O acto solene decorreu aquando da inauguração da exposição na Sala-Galeria Carlos Paredes, a 13 de Outubro, que evoca o autor e aquela canção, interpretada por Paulo de Carvalho, com texto de José Niza e música de José Calvário, vencedora do Festival RTP da Canção em 1974, que foi a primeira senha radiofónica do movimento libertador do 25 de Abril.

A entrega da Medalha de Honra da SPA foi efectuada pelo presidente da Sociedade Portuguesa de Autores à viúva de José Niza, Isabel Niza, que estava acompanhada, na altura, pelos dois filhos do homenageado.

Na cerimónia marcaram presença, entre outros amigos e personalidades ligadas à música, os deputados socialistas Manuel Alegre, Jorge Lacão e Inês de Medeiros, seus pares partidários e ex-companheiros, como delegados do PS à Assembleia da República.

“José Niza foi um dos principais obreiros da primeira Lei da Cópia Privada, na sua condição de deputado da Nação, presença muito regular e dinâmica em todas as actividades e projectos da cooperativa e também, entre muitas outras lutas em defesa dos direitos de autor e da Música Portuguesa, líder do processo de revisão dos Estatutos da SPA”, recordou o presidente da SPA e seu amigo desde os tempos de diálogo, de partilha e de trabalho no período em que este gravou discos para a editora Orfeu e sobretudo de amizades e combates comuns.

Sempre na frente de “batalha” em prol dos direitos de autor, José Jorge Letria lembrou ainda que “um dos últimos projectos em que José Niza esteve presente e empenhado, como presidente da Assembleia-Geral da SPA teve, exactamente, a forma de uma carta enviada à então ministra da Cultura, Gabriela Canavilhas, solicitando-lhe celeridade e reforçado empenhamento na passagem à Assembleia da República da proposta de lei do governo sobre a Cópia Privada”.

EM SUA HOMENAGEM, A SPA FARÁ PARA O ANO UMA GALA DO FADO EM COIMBRA

Na última reunião de corpos sociais em que participou, no final de Agosto passado, na sequência da proposta do espectáculo de Homenagem ao Fado, que ora se veio a concretizar, José Niza, fazendo jus às suas raízes coimbrãs no que respeita à música, “propôs que a SPA organizasse também um grande espectáculo dedicado, exclusivamente, ao fado de Coimbra, o que irá ser feito, também em sua homenagem, já no próximo ano, naquela cidade”, garantiu o presidente da SPA.

Foi também nessa derradeira reunião em que esteve presente que José Niza – “um dos grandes nomes da música portuguesa de sempre, na dupla condição de autor de canções e de produtor de discos históricos que a nossa memória guarda e celebra” – entregou uma candidatura ao Fundo Cultural da SPA, que envolvia o projecto de um livro sobre o editor Arnaldo Trindade, sobre a editora Orfeu e sobre o seu papel como produtor e director de repertório nessa grande aventura artística e cultural que mudou a história da música portuguesa.

“À saída da reunião, pedi-me alguma rapidez na aprovação do projecto e falou-me também do seu livro de memórias, que me disse estar praticamente pronto e que iria entregar a Manuel Alegre, para lhe dar a sua opinião de amigo de sempre e de grande escritor”, contou José Jorge Letria, anunciando, então, que, na sequência das homenagens prestadas a José Niza, “a SPA vai viabilizar a publicação de um livro para crianças da sua autoria e também do seu livro de memórias, com chancela não só da SPA ou com participação financeira para alargar mais o seu âmbito”.

A finalizar a sua intervenção, o presidente da SPA acrescentou que, por ocasião da assembleia-geral ordinária da cooperativa, a 22 de Dezembro, para votação e aprovação do Plano e Orçamento para 2012, “José Niza será devidamente lembrado em sede própria”.

“A EXPOSIÇÃO FOI FEITA PELO MEU MARIDO COM MATERIAL QUE ARQUIVOU”

Esta exposição, concebida por José Niza a partir de documentos do seu espólio e organizada com o apoio da SPA – a concepção plástica da mostra foi da responsabilidade do cenógrafo e pintor Fernando Filipe -, esteve patente ao público em Santarém, cidade onde vivia, no passado mês de Abril, como forma de homenagem aos autores e ao intérprete da primeira senha da Revolução dos Cravos.

“Foi tudo feito pelo marido com material que ele

tinha em casa”, confidenciou à Autores Isabel Niza, pormenorizando: “Desde que se reformou, depois de deixar de ser assessor de Almeida Santos, começou a arrumar e a arquivar tudo o que tinha em dossiês e pastas anotados e, quando foi o 25 de Abril, lembrou-se de fazer esta exposição para comemorar a data, tendo permanecido no Convento de São Francisco.”

Isabel Niza recordou “o feliz acaso histórico” que envolveu a canção “E Depois do Adeus”, que foi feita para o Festival da Canção de 1974, em que ficara em primeiro lugar, e que viria a constituir a primeira senha para os soldados saírem dos quartéis na senda da conquista da liberdade, na noite de 24 para 25 de Abril. “Nem nós ouvimos os Emissores Associados transmitirem-na, porque era uma estação muito difícil de sintonizar, nem poderíamos imaginar que um mês depois de ganhar o festival, assumisse um lugar tão marcante no nosso país na mudança para a democracia”. Isabel Niza, além de mulher de “um dos nomes mais importantes da música portuguesa das últimas décadas”, foi também sua parceira de trabalhos vários. “Eu é que lhe passava os textos no computador”, disse. “Ele escrevia imenso à mão em folhas A4 com esferográficas pretas muito fininhas, noite fora. Era mais nocturno que diurno”.

JORGE LACÃO: “FOI UM EXEMPLO DE DEDICAÇÃO À CAUSA PÚBLICA”

O deputado socialista Jorge Lacão, responsável pela elaboração do voto de pesar votado e lido na Assembleia da República, uma semana após a morte de José Niza, declarou à Autores que “ele foi, a todos os títulos, um exemplo de dedicação à causa pública, à cidadania e um grande amigo”.

“Eu tive o privilégio pessoal de partilhar com grande intensidade questões de política com José Niza e de testemunhar, enquanto deputado, a forma como ele se bateu em defesa dos direitos de autor e da música portuguesa, como elemento fundamental da identidade cultural do país”, assumiu.

Foram esses factores que Jorge Lacão quis transmitir através de um voto de pesar e homenagem à Assembleia da República, que o aprovou.

Pela importância que esta figura de relevo assume na vida da SPA e no panorama cultural e político português, transcrevemos aqui junto na íntegra o voto de pesar e homenagem lido na Assembleia da República. *Edite Esteves*

FOTOS: ALFREDO ANTÓNIO





VOTO DE PESAR DOS DEPUTADOS LIDO NA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA*

"Faleceu, no passado dia 23 de Novembro, José Manuel Niza Antunes Mendes, José Niza, como por todos era conhecido. O seu carácter afável e fraterno e, acima de tudo, o testemunho de uma vida entregue às causas da liberdade, da democracia e da cultura, sempre de forma impolatamente cívica e apta a granjear o reconhecimento de companheiros e adversários políticos, fizeram de José Niza uma personalidade respeitada e querida nos mais diversos quadrantes da sociedade portuguesa. "Foi deputado em vários mandatos, primeiro à Assembleia Constituinte e, depois, à Assembleia da República. No exercício da representação política destacou-se como autor e co-autor de relevantes iniciativas e diplomas legislativos, muito principalmente na área dos direitos de autor e da protecção dos criadores e intérpretes musicais e da promoção em geral da música portuguesa. A morte veio, aliás, e significativamente, encontrá-lo na presidência da mesa da Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de Autores, para cuja renovação activamente contribuiu. "Além disso, José Niza desempenhou ao longo da sua vida importantes funções públicas, desde a presidência do então Gabinete de Planeamento e Coordenação do Combate à Droga, a Director de Programas da RTP, passando pela presidência da Assembleia Municipal de Santarém, cidade e distrito a que tão profundamente se encontrava ligado. "Mas é porventura no domínio da

produção artística, como letrista e como compositor, que José Niza continuará a ser mais lembrado. Desde os seus tempos de estudante de Coimbra, ao lado de figuras como José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Luís Góes ou Machado Soares. A José Niza a produção cultural portuguesa fica devedora das mais belas canções do nosso universo musical. Letras e músicas de intervenção tanto quanto da mais bela lírica portuguesa. Por todas elas, cumpre destacar *E Depois do Adeus*, cantiga de Paulo de Carvalho com música de José Calvário e letra de José Niza, para sempre marcando, como senha inicial, a memória do 25 de Abril e do Movimento das Forças Armadas. "Por tudo isto, e o mais que não cabe num voto de pesar, a Assembleia da República invoca a memória de José Niza, o valor do seu exemplo e do seu legado, apresentando à sua família, muito em particular, e também ao Município de Santarém, à Sociedade Portuguesa de Autores e ao Partido Socialista, de quem era militante, as suas sentidas condolências." *Os Deputados*

**Apresentado pelo grupo parlamentar do Partido Socialista, do qual José Niza foi, durante mais de 20 anos, deputado, este voto de pesar pela sua morte e de homenagem ao companheiro de bancada, escrito por Jorge Lacão, foi votado e lido na sessão do dia 30 de Setembro, ao meio-dia, pela deputada socialista Rosa Albernaz, membro da mesa da assembleia, com todos os deputados presentes de pé.*

ASSOCIAÇÃO ABRIL FESTEJA 25 ANOS NA SPA

CICLO DE CONFERÊNCIAS PROMOVE "A MEMÓRIA NO FEMININO"

Coincidindo com o encerramento do mandato do biénio 2009 - 2011, que decorreu sob o lema "A cultura do desassossego", a Associação Abril festejou os seus 25 anos, com a organização de um ciclo de actividades e conferências, dedicado ao tema "A memória no feminino", que decorreu entre 21 de Setembro e 5 de Dezembro, no Auditório Maestro Frederico de Freitas da SPA. Com esta iniciativa, a Associação Abril pretendeu "lembrar algumas das mulheres que, durante o último século, travaram a dura batalha pela conquista de todos os seus direitos, designadamente algumas das pioneiras da 1.ª República, as que lutaram contra a privação das liberdades individuais e aquelas que viveram e sofreram os danos e as ausências da guerra colonial". A Associação Abril, que viu o auditório da SPA sempre cheio e com uma assistência extremamente interessada, pretendeu ainda evocar e homenagear a memória da sua mentora Maria de Lourdes Pintasilgo que, "no desempenho de altos cargos de governação em Portugal, nunca esqueceu a sua condição feminina".

A VOZ ÀS MULHERES ATRAVÉS DOS TEMPOS

Querendo dar voz à mulher que dirige a Associação Abril e que tão entusiasticamente se dedicou à concretização pormenorizada de todas as sessões que fizeram parte do denso programa efectuado, a Autores pediu a Maria Guadalupe Magalhães Portelinha que desse o seu testemunho final de como decorreram as sessões e a importância que a Abril lhes atribuiu. Aqui ficam, pois, na primeira pessoa, as suas palavras:

"Quase sem contarmos, já estávamos a organizar actividades em parceria com a SPA. Valeu-nos o interesse e a disponibilidade do seu presidente, José Jorge Letria, que acolheu a nossa proposta. Duas vontades se conjugaram e, em nossa opinião, com um bom resultado: por um lado, havia o julgamento dos arguidos no caso de A Filha Rebelde e o envolvimento da SPA na defesa da autora da peça e dos directores do Teatro D. Maria II. Por outro, o empenhamento da Abril em denunciar a situação e divulgar o mais possível o que se passou naquele tribunal, desde o atentado à liberdade de expressão e criação, até ao desfecho favorável. "Tudo isto coincidiu com o programa da celebração dos 25 anos da Associação, sob o signo 'A memória no feminino'. Na altura da programação lutávamos com a necessidade de um espaço melhor do que o da nossa sede para realização desta iniciativa. Convencidas que somos de que 'quem procura sempre encontra', achámos mesmo. Aproveitámos com enorme satisfação a disponibilidade militante e o espírito de Abril existente na SPA, para a Abril falar, desta vez, no feminino.

"Neste nosso ensejo de usar as palavras de ordem de Maria de Lourdes Pintasilgo 'dar voz aos sem voz, denunciar, enunciar, dizer, agir a palavra', organizámos, então, com o apoio precioso da SPA e seus colaboradores, cinco sessões sob o tema do feminino e da memória. Nas duas primeiras sessões, através da projecção do vídeo da peça de teatro, demos voz à filha que, abraçando a revolução cubana, se rebelou contra a política cruel e sinistra defendida pelo pai, o major Silva Pais, director da PIDE, até 1974. "Depois recuámos para a 1.ª República, tempo

em que foram dados os primeiros passos pela emancipação da mulher. Iluminadas pela memória, foram recordadas mulheres carismáticas como Adelaide Cabete, Ana Castro Osório, Carolina Beatriz Ângelo, entre outras, pioneiras que lutaram pela sua/nossa igualdade de direitos e oportunidades. Coube a Ana Vicente, ela própria uma lutadora inconformada com as injustiças sistemáticas de que a mulher é vítima, fazer uma excelente comunicação sobre este período de abertura e esperança.

"Na terceira (quarta) sessão imergimos no período negro do fascismo, nesses anos de chumbo que marcaram de forma cruel a nossa história recente. Ouvimos protagonistas reais, mulheres que experienciaram os duros efeitos da ditadura, da guerra colonial, mulheres que, convictamente, defenderam as suas ideias, que foram protagonistas activas do seu destino e ajudaram a fazer a história. Mulheres corajosas, de luta, de resistência, defensoras da liberdade e que sentem, hoje, apesar do reviver da dor, a necessidade de alertar, de passar a palavra, não permitindo que a memória se apague e que o fascismo seja 'branqueado ou lavado' por interesses



FOTO: ALFREDO ANTÓNIO

obscuros. Com emoção escutámos os tocantes depoimentos de Helena Neves, Aurora Rodrigues, Helena Pato e Ana Bela Vinagre.

"A última actividade, integrada neste ciclo, foi dedicada a Maria de Lourdes Pintasilgo, sua vida e obra. Tivemos o visionamento de um filme e três oradoras excepcionais - Alfreida Ferreira Fonseca, Maria do Loreto Paiva Couceiro e Maria Luísa Beltrão - que nos trouxeram a personalidade rica e multifacetada MLP sob diferentes vertentes: política, social, cívica e religiosa. Em jeito de pequena mas sentida homenagem, com imagens e palavras foi lembrada essa grande mulher que ficará nas páginas da nossa história recente, como verdadeira protagonista, pelo seu projecto político diferente e inovador e que, para além das outras lutas, também se envolveu na causa das mulheres e trabalhou e pugnou pela sua dignidade social. "Para a Abril este ciclo "A memória no feminino" foi o começo de uma futura e desejada parceria e colaboração com a SPA, estando em curso a assinatura de um protocolo entre as duas instituições.

"Uma palavra muito especial e carinhosa aos músicos que emprestaram a estas sessões uma beleza e um ambiente muito peculiar e enriquecedor.

"Agradecendo de novo à SPA e felicitando-a pelo seu trabalho exemplar e meritório, deixamos aqui os nossos votos de Boas Festas para todas e todos."

AUTORES FALAM DE AUTORES

Baptista-Bastos evoca jornalista Fialho de Almeida

Palestra de Baptista-Bastos é uma garantia, à partida, de qualidade a todos os níveis e muito especialmente na riqueza vocabular com que presenteia os ouvintes, tal como o faz na escrita com os seus leitores. Por isso, foi com um prazer redobrado que recolhemos os seus sábios ensinamentos ao encetar na SPA este ciclo mensal “Autores Falam de Autores”, no passado dia 25 de Outubro, evocando a figura singular do escritor, crítico e também jornalista Fialho de Almeida, quando se comemora o centenário da sua morte.

Fialho de Almeida foi, nas suas palavras, “um espantoso criador de linguagem”. E, simultaneamente, “um grande clássico que propôs uma nova leitura dos factos e dos homens”. Segundo o orador, o jornalista, grande admirador de Camilo, “deu sentido ao imperioso valor das palavras e às emoções nas páginas da imprensa” do seu tempo, ficando-se-lhe a dever parte da modernidade do jornalismo de hoje. Era um escritor de metáforas e de neologismos. Com “um agudo sentido crítico e uma linguagem contundente, que desmonta a realidade”, o autor de “Os Gatos” era implacável. “Pertencia à turma dos com falta de afecto”, o que não impediu, contudo, que não se tenha

tornado “maior do que a sua época”, na opinião de Baptista-Bastos.

José Jorge Letria, presente nesta palestra, anunciaria que a SPA tem um projecto a correr para a reedição da “Antologia de Fialho de Almeida”, com introdução de Manuel da Fonseca, uma obra volumosa, que irá homenagear desta forma os dois autores: aquele porque se comemora o centenário da sua morte e este o do nascimento. *EE*

Tiago Torres da Silva versa o tema “Amália e a poesia”

O escritor, poeta e letrista de fado Tiago Torres da Silva, que sempre se declarou um admirador profundo de Amália Rodrigues, além de ter sido distinguido com o Prémio Amália 2011 por toda uma carreira como poeta de fado, foi a personalidade indicada para falar sobre o tema “Amália e a poesia – autora, amante e musa”, no dia 21 de Novembro.

Entusiasta e organizado com um arquivo muito rico sobre a “diva do fado”, o também jovem director da SPA explicou em palavras quentes e por imagens vertidas do computador para um ecrã instalado no palco do auditório Maestro Frederico de Freitas a detalhada história da grande figura que foi Amália, em particular como autora e inspiradora de muitos bons e diversíssimos autores, quer de músicas, quer de letras, quer ao nível da interpretação.



FOTO: ALFREDO ANTÓNIO

“Amália foi uma poeta tímida nos primeiros anos de carreira. Só nos anos 70 do século XX é que se revela em força com álbuns totalmente letrados por ela, onde se incluem temas incontornáveis da música em português, como ‘Lágrima’, ‘Lavava no rio, lavava’ ou ‘Grito’”, salientou Tiago Torres da Silva.

O orador enumeraria em seguida uma lista infundável de nomes bem conhecidos do meio cultural, português e estrangeiro, de que Amália foi musa e por quem também se inspirou. Desde O’Neill a Manuel Alegre, passando por Maria da Fé, Pedro Homem de Mello e até por Pablo Neruda e Vinicius de Moraes, todos a cantaram e encantaram, sobretudo o grande Camões, cujos poemas cantou pela mão de Alain Oulman, o compositor que revolucionou o fado e a forma de cantar de Amália. *EE*

CICLO A DRAMATURGIA E AS ARTES CÉNICAS**ANDRÉ GAGO CONDUZ VIAGEM AO MUNDO DA PANTOMIMA**

O conhecido actor, encenador e escritor André Gago, que ainda recentemente foi distinguido com o Prémio PEN Clube para uma primeira obra com o romance “Rio Homem”, conduziu todos os que assistiram no passado dia 3 de Novembro à sessão do ciclo A Dramaturgia e as Artes Plásticas, a decorrer na SPA, a uma viagem curiosa ao mundo da pantomima. Um espaço cénico onde se desenrolam múltiplas personagens, muitas sem voz, mas com uma linguagem gestual, corporal e fisionómica bem explícita, que tudo diz e que é capaz de transmitir as emoções mais díspares.

Foi primeiro com um historial breve sobre as origens da ferramenta teatral típica da Commedia Dell’Arte – a máscara – e do processo utilizado para a fazer tomar vida, neutralizando o actor por trás dela, que o multifacetado artista logrou colocar toda a assistência presa na descoberta do fascinante mistério do mundo das máscaras, de que ele ali trouxe alguns exemplares da sua diversa colecção.

E depois, bem, depois passou à acção, exemplificando com extremo humor como poderá o actor servir-se daquele engenho,

que lhe cobre toda ou parte da face, para criar as mais diferentes criaturas em jeito de pantomima.

Há longos anos a trabalhar com máscaras - da Commedia dell’Arte à Máscara Neutra, passando pelas máscaras portuguesas, até às máscaras inspiradas na tradição clássica -, André Gago ofereceu uma lição de representar com toda a espécie de máscaras, culminando com uma pantomima deveras interessante, em que, só com uma máscara a cobrir-lhe a testa, o nariz e as bochechas, compôs um personagem velhote e rezingão, ajudado nessa tarefa por um jogo facial e corporal que se adivinhava por trás da máscara em cada gesto que fazia e uma voz deformada a condizer. Enfim, cumpriu um dos desígnios das máscaras da Commedia dell’Arte que é a primazia do cómico. Pôs “todo o mundo” a rir... *EE*

TEATRO PARA A INFÂNCIA DESLINDADO POR FERNANDO GOMES

Imagine-se uma marioneta desengonçada e um indivíduo pequeno, de calças aos quadrados, muito magro e de óculos com aros escuros, grandes, a manobrá-la com um jeito peculiar de dedos que, desde logo, chama a atenção de quem passa, sobretudo dos mais pequenos. Tem uns olhos que falam, umas mãos que dobram e desdobram a

realidade e os sonhos e umas pernas que querem, a todo o instante esvoaçar, em piruetas constantes e saltos acrobáticos de bailarino. Este poderia ser o retrato do convidado da SPA para este ciclo de Dramaturgia, realizado no passado dia 29 de Novembro. Chama-se Fernando Gomes e é, de facto, uma figura incontornável do teatro para a infância.

Actor, encenador e dramaturgo, integrando o TIL, sediado no auditório da Casa do Artista, em Lisboa, é aí que muitas vezes se entrega à tarefa de cobrir de lauta fantasia as visões espantadas das crianças face ao espectáculo teatral que lhes apresenta. Antes queria ser bailarino e adora os musicais – vai muitas vezes a Londres para estar a par das novidades nesse campo -, por isso faz questão de embeber todas as cenas que leva ao palco nos mais fantásticos artefactos, enchendo de ilusão as cabecitas dos pequenos espectadores a quem normalmente dirige as suas peças coloridas e cheias de movimento.

“Gosto de grande aparato! Tudo aquilo tem de ser um grande espectáculo... De uma forma mágica, com fantasia, senão os espectadores descolam”, exclamou, vibrando com as suas próprias palavras. A sua escola de teatro foram as tábuas do palco, as experiências de vária índole, a troca constante de saberes, a repetição, a imaginação. No entanto, tem bem definidos

os pressupostos e requisitos que devem reger os espectáculos de teatro para os mais pequenos e o seu processo de criação. E foi isso que expôs à interessada assistência, muita dela proveniente de escolas. *EE*

SPA CONGRATULA-SE COM A ATRIBUIÇÃO DO PRÉMIO PESSOA A EDUARDO LOURENÇO

A SPA congratula-se com a atribuição do Prémio Pessoa ao ensaísta, pensador e professor universitário Eduardo Lourenço, figura cimeira da vida intelectual portuguesa da segunda metade do século XX e das primeiras décadas do século XXI.

Recorde-se que Eduardo Lourenço foi distinguido pela SPA com o Prémio Vida e Obra na Gala do Prémio Autor, no Centro Cultural de Belém, em Fevereiro deste ano, como forma de consagração de um excepcional percurso intelectual como homem de pensamento que nunca deixou de reflectir sobre Portugal, o seu destino histórico e sobre as figuras angulares da nossa identidade, como é o caso de Fernando Pessoa ou Antero de Quental, entre outros.

A SPA felicita calorosamente Eduardo Lourenço por mais esta forma pública de reconhecimento da sua vida e da sua obra e felicita, igualmente, o júri por esta justíssima escolha, sobretudo por ocorrer num momento em que Portugal deve reflectir sobre o seu lugar na Europa e no mundo, para conseguir compreender o que poderá ser o seu papel no futuro.

Lisboa, 16 de Dezembro de 2011
O Conselho de Administração

PRÉMIO SPAUTORES | VASCO GRANJA PARA MELHOR CURTA DE ANIMAÇÃO PORTUGUESA

A edição de 2012 da MONSTRA - Festival de Animação de Lisboa, a decorrer entre 19 e 25 de Março, vai ter uma nova competição dedicada exclusivamente a Curtas-Metragens de Animação Portuguesas, que conta com o alto patrocínio da SPA – Sociedade Portuguesa de Autores. O prémio pretende ainda homenagear o grande divulgador do cinema de animação que foi Vasco Granja.

O Prémio SPAUTORES | Vasco Granja, no valor de 5 mil euros, constitui um incentivo à criação de filmes de animação no nosso país, contribuindo também para o reconhecimento da importância e qualidade crescentes do cinema de animação português.

Podem candidatar-se os filmes produzidos em Portugal por autores portugueses entre 1 de Janeiro de 2011 e 31 de Dezembro de 2011.

Os filmes a concurso devem ser enviados até 27 de Janeiro de 2012 acompanhados de ficha de inscrição, materiais informativos e promocionais para a morada indicada ou para o e-mail festival@monstrafestival.com. Os autores dos filmes seleccionados serão contactados por e-mail até dia 15 de Fevereiro de 2012. Os filmes serão exibidos na sessão de encerramento do festival.

A MONSTRA | Festival de Animação de Lisboa, que é organizada pela TRIAXIS, em parceria com a Associação Meridional de Cultura e a EGEACIEM, com o patrocínio da Câmara Municipal de Lisboa da EGEAC e do ICA, é contactável para a Calçada Moinho de Vento nº3 | 1169-114 LISBOA | PORTUGAL ou pelo telemóvel 00 351 918682115 e pelo email festival@monstrafestival.com.

Para informações adicionais, os interessados poderão também contactar o DACRE - Departamento de Actividades Culturais e Relações Externas da SPA - Tel.213594489 - E-mail: dacre@spautores.pt.

NUNO GOMES DOS SANTOS VENCE EM PROSA PRÉMIO POESIA E FIÇÃO 2011 DA CÂMARA DE ALMADA

“Adeus faraó. Nós só adoramos o Sol”, de Nuno Gomes dos Santos, foi a obra vencedora da edição de 2011 do Prémio Literário Poesia e Ficção de Almada, na modalidade prosa, cuja cerimónia de entrega da distinção decorreu no passado dia 18 de Novembro. O prémio foi atribuído por unanimidade por um júri que integrava o escritor Cristino Cortes, da Associação Portuguesa de Escritores, Elsa Rodrigues dos Santos, da Sociedade de Língua Portuguesa, e António José da Costa Neves, em representação da Câmara Municipal de Almada.

Como porta-voz do júri, Costa Neves justificou a atribuição do prémio a esta obra de Nuno Gomes dos Santos, afirmando que se estava em presença do “comvente relato de um sonho eterno, levado até às últimas consequências, isto malgrado os reveses da fortuna, as insuficiências humanas e as ingratidões da História, e, simultaneamente, do retrato singular dos nossos últimos quarenta anos, feito através da história patética de um idealista impenitente para quem os amanhã se recusaram a cantar.”

SPA GARANTE A MAIOR DISTRIBUIÇÃO DOS ÚLTIMOS TRÊS ANOS NA ÁREA DA MÚSICA

A SPA efectuou, no passado dia 20, a maior distribuição dos últimos três anos só na área da música (os valores a distribuir nas restantes disciplinas serão oportunamente anunciados), com um valor global que ronda os 13 milhões e 500 mil euros.

“Para que este valor fosse alcançado contribuiu significativamente o novo sistema informático, a funcionar em pleno, que também passou a assegurar maior rigor na identificação dos direitos, maior celeridade nas distribuições e uma eficiência global assinalável neste e noutros sectores”, afirmou o Conselho de Administração em comunicado, salientando que “não pode deixar de salienta o facto de este valor a distribuir ser alcançado num período de crise aguda em que a cobrança de direitos se tornou muito mais difícil do que era há um ano atrás”.

JAIME ROCHA VENCE NA POESIA

Pedro Rosa Mendes ganha Prémio PEN Clube narrativa

A SALA CARLOS PAREDES da Sociedade Portuguesa de Autores foi, uma vez mais, palco da cerimónia de entrega dos Prémios PEN Clube Português, “um dos mais prestigiados prémios da instituição literária nacional”, de acordo com o representante da Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas, que apoiou a iniciativa. A cerimónia decorreu no passado dia 28 de Novembro.

O romance “Peregrinação de Enmanuel Jhesus” (Dom Quixote, 2010), do escritor e jornalista Pedro Rosa Mendes, ganhou o prémio na categoria de narrativa. O ensaísta Luiz Fagundes Duarte, que integrou o júri, a par de Maria João Cantinho e do ficcionista Manuel de Queiroz, disse que a escolha foi consensual e unânime.

Na categoria de poesia, o vencedor foi o poeta e dramaturgo Jaime Rocha, com “Necrophilia” (Relógio D’Água, 2010), obra escolhida por Francisco Belard, Liberto Cruz e Manuel Frias Martins.

O júri do prémio de ensaio – constituído por Maria João Reynaud, Álvaro Manuel Machado e Fernando Cabral Martins – decidiu atribuí-lo, ex-aequo, a João Barrento, pelo livro “O Género Intranquilo:



FOTO: ALFREDO ANTÓNIO

Anatomia do Ensaio e do Fragmento”, e a Jorge Vaz de Carvalho, autor de “Jorge de Sena: ‘Sinais de Fogo’ como Romance de Formação”. Ambos os livros foram publicados em 2010 pela Assírio & Alvim.

Como habitualmente, o PEN Clube atribuiu ainda um prémio destinado a consagrar a primeira obra de um autor, elegendo desta vez o romance “Rio Homem” (ASA, 2010), estreia literária do actor André Gago (na foto). O júri integrou elementos dos jurados dos restantes prémios, e ainda a escritora Teresa Salema, presidente do PEN Clube.

Os vencedores nas três categorias principais irão receber, cada um, cinco mil euros, cabendo ao vencedor da melhor primeira obra um prémio monetário de 2500 euros.

DIRIGIDA A PROPRIETÁRIOS DE ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

SESSÃO DE ESCLARECIMENTO EM SETÚBAL SENSIBILIZA PARA DIREITOS DE AUTOR

A delegação de Setúbal da Associação do Comércio e Serviços do Distrito de Setúbal organizou uma acção de sensibilização, realizada pela Sociedade Portuguesa de Autores. Este evento, que visa o esclarecimento acerca dos Direitos de Autor, Direitos Conexos e Leis de Licenciamento, ocorreu no salão nobre da ACSDS, no passado dia 13 de Outubro, pelas 15h30.

O objectivo desta sessão foi informar os proprietários de estabelecimentos comerciais acerca das suas obrigações legais, no que concerne à recepção das emissões de radiodifusão (via rádio ou televisão) em quaisquer locais públicos, tais como, cafés, restaurantes, bares, lojas e outros.

No painel de oradores da Sociedade Portuguesa de Autores estiveram os seguintes elementos: José da Ponte (Administração); Carlos Madureira (Serviços Jurídicos); Hernâni Lopes (Execução Pública/Delegações); e Rui Pádua (Delegação de Lisboa).

FORMAÇÃO COM AUTORIDADES POLICIAIS EM VÁRIOS PONTOS DO PAÍS

Entretanto, o director do Departamento Jurídico da SPA e assessor da Administração, Lucas Serra, percorreu várias cidades do país, como vem sendo habitual, com vista a dar formação às autoridades policiais e instituições ligadas ao sector, no âmbito dos Direitos de Autor.

Assim, no dia 21 de Setembro, esteve a dar formação na Polícia Municipal de Lisboa, no dia 26 de Outubro no comando de Leiria da PSP e no dia 2 de Novembro dirigiu-se aos

comandantes de posto do destacamento de Santarém da GNR.

No dia 24 de Outubro, Lucas Serra deu uma palestra no Funchal para os alunos do curso de Formação Profissional para o Sector da Cultura, promovido pela SETEPÉS, com o apoio do Governo Regional da Madeira.

“TARDES DE QUARTA COM O MOVIMENTO ASSOCIATIVO” NO BARREIRO

No mês de Novembro, a Câmara Municipal do Barreiro promoveu a iniciativa “Tardes de Quarta com o Movimento Associativo”, na Biblioteca Municipal e no Convento da Madre de Deus da Verderena.

Representantes da ASAE, da Sociedade Portuguesa de Autores, da Polícia de Segurança Pública e da Universidade da Terceira Idade do Barreiro apresentaram as temáticas: HACCP-Análise de Perigos e Pontos Críticos de Controlo (dia 2); Direitos de Autor (dia 9); Segurança de Pessoas e Bens (dia 16); e Internet e Páginas Sociais (dia 23), respectivamente.

O director do Departamento Jurídico da SPA, Lucas Serra, que interveio nesta sessão, no dia 9, explicou à Autores que a conferência que pronunciou sobre Direitos de Autor era dirigida a funcionários da Câmara ligados à promoção de eventos, incluindo dirigentes do movimento associativo.

INFORMAÇÃO INTERACTIVA EM ESCOLA SECUNDÁRIA DE ÁGUEDA

Depois, foi a vez dos estudantes e professores

ficarem informados e devidamente esclarecidos sobre Direitos de Autor. O responsável pelo Departamento Jurídico da Sociedade Portuguesa de Autores esteve em Águeda, na Escola Secundária S/3 Marques de Castilho, a fazer duas sessões de informação para várias turmas. Após esta sessão, Lucas Serra recolheu alguns testemunhos dos alunos que, pelo seu significado, passamos a transcrever:

“Na minha opinião, a sessão sobre Direitos de Autor foi muito benéfica, pois fiquei a saber que é ilegal e tem consequências graves sacar filmes da Internet, músicas e outras coisas, como publicar um livro onde certa percentagem do conteúdo é copiada de outro livro já publicado. Nem que seja só em 30% do seu conteúdo.”

“Eu aprendi que, ao tirarmos informação da Internet, como fazer download, estamos a prejudicar o autor, pois não estamos a pagar pelo seu trabalho.”

“Fiquei a saber que para podermos usar, tanto um livro como uma música, temos de pagar os direitos de autor. Para além de, se publicarmos também vídeos no youtube, com uma música para a qual não pedimos autorização ao autor da mesma, poderemos ser notificados pelo servidor que aquele vídeo viola os direitos de autor. E, ao fazermos downloads ou uploads nessas circunstâncias, poderemos apanhar uma coima ou mesmo uma pena de prisão aplicada pelo juiz do processo.” EE

FÓRUM CULTURAL EUROPEU EM BRUXELAS

Repensar a cultura em tempo de incerteza

CENTENAS DE AGENTES CULTURAIS provenientes da quase totalidade dos países da União Europeia participaram em Bruxelas, nos passados dias 20 e 21 de Outubro, no Fórum Cultural Europeu, promovido pela Comissão Europeia e tendo como objectivo analisar perspectivas e cruzar opiniões sobre o que deve ser o contributo do chamado Velho Continente para a superação da crise profunda que, neste momento, lhe compromete o presente e torna dramaticamente incerto o seu futuro.

Na sua intervenção inaugural, a comissária europeia para a Educação, Cultura, Multilinguismo e Juventude, Androulla Vassiliou, recordou que “a identidade europeia depende muito mais da cultura que da política”, acrescentando que “é a cultura que verdadeiramente defende os direitos humanos e a paz”, razão pela qual “é tempo de nascer uma segunda identidade cultural nesta Europa sempre ligada à cultura”.

Por seu turno, Bogdan Zdrojowski, ministro da Cultura e do Património Nacional da Polónia, declarou que “a cultura não é sustentável sem um investimento estrutural na educação”, salientando, por outro lado, que “a cultura é melhor se assentar na diferença”, que “a tecnologia será tanto mais importante quanto mais representar o alargamento do acesso à cultura” e que “nos encontramos num momento de viragem da civilização que só é suportável com uma cultura forte”. Foram neste sentido as muitas dezenas de intervenções produzidas ao longo de dois dias por responsáveis políticos, programadores culturais, directores de museus e de festivais, responsáveis de projectos multiculturais e de estruturas transnacionais ligadas à cultura, à educação e ao turismo. Como disse Robert Madelin, “é preciso saber o que as pessoas esperam da cultura e como a entendem e interpretam. “Mais do que saber o que podemos fazer pela cultura -”acrescentou-“é urgente definir o que a cultura pode fazer pelo mundo”, sendo por isso tão relevantes a existência de parcerias estratégicas entre a educação e as indústrias culturais”.

Como muito bem referiu um dos participantes num dos painéis do Fórum Europeu, “somos pais, vizinhos, sonhadores, artistas e autores, somos construtores de pontes mas temos de mudar o curso dos rios”. Numa outra intervenção, Pierre Mairresse, da Direcção-Geral da Educação e Cultura da Comissão Europeia, referiu que “é nas escolas que é preciso reflectir sobre as novas tecnologias e não apenas usá-las. Não basta

ensinar, é preciso educar para interpretar, apreciar e fruir”, opinião que foi subscrita e aplaudida por um grande número de participantes, muitos dos quais manifestaram também a sua concordância com pontos de vista como estes: “Porque o futuro não é previsível, é preciso antecipá-lo”; “É preciso criar laboratórios locais com ideias bem precisas sobre o que deve ser a cultura no futuro da Europa”; ou “É preciso evitar a gratuidade porque as pessoas devem compreender que a cultura custa dinheiro e os criadores devem ser convenientemente remunerados.”

FAZER DA CULTURA UMA FERRAMENTA CONTRA A CRISE

Em debate, durante este Fórum Cultural que se segue aos já anteriormente organizados pela Comissão Europeia em capitais como Lisboa, estiveram temas como “Digitalização: Como Explorar Novas Oportunidades”, “Cultura: um Investimento Inteligente para a Europa das Regiões”, “O Papel dos Actores Culturais nos Processos de Democratização”, e “Potencialidades da Cultura no Mundo Global e Digital”.

Os participantes provenientes de dezenas de países da União Europeia deram ao auditório abundantes exemplos de como a cultura pode contribuir para a criação de riqueza, para o reforço das identidades nacionais e da coesão das comunidades locais e regionais, bem como para a mobilização das energias da juventude, cada vez mais vocacionada para encontrar saídas profissionais na actividade cultural. Alguém lembrou, entretanto, que, contrariamente ao que possa pensar-se, “não são os Estados Unidos ou a China que lideram o crescimento cultural ligado à economia” e que “a Europa sempre esteve ligada à cultura e encontrou na cultura o seu principal factor de identidade”.

Por outro lado, vários foram os intervenientes nos painéis do Fórum que realçaram a importância da criação e da produção culturais como garantes do fortalecimento da cidadania e da paz numa Europa em crise e num mundo de incertezas e de futuro sombrio.

Também as grandes questões ligadas à defesa dos direitos dos criadores neste mundo global e digital foram longamente debatidas, tendo sido acentuada a necessidade de ser sempre assegurada a justa remuneração do trabalho dos autores e dos artistas para que exista uma desejável continuidade

da vida cultural assente em projectos inovadores e mobilizadores. Nesse sentido, foi referida a urgência de medidas de carácter legislativo que não deixem os autores à mercê da pirataria e de outras formas de usurpação do seu trabalho.

Os trabalhos deste Fórum Cultural Europeu terminaram com uma actuação da excelente Orquestra de Câmara da Europa, que interpretou, designadamente, obras de Rossini e de Mozart, como exemplos da pujança, da intemporalidade e da universalidade da cultura criada na Europa ao longo dos séculos.

As mensagens e intervenções finais foram de apelo à confiança e de moderado optimismo, já que todos os participantes estavam conscientes, como talvez nunca antes tenham estado, de que a crise que a Europa e o mundo enfrentam é uma das mais dramáticas de sempre, com a agravante de ter, pela primeira vez, uma dimensão global. A cultura pode e deve ter um papel relevante no realinhamento das forças e dos agentes sociais, com o cimento de coesão e fermento da actividade crítica e de reflexão, mas só por si não bastará para dar as respostas estruturais a uma crise que ninguém sabe como e quando irá terminar.

José Jorge Letria

BRUXELAS

SPA PRESENTE NO FÓRUM CULTURAL EUROPEU *

A SPA esteve representada pelo seu presidente, José Jorge Letria, no Fórum Cultural Europeu, que decorreu em Bruxelas nos passados dias 20 e 21, por iniciativa da Comissão Europeia. Participaram nos trabalhos centenas de políticos, agentes culturais, juristas, programadores e autores de dezenas de países da União Europeia. Entre os temas agendados encontravam-se “Como Explorar Novas Oportunidades no Tempo da Digitalização?”, “Que Horizontes para a Cultura num Mundo Digital?”, “Cultura, um Investimento Inteligente na Europa das Regiões” e “O Papel dos Actores Culturais nos Processos de Democratização”.

Amplamente participados, os debates que decorreram no edifício Flagey da capital belga contaram com a intervenção de Androulla Vassiliou, comissária para a Educação, Cultura e Multilinguismo da Comissão Europeia, do ministro da Cultura da Polónia e de vários directores-gerais da Comissão Europeia.

Ao fim da tarde do dia 20, a Comissão Europeia ofereceu aos participantes uma actuação da Orquestra de Câmara da Europa, que interpretou obras de Mozart e Rossini, entre outros. Em todos os painéis foi sublinhada a importância da cultura como via para a superação da crise estrutural que a Europa atravessa, sobretudo se estiver articulada com o sector da educação. Foi também realçado o papel da cultura na defesa da coesão e da identidade europeias e a sua capacidade de criar emprego e riqueza.

*Lisboa, 25 de Outubro de 2011
O Conselho de Administração*

*Ver aqui junto a comunicação feita neste encontro pelo presidente da SPA, José Jorge Letria

ASSOCIAÇÃO DE ESCRITORES DE XANGAI RECEBIDA NA SPA

“Em 2012 avançarão propostas para projecto de intercâmbio”



UMA DELEGAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO de Escritores de Xangai, constituída por seis autores de diversas áreas literárias, foi recebida pelo presidente da SPA no passado dia 13 de Dezembro, tendo sido abordados, durante a reunião, assuntos de interesse comum. “Foi, designadamente, analisada a possibilidade de a SPA e a Associação de Escritores de Xangai desenvolverem, a curto prazo, um programa de intercâmbio que permita a escritores de ambos os países trocarem experiências e desenvolverem projectos de criação literária”, informa o Conselho de Administração num comunicado datado do dia 15. A SPA informou a delegação de Xangai sobre a forma como se processa a contratualização de obras literárias em Portugal e também sobre o modo

como o sector editorial tem vindo a transformar-se nos últimos anos em Portugal. Por seu turno, a delegação da Associação de Escritores de Xangai informou a SPA sobre o modo como está organizada, como defende os interesses dos seus associados e como difunde as suas obras, tendo sido apresentadas como exemplo algumas antologias com textos de autores chineses traduzidos para inglês. “Durante o ano de 2012, as duas instituições avançarão com propostas que possam contribuir para a concretização do projecto de intercâmbio”, pormenoriza a nota do CA. Participaram também na reunião a directora do Departamento de Relações Internacionais, Vanda Guerra, e Ana Rita Duarte, da Edição Literária da SPA.

MADRID

SPA PRESENTE NO COMITÉ EXECUTIVO DO CIADLV

A SPA esteve presente, no passado dia 21, em Madrid, na reunião do Comité Executivo do Conselho Internacional de Autores Dramáticos, Literários e Audiovisuais, que integra desde 2005 na pessoa de José Jorge Letria, actual presidente da cooperativa. Nesta reunião, que contou também com a presença de Lorenzo Ferrero, presidente do Conselho Internacional de Autores de Música (CIAM), foram debatidos assuntos como o futuro das leis da Cópia Privada, a legislação de combate à pirataria, as relações das

sociedades de autores com grandes operadores como a Google, o contributo da cultura para a recuperação económica em tempo de crise, para além das relações de cooperação entre o CIADLV e o CIAM, a trabalharem pela primeira vez de forma articulada. Também nesta reunião foi preparada a assembleia geral do CIADLV, a realizar em Buenos Aires, em Abril de 2012. José Jorge Letria interveio para expor a situação da SPA e para referir o estado da legislação que envolve os autores e os seus direitos, bem como o modo como a criação cultural pode gerar emprego e riqueza. Entretanto, no dia 22, o presidente da SPA teve uma reunião com Pablo Hernandez, que coordena a estrutura

de transição interna da SGAE, após a crise que eclodiu no Verão passado na sociedade de autores espanhola. Foi feito o ponto de situação das relações entre as duas sociedades, designadamente no que se refere aos contratos de representação recíproca, que a SPA deseja ver revistos em termos adequados às novas capacidades e valências da cooperativa, após a entrada em funcionamento pleno do SGS. Nesta reunião foram ainda delineadas formas de cooperação para o período que se seguirá às eleições de Janeiro próximo na SGAE.

Lisboa, 23 de Novembro de 2011
O Conselho de Administração

COPENHAGA

SPA MARCA PRESENÇA NO WOMEX

Uma delegação da SPA esteve presente na Dinamarca, entre os dias 27 e 30 do passado mês de Outubro, para acompanhar os trabalhos do WOMEX (World Music Expo), o mais importante fórum internacional do mercado de World Music. Esta presença destinou-se a um acompanhamento mais detalhado da actividade da exposição, bem como à avaliação da possibilidade de, num futuro próximo, a SPA poder vir a estar representada juntamente com entidades próximas dos artistas. Para tal serão também fundamentais os apoios por parte de organismos públicos e privados. Com sede em Copenhaga, num ano em que Cabo Verde marcou a sua primeira presença, participaram no evento cerca de 2250 delegados provenientes de 98 países. A delegação da SPA foi composta por Tozé Brito e Pedro Campos, da Direcção e da Administração da cooperativa.

Lisboa, 3 de Novembro de 2011
O Conselho de Administração

BRUXELAS

CÓPIA PRIVADA NO CENTRO DA ASSEMBLEIA DO GESAC

Realizou-se em Bruxelas, na sede da SABAM, no passado dia 24, a assembleia geral ordinária do GESAC (Grupo Europeu das Sociedades de Autores e Compositores), com a participação de José Jorge Letria e Vanda Guerra, respectivamente presidente e directora do Departamento de Relações Internacionais, em representação da SPA. Foram debatidos e votados temas como a cópia privada, o estatuto das obras órfãs, o direito de sequência e o “Livro Verde” sobre a situação do audiovisual. Procedeu-se igualmente às eleições de Robert Ashcroft, da PRS, do Reino Unido, para substituir Teddy Bautista, da SGAE, entretanto demitido das suas funções, após cerca de três décadas à frente dos destinos da sociedade de autores espanhola. Na mesma reunião foi anunciado que o comissário europeu Michel Barnier nomeou o Dr. António Vitorino, ex-comissário europeu e ex-ministro, para coordenar o debate no seio dos países da União Europeia sobre a Cópia Privada. A competência e a experiência do político e jurista português foram largamente elogiadas e sublinhada a grande expectativa que rodeia a escolha do seu nome para esta função. Foi também sublinhada a importância que a cópia privada tem para o futuro das sociedades de gestão colectiva na Europa.

Lisboa, 29 de Novembro de 2011
O Conselho de Administração

AUTORES MAIS



100 pontos
na adesão ao cartão FNAC
www.fnac.pt



Um conjunto de descontos proporcionados aos associados, seus cônjuges e filhos.
www.universidade-autonoma.pt
tel. 800 291 291



O Plano Pro-cooperadores contempla significativas vantagens num tarifário apelativo.
contactar:
manuel.teixeira@vodafone.pt



Seguro de saúde para autores com menos de 45 anos.
www.casadaimprensa.pt
Tel. 21 342 02 77/78



Descontos em todas as lojas de 20% em óculos graduados (aros e lentes); 15% em óculos de sol; 10% em lentes de contacto, líquidos e outro material óptico. www.optivisao.pt



10% de desconto na tarifa promocional nas viaturas de passageiros, de viaturas comerciais e na tarifa promocional internacional. Para reservas (contrato nº 50432483) www.europcar.pt
tel. 351 21 940 77 90
Email: reservas@europcar.com

“Autores Mais” é um benefício exclusivo dos autores da SPA e não representa nenhum custo adicional para os sócios. Para informações mais detalhadas contactar os serviços.



20% desconto pela utilização do estúdio.
www.mdlestudios.com
Para marcações:
Telm : 93 400 59 24
Email: celiacosta@mdlestudios.com



15% desconto de sobre os preços em vigor, em todos os serviços (Banhos Relaxantes, Massagens Terapêuticas, Acupuntura e outras Terapias Alternativas). Pacotes de serviços com um preço especial.
Para marcações contactar: Vanessa
Telephone: 217157010
Telemóvel: 917448484
www.nipon-terapias.com



Oferta da inscrição inicial, existindo apenas o pagamento de 25€ para despesas administrativas e testes iniciais 10% na mensalidade em todos os clubes do país.
www.holmesplace.pt



Descontos de 30 e 45% na assinatura anual e bi-anual, respectivamente, nas publicações Visão, Expresso Exame, Jornal de Letras, Courier Internacional, Activa, Casa Cláudia e Exame Informática.



10% de desconto no alojamento HOTEL LISBOA CENTRAL PARK
Morada: Av. Sidónio Pais, nº 4
1050-214 Lisboa
Email: info@lcpark.com
RESERVAS: Tel.: 21 350 2060
FAX: 21 352 6703 / 21 356 2144



Serviço de entregas ao domicílio
Produtos de Agricultura Biológica
5% de desconto sobre o PVP na aquisição de produtos
www.biocoop.pt
219 410 479
Rua Salgueiro Maia, 12
2685-374 Figo Maduro
Prior Velho



Fabricantes de CD's,
DVD's, PENS/, USBs
10% de desconto em todos os trabalhos
www.mpo-pt.com
tel:218592854
Email: geral@mpo-pt.com



Ser sócio ACP é ter:

Médico em casa por apenas 10€, mecânicos aptos para assistir a viatura no local, técnicos de assistência no lar, escola de condução com elevada taxa de sucesso, apoio jurídico, seguros nas melhores condições do mercado, facilidade para tratar da documentação, combustíveis mais baratos, bilhetes de cinema a preços de 2ª feira, descontos em parceiros por todo o país e muito mais!

ACP? Claro que sou sócio!

Oferta: Para SPAUTORES na adesão ao ACP: Isenção de Jóia e 10% na 1ª anuidade

Vá já uma delegação ACP ou ligue **707 509 510**, atendimento 24h.

www.acp.pt

Com o objectivo de proporcionar sempre mais e melhores serviços aos autores, a Administração da SPA acaba de reforçar o serviço "Autores Mais", fruto de um longo trabalho de negociações e pesquisa de parcerias.

Através desta rubrica os cooperadores e beneficiários da nossa cooperativa passam a usufruir de condições especiais e de importantes vantagens de utilização relativamente a prestigiadas marcas de bens e serviços da sociedade portuguesa, mediante a apresentação do cartão de sócio da SPA.

Os acordos estabelecidos até ao momento englobam:



Pestana Palace Hotel



Pousada do Porto

DESCUBRA O MELHOR DE PORTUGAL COM
PESTANA HOTELS & RESORTS E POUSADAS DE PORTUGAL!



Pestana
HOTELS & RESORTS

Tel. 808 252 252
www.pestana.com

Tel. 21 844 20 00
www.pousadas.pt



**POUSADAS
DE PORTUGAL**
Viaje pela História. A sua.

DIÁLOGO SOBRE A ARTE E A VIDA

“VERMELHO” ESTREOU NO TEATRO ABERTO



“VERMELHO”, UMA PEÇA de John Logan, com encenação de João Lourenço, estreou no passado dia 17 de Dezembro, na Sala Vermelha do Teatro Aberto, podendo ser vista até dia 26 de Fevereiro de 2012, altura em que sairá de cena. A antestreia decorreu na véspera à noite. Escrito pelo autor norte-americano John Logan em 2009 e distinguido com vários prémios de teatro, “Vermelho” é um diálogo apaixonante sobre a arte e a vida que envolve não apenas artistas e criadores como também os seus cúmplices,

os espectadores.

A peça passa-se em Nova Iorque, entre 1958 e 1959. O pintor Mark Rothko contrata Ken, um jovem assistente, para o ajudar na execução de um trabalho que lhe foi encomendado. Trata-se de uma série de murais para o luxuoso restaurante Four Seasons, integrado no edifício Seagram, um projecto inovador dos arquitectos Philip Johnson e Mies van der Rohe. Enquanto misturam as tintas e preparam as telas, Rothko expõe as suas ideias sobre a arte, reportando-se aos pintores que o antecederam,

como Caravaggio ou Miguel Ângelo, e aos seus contemporâneos, como Jackson Pollock ou Andy Warhol. Para o autor e respectivas personagens, “a arte deve propiciar o encontro do homem consigo próprio e com o mistério da existência e não ser um mero objecto de divertimento e decoração”. Daí que, no diálogo entre o mestre e o discípulo, se desenvolva um intenso processo de reflexão que os transforma a ambos e os leva a procurar novos caminhos.

A versão é, uma vez mais, da dupla formada por João Lourenço e Vera San Payo de Lemos, e a dramaturgia da responsabilidade desta última, também como vem sendo hábito nos espectáculos desta companhia, tal como o cenário, que tem autoria de António Casimiro. Na ficha técnica, encontram-se os nomes de Dino Alves, responsável pelos figurinos, e de Melim Teixeira, na luz, estando a supervisão audiovisual a cargo de nuno Neves.

Neste diálogo, os actores resumem-se a António Fonseca e João Vicente. De quarta a sábado, os espectáculos começam às 21h30 e, ao domingo, às 16 horas.

De salientar que não haverá sessão nos dias 24, 25 e 31 de Dezembro, bem como no dia 1 de Janeiro.



NO BICENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO COMPOSITOR

SOLISTAS DA METROPOLITANA DE LISBOA TOCAM FRANZ LISZT NA SPA

Solistas da Orquestra Metropolitana de Lisboa embalsamaram o fim da tarde do passado dia 28 de Outubro, no auditório da SPA, com composições de Franz Liszt, evocando com este recital de música de câmara o bicentenário do nascimento deste compositor e pianista teuto-húngaro do Romantismo.

Liszt foi famoso pela genialidade de sua obra, pelas suas revoluções ao estilo musical da época e por ter elevado o virtuosismo pianístico a níveis nunca antes imaginados. Ainda hoje é considerado um dos maiores pianistas de todos os tempos, em especial

pela contribuição que deu ao desenvolvimento da técnica do instrumento.

O duo formado pelo romeno Liviu Scripcaru, no violino, e pela pianista de origem sérvia Svaka Konjikusic interpretaram com fulgor a Valsa-Capricho n.º 6, S. 427, Soirées de Viena, com arranjo de David Oistrach e Consolation n.º 3, S. 172 (arranjo de Nathan Milsten); Estudo n.º 9, S. 136 e Valsa Mefisto n.º 1, S. 514; e, a terminar, Romance Esquecido, S. 132, Valsa Esquecida n.º 1, S. 215 (arranjo de Jenő Hubay) e Grande Duo Concertante, sobre o romance de Lafont “Le Marin”, S. 128.

VIRTUOSISMO

Já a 15 de Outubro, e na sequência da parceria que mantém com a SPA no Ciclo de Música de Câmara, os Trios Franceses da Metropolitana de Lisboa deram um recital com música de Ravel e de Debussy.

Alexèi Tolpygo, no violino, Peter Flanagan, no violoncelo, e, uma vez mais, Savka Konjikusic, no piano, interpretaram Trio para Violino, Violoncelo e Piano em Lá menor, de Maurice Ravel, e o Trio para Violino, Violoncelo e Piano n.º 1, de Claude Debussy. Por último, neste trimestre, actuaram com grande virtuosismo, no passado dia 25 de Novembro, a violinista e flautista búlgara Diana Tzonkova, o contrabaixo italiano Ercole de Conca e a pianista francesa Alexandra Simpson. De Giovanni Bottesini, um compositor do final do século XIX e o maior contrabaixo do seu tempo, interpretaram Gran Duetto n.º 3 – Allegro agitato, Andante e Rondo: Allegretto a violinista e o contrabaixo. Seguiu-se Diálogo, um original para flauta e contrabaixo, em Mosso, improvisando, Mosso e Calmo, do neo-clássico Giulio Viozzi.

E, a encerrar o recital, uma peça que pediu todo o virtuosismo dos seus intérpretes, em especial do contrabaixo, intitulada Passione Amorese, para violino, contrabaixo e piano, em Allegro deciso, Andante e Allegretto.

Pena que os portugueses ainda não tenham adquirido o hábito de assistir a estas sessões de fim de tarde, que proporcionam um ambiente extremamente relaxante.

“PORTO: NOS LUGARES DA HISTÓRIA” GERMANO SILVA LANÇOU NOVO LIVRO DE CRÓNICAS SOBRE O PORTO

Germano Silva, jornalista e historiador da cidade do Porto, que celebrou 50 anos de carreira em Outubro de 2009, lançou, no passado dia 12 de Novembro, o décimo livro de crónicas sobre a cidade. No “Porto: Nos Lugares da História”, o autor procura fazer com que “as pessoas gostem do sítio onde vivem”. Composto por mais de 50 crónicas, o “Porto: Nos Lugares da História” de Germano Silva contou com a ajuda dos leitores: “O tema das crónicas é muitas vezes sugerido pelas cartas e intervenções dos leitores. E esta comunicação levou-me a orientar as crónicas no sentido pedagógico, de fazer com que as pessoas gostem do sítio onde vivem, porque ao saberem que vivem ou que passam numa rua com história estão mais disponíveis para a preservar”. Para o autor, que este ano completou 80 anos, o mais urgente era inverter “a degradação em que a cidade está, abandonada, sem gente”.

“Passamos por ruas emblemáticas como é a rua das Flores ou a rua Mouzinho da Silveira e só vemos casas à venda, casas sem ninguém, corpos sem alma, aquilo não faz sentido e falta ainda a cidade estar mais limpa”, acrescenta.

Quanto à “movida”, que tem animado algumas ruas da baixa do Porto, Germano Silva acha que é “um fenómeno passageiro, porque é algo que não tem raízes”.

O livro, com um prefácio do bispo do Porto, D. Manuel Clemente, foi apresentado no Museu Soares do Reis, pelo professor da Universidade do Porto, Geraldo Coelho Dias. A cerimónia contará também com a actuação do Rancho Folclórico do Porto.

<sub> - Sousa Dias apresenta “Grandeza de Marx” O auditório da Biblioteca Pública Municipal do Porto serviu também de cenário, no passado dia 4 de Novembro, à apresentação do livro de Sousa Dias “Grandeza de Marx – Por uma Política do Impossível”. Com o apoio da delegação do Porto da Sociedade Portuguesa de Autores e da editora Assírio e Alvim, a obra de Sousa Dias teve honras de apresentação pelos professores Jorge Leandro Rosa, da Universidade Lusófona do Porto, e Rui Alexandre Grácio, da Universidade de Aveiro.

“PÁGINAS DO PORTO” ANIMA CONVERSAS COM AUTORES QUE ESCREVEM SOBRE A CIDADE

“Meia-Noite ou o Princípio do Mundo”, de Richard Zimler foi o livro que serviu de base à sessão de conversa com autores, no passado dia 26 de Novembro, promovida pela SPA do Porto, na Biblioteca Pública Municipal. A sessão integra-se no ciclo que tem estado a decorrer na Invicta sob o tema principal “Páginas do Porto – A cidade nos livros”, o qual que prossegue até Julho de 2012. A próxima sessão, a decorrer a 21 de Janeiro, debaterá o livro “Porto de Abrigo”, da autoria de Jorge de Sousa Braga e em Março, a 24, é a vez de Mário Cláudio estar no centro da conversa com a sua obra “A Quinta das Virtudes”. Acompanhadas de projecções de vídeo e comentários do historiador Germano Silva, especializado no Porto, de que falou uma vez mais no seu mais recente livro de crónicas sobre a cidade – o décimo -, intitulado “Porto: Nos Lugares da História” (ver notícia), as conversas seguintes debruçar-se-ão sobre a obra de Miguel Miranda “Dai-lhes Senhor o Eterno Repouso”, a 26 de Maio, e “Cimo de Vila”, livro da autoria de Carlos Tê e Manuela Bacelar, a decorrer no dia 24 de Julho. Todas as sessões realizam-se na Biblioteca Pública Municipal do Porto.

WORKSHOP DE FOTOGRAFIA NA SPA PRIMEIRO DE TRÊS NÍVEIS COMEÇA NO DIA 16 DE JANEIRO

A SPA vai organizar, nas suas instalações principais, na Avenida Duque de Loulé, um workshop de fotografia, constituído por três níveis, com duração total de 30 horas cada nível, a começar a 16 de Janeiro de 2012. Sob a

designação de “Luz e Composição na Fotografia”, o workshop é coordenado pelo fotógrafo Inácio Ludgero.

O primeiro nível, a decorrer de 16 de Janeiro a 17 de Fevereiro, em horário pós-laboral, das 19 às 21 horas, às segundas, quartas e sextas-feiras, com 10 formandos no mínimo e 15 no máximo, constará de Introdução Básica à Fotografia: diafragmas, velocidade de obturação, sensibilidade, profundidade de campo, objectivas e flashes; e de Análise Comparativa de Linguagens:

grande reportagem, política, cobertura de guerra, assuntos científicos, perfis, documentação de grupos étnicos e outro.

Os participantes, que deverão dispor de uma máquina fotográfica, pagarão por este primeiro nível 100 euros – metade no acto da inscrição e a outra parte até ao dia 13 de Janeiro.

No final de cada nível do curso será entregue um diploma comprovativo da frequência do mesmo.

OS QUE PARTIRAM

LUIZ FRANCISCO REBELLO (1924-2011)

Estava a redigir uma obra apoiada pelo Fundo Cultural da SPA

Especialista em Direito de Autor apaixonado pelo teatro



FOTO: DR

SPA LAMENTA O FALECIMENTO DE LUIZ FRANCISCO REBELLO PRESIDENTE DA COOPERATIVA DURANTE TRÊS DÉCADAS

A Direcção e o Conselho de Administração da SPA lamentam o falecimento do cooperador Luiz Francisco Rebello, presidente da Direcção e administrador-delegado da cooperativa entre 1973 e 2003, destacando a importância da sua vasta obra como jurista, designadamente na área do Direito de Autor, como dramaturgo, historiador do teatro, legislador, ensaísta e docente.

Luiz Francisco Rebello deixa uma obra extensa e diversificada, tendo contribuído para o crescimento e afirmação da SPA e para a sistemática defesa dos direitos dos autores portugueses, nomeadamente através da sua intervenção como parlamentar na Assembleia da República, integrando as listas da APU/CDU.

O ex-presidente e ex-administrador-delegado da SPA destacou-se igualmente no plano internacional, integrando órgãos da Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores (CISAC), com sede em Paris.

Eleito para sucessivos mandatos como representante da área do Teatro, Luiz Francisco Rebello é um dos nomes mais representativos da dramaturgia portuguesa da segunda metade do século XX, com um apreciável número de peças publicadas e levadas à cena, antes e depois do 25 de Abril de 1974.

Tendo abandonado as funções de liderança na SPA em Setembro de 2003, Luiz Francisco Rebello continuou a ser uma figura activa na vida cultural portuguesa, estando à data do falecimento a redigir uma obra apoiada pelo Fundo Cultural da cooperativa.

O corpo de Luiz Francisco Rebello encontra-se em câmara ardente na Basílica da Estrela, estando o funeral marcado para amanhã, sábado, às 15 horas, no cemitério de Cascais.

Lisboa, 9 de Dezembro de 2011
O Conselho de Administração

INCANSÁVEL NA INVESTIGAÇÃO, na análise, na crítica, na legislação e na escrita, mormente nas áreas do ensaio e do teatro, o advogado Luiz Francisco Rebello, que presidiu durante 30 anos à Sociedade Portuguesa de Autores (1973 a 2003) e foi o principal redactor, enquanto parlamentar pela CDU, do Código do Direito de Autor, aprovado em 1985, lutou contra a doença que o fez interromper a sua actividade literária, mas em vão. Desde Setembro último, quando estava de férias no Algarve, foi forçado a vários internamentos hospitalares com a consequente paragem dos trabalhos em curso. E no feriado de 8 de Dezembro passado não resistiu. Faleceu, ao fim da tarde, no Hospital Particular de Lisboa. Tinha 87 anos.

Até Setembro, no entanto, e apesar da sua idade já avançada, Luiz Francisco Rebello – o advogado que fez do teatro a grande paixão da sua vida e até foi casado com a actriz Mariana Villar – manteve-se sempre em grande actividade literária, encontrando-se a redigir, exactamente, um “Dicionário do Teatro Português”, obra apoiada pelo Fundo Cultural da SPA.

Figura de relevo no panorama cultural português, Luiz Francisco Rebello, que foi autor da primeira obra publicada pela Âncora Editora, dirigida pelo seu colega advogado António Baptista Lopes, em Novembro de 1998 - “Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos” - deixou ainda duas obras em preparação já adiantada, que serão publicadas por esta editora em 2012: “O Direito de Autor nos Tribunais Portugueses” e a 4.ª edição do “Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos”, ambas em colaboração com outros juristas.

O Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva, manifestou o seu pesar e disse que, “com a sua morte a cultura portuguesa perdeu um dos seus mais empenhados promotores”.

Luiz Francisco Rebello “foi um autor de referência para o teatro português”, frisou, por seu turno, o secretário de Estado da Cultura, Francisco José Viegas. “Um dramaturgo de excelência, que contribuiu para a dignificação desta arte e que colocou o teatro ao serviço da luta pela liberdade”, acrescentou.

O seu constante desacordo com as ingerências da censura e a defesa sistemática e intransigente dos direitos dos autores e artistas foram, sem dúvida, marcos na sua vida, quer como cidadão, quer como profissional. A SPA esteve representada no seu funeral pelo vice-presidente do Conselho de Administração, João Lourenço, e pelos membros da Direcção António Torrado e António Casimiro.

DRAMATURGO, HISTORIADOR TEATRAL, LEGISLADOR E ENSAÍSTA, Luiz Francisco Rebello nasceu a 10 de Setembro de 1924, em Lisboa, tendo-se licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa.

Nome cimeiro da cultura portuguesa, presidiu à Sociedade Portuguesa de Autores (SPA) ao longo de três décadas. Inscrito a 25 de Fevereiro de 1945 na então Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais

Portugueses, presidida à época por Félix Bermudes, passaria a cooperador dez anos depois, a 2 de Junho de 1953. Seguir-se-iam antes dele ser eleito para o cargo máximo da Direcção da já então Sociedade Portuguesa de Autores, nome por que passou a ser denominada em 1970 a ex-SECTP, os presidentes José Galhardo (1960-1967) e Carlos Selvagem (1968-1973). É em 1973 que passa a dirigir os destinos da cooperativa, até 2003.

Desenvolveu um importante trabalho na área do Direito de Autor, tendo-se destacado ainda como dramaturgo, historiador teatral, legislador e ensaísta. Deixou-nos um legado de dezenas de obras nas áreas em que se distinguiu. Foi também professor do curso de Direito da Comunicação na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

Foi vice-presidente da Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores e em 1992 fundou, juntamente com José Saramago, Urbano Tavares Rodrigues, Manuel da Fonseca e Armindo Magalhães, a Frente Nacional para a Defesa da Cultura (FNDC).

Estreou-se como dramaturgo em 1947, com “Fábula em Um Acto”, e escreveu depois as peças “O Dia Seguinte” (1953), “Condenados à Vida” (1963) e “É Urgente o Amor” (1958), entre outras.

Da sua obra ensaística, destacam-se “Teatro Moderno. Caminhos e Figuras” (1957), “Imagens do Teatro Contemporâneo” (1961), “História do Teatro Português” (1968), “O Primitivo Teatro Português” (1977) e “100 anos de Teatro Português” (1984).

Como historiador, publicou, entre outras obras, “Teatro Português, do Romantismo aos Nossos Dias” (1960), “D. João da Câmara e os Caminhos do Teatro Português” (1962), “História do Teatro Português” (1968), “O Teatro Simbolista e Modernista” (1979), “O Teatro Romântico em Portugal” (1980), “Portugal, Anos Quarenta” (1983), “Teatro I, Teatro II e Teatro de Intervenção” (colectâneas de peças de dramaturgos portugueses).

Em 1946, fundou e dirigiu, com Gino Saviotti, o Teatro-Estúdio do Salitre e, em 1971, foi nomeado director do Teatro São Luiz, cargo de que se demitiu no ano seguinte em desacordo com as ingerências da Comissão de Censura.

Escreveu em diversos jornais e revistas, entre os quais a Colóquio/Letras, da Fundação Gulbenkian, o Jornal de Letras, a Seara Nova e a Vértice, e dirigiu, a partir de 1971, um “Dicionário do Teatro Português” publicado em fascículos.

Foi distinguido com a comenda da Ordem do Infante D. Henrique (1985), as insígnias de Cavaleiro da Ordem Nacional do Mérito de França (1991) e a Ordem de Mérito, atribuída em 1995 pelo então Presidente da República, Mário Soares, e recebeu igualmente o Grande Prémio da Sociedade Portuguesa de Autores (1994).

O corpo de Luiz Francisco Rebello esteve em câmara ardente na Basílica da Estrela, realizando-se o funeral no sábado, dia 10, para o cemitério de Cascais. EE



OS QUE PARTIRAM

MÁRIO ALBERTO (1925-2011)

A afirmação personificada de um sarcasmo genial



Se fosse vivo e, por mais absurda que pareça a imagem, se se visse no caminho para a sua morada final, que não a do seu idolatrado Parque Mayer, Mário Alberto era capaz de comentar com aquele seu ar sarcástico, de uma loucura sã e criativa e a ponta de mordacidade que sempre se lhe punha no olhar agudo e no esgar gozado de boca: "Do mal o menos: agora, sempre volto para os meus prazeres!"

Sim, porque foi para o Cemitério dos Prazeres, em Lisboa, que o seu féretro foi levado, depois de ter estado em câmara ardente no auditório da Sociedade Portuguesa de Autores, de que foi membro desde 1972 e cooperador a partir

de 1979. O cenógrafo, autor de textos e pintor de reconhecido mérito Mário Alberto Rosado Cabral, nascido a 20 de Julho de 1925, morreu no passado dia 4 de Outubro, com 86 anos. Era assim o seu espírito surrealista, anárquico q.b. dentro de um poderoso potencial artístico que o levou toda a vida a esgueirar-se por entre sonhos fantásticos e imagens profundamente críticas e satíricas de cores fortes e traços aduncos, alguns "contorcidos", para muitos dos que viam, sem entender, as diversificadas obras que compunha.

A irreverência sempre foi a marca deste angolano de nascimento, criado no Alentejo, que personifica um período de resistência e de afirmação de liberdade com toda a sua ousadia e rebeldia subversivas que traria depois para Lisboa e para o mundo, nomeadamente para Paris, onde a sua genialidade se expôs e impôs.

Era um homem da noite, da boémia de Lisboa. Durante largos anos teve casa num profuso primeiro andar do velho Parque Mayer, onde misturava mil adereços e obras-primas, fazendo do próprio lar-ateliê um quadro apicassado, tanto ao seu gosto...

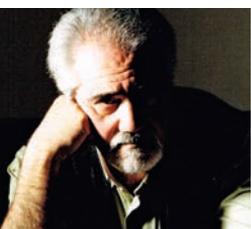
Um mãos-largas no que partilhava com os outros. Entre outros prazeres, como me confidenciou um dia em entrevista, adorava pintar aqueles cartazes gigantes que anunciavam as peças e os filmes em cartaz e que, em tempos de não-tecnologia avançada, abraçavam os edifícios e atraíam os espectadores. Verdadeiros "murais" descartáveis...

Uma das últimas vezes que apareceu em público foi no dia 28 de Janeiro de 2008, quando, num ambiente de verdadeira tertúlia, que ele prezava acima de tudo, e rodeado de amigos e companheiros de lides artísticas de diversas áreas, foi homenageado no Teatro Nacional D. Maria II por iniciativa de A Barraca e da Câmara de Lisboa, com o apoio da SPA. Aí, já muito doente, o cabelo ainda mais branco e deslocando-se em cadeira de rodas – o que, nem por isso, lhe diminuía o espírito sarcástico, o protesto pronto e o chiste – recebeu de Helder Freire Costa, director do Teatro Maria Vitória, a Máscara de Ouro, que aquela sala do Parque Mayer costuma atribuir no Dia Mundial do Teatro, a 27 de Março, e ainda a Medalha de Mérito Cultural da Cidade de Lisboa, entregue pelo presidente da edilidade, Alberto Costa.

Pintor, cenógrafo, figurinista, profissional de teatro, cinema e televisão, Mário Alberto está representado no acervo do Museu do Teatro, em Lisboa, e em diversas colecções nacionais e estrangeiras. Edite Esteves

RUI SERODIO (1937-2011)

Tinha o dom de traduzir poemas em sons



Versátil e com um fino sentido de humor, apesar de procurar sempre manter uma face impassível, o compositor e pianista Rui Serodio era, na opinião geral de quem o conhecia bem, especialmente de Brissos Lino, reitor da Universidade Sénior de Setúbal, onde leccionava, "um autêntico mestre do improviso, que tinha o dom de traduzir poemas em sons".

Aliás, era frequente o maestro acompanhar ao piano vários recitais de poesia, sendo que bastava ouvir uma vez os versos para compor uma melodia adequada no momento da actuação. "Se Sebastião da Gama foi o poeta da Arrábida, Rui Serodio foi sem dúvida o músico da Serra Mãe", afirmou, a propósito,

Jorge Calheiros, gerente da JGC e seu amigo e consultor na área das produções áudio. No passado dia 21 de Outubro, todavia, o ex-funcionário da SPA, que se inscreveu na cooperativa no dia 14 de Novembro de 1972 e passou a cooperador a 30 de Maio de 1979, deixou todos os projectos que lhe enchiam a vida e o desafiavam para o futuro e o seu piano calou-se. Após um curto período em que esteve internado e "não quis ver ninguém", Rui Serodio veio a falecer no Hospital de São Bernardo, em Setúbal, cidade que adoptou havia duas décadas e meia. Tinha 74 anos.

O funeral, que levou o féretro do músico para o Cemitério da Paz, em Algeruz, juntou muitas personalidades de Setúbal, com destaque para os elementos de um dos seus mais recentes projectos: o coro municipal "Afina Setúbal". Vestidos a rigor com o fato de "performance", estiveram a prestar a última homenagem ao seu mentor até ao fim. Constituído por funcionários da Câmara Municipal de Setúbal, a maioria dos quais sem qualquer experiência na área, o "Afina Setúbal" incluía a presidente da edilidade, Maria Dores Meira.

A última vez que foi visto em público, no Dia de Bocage e da Cidade, a 15 de Setembro, já então muito debilitado e apoiando-se numa bengala para se deslocar, o maestro Rui Fernando Ribeiro Caballero y Serodio, que tinha ascendência espanhola, mas nascera em Lisboa, a 17 de Março de 1937, foi honrado com a Medalha de Mérito da Cidade, na classe Actividades Culturais. E, após o seu adeus, foi a Universidade Sénior de Setúbal, onde Rui Serodio leccionava, que lhe prestou uma homenagem. A cerimónia decorreu no renovado auditório Charlot, no passado dia 3 de Novembro, durante a celebração do aniversário daquela instituição de ensino. EE

JOSÉ MENSURADO (1931-2011)

O jornalista que relatou na televisão a histórica chegada do homem à Lua

José Mensurado, o jornalista que conduziu em directo na RTP, em 21 de Julho de 1969, a histórica emissão da chegada do homem à Lua, numa maratona televisiva que durou 18 horas, morreu no passado dia 2 de Dezembro, "de morte natural", de acordo com um familiar. Tinha 80 anos.

Se os norte-americanos da missão Apollo11 Neil Armstrong e Edwin Aldrin, os primeiros homens a caminhar no solo lunar, conforme entusiasticamente relatou na altura o jornalista português, para espanto e incredulidade de muita gente, desembarcaram quando eram 3h56 em Portugal Continental, num local a que denominaram Mar da Tranquilidade, José Mensurado pousou também na sua "lua" longínqua de forma



FOTO: AUGUSTO CABRITA

serena, tal, como aliás, viveu na terra.

"Para os mais velhos, Mensurado ficará na história como o jornalista que fez o relato em directo do maior feito da história da televisão: a chegada do homem à Lua. Para quem o conheceu, José Mensurado é apenas um senhor", escreveu Alcides Vieira, director de Informação da SIC e um amigo de José Mensurado, numa nota a toda a sua redacção. De facto, foi ele quem conduziu a histórica emissão da chegada do homem à Lua, a 21 de Julho de 1969, numa maratona de cerca de 18 horas em directo na RTP. Uma emissão que a estação pública estima ter sido vista por dois milhões de portugueses, completamente "grudados" no pequeno ecrã.

Numa descrição feita no site da RTP, o jornalista recordou ter citado durante a emissão "um artigo fabuloso" do escritor Norman Mailer "que já falava das perspectivas da chegada do Homem à Lua". "Creio que falei durante 15 horas numa emissão de 18. Já estava rouco", lembrou.

José Augusto Trigo Mira Mensurado, nascido a 9 de Janeiro de 1931 e beneficiário da SPA desde 23 de Setembro de 1985, trabalhou na RTP durante 39 anos, onde, segundo a estação pública, "fez de tudo um pouco". Foi desde chefe de redacção a pivot do "Telejornal" e moderador de inúmeros programas de informação, sendo responsável pelo aparecimento do "Cena Aberta" e "Riso e Ritmo". Foi na estação pública que se cruzou com José Eduardo Moniz. O vice-presidente da Ongoing Media recorda um "homem culto", sempre preocupado em "fazer um bom jornalismo".

O corpo de José Mensurado esteve em câmara ardente no Centro Funerário de Santa Joana Princesa, em Alvalade, seguindo o funeral, no dia seguinte, para o Cemitério dos Olivais. EE

PARA ASSINALAR OS 30 ANOS DA MORTE DO ESCRITOR NEO-REALISTA

Restos mortais de Carlos de Oliveira trasladados para jazigo dos escritores

Para assinalar os 30 anos da morte de Carlos de Oliveira, que ocorreu em Lisboa no dia 1 de Julho de 1981 com 60 anos incompletos, os restos mortais do escritor neo-realista, beneficiário da SPA durante os seus últimos onze anos de vida, foram trasladados no passado dia 17 de Outubro do Cemitério dos Prazeres para o jazigo de escritores do mesmo cemitério, em Lisboa. Nesta cerimónia simbólica e evocativa estiveram presentes Ângela Oliveira, viúva do escritor, José Manuel Mendes, presidente da Associação Portuguesa de Escritores (APE) e a vereadora da Cultura da Câmara de Lisboa, Catarina Vaz Pinto.

Filho de pais emigrantes, Carlos de Oliveira nasceu em Belém do Pará, Brasil, a 10 de Agosto de 1921, tendo-se distinguido em várias frentes literárias, nomeadamente na poesia e no romance.

Data de 1942 o seu primeiro livro de poemas, intitulado "Turismo", com ilustrações de Fernando Namora e integrado na colecção poética de 10 volumes do "Novo Cancioneiro", iniciativa colectiva que, em Coimbra, assinalava o advento do movimento neo-realista. Em 1945, publica um novo livro de poesias, "Mãe Pobre". Os anos seguintes serão, para Carlos de Oliveira, bem profícuos quanto à integração e afirmação no grupo que veicula e luta por um novo humanismo, com a participação nas revistas "Seara Nova" e "Vértice", além da colaboração no livro de Fernando Lopes Graça "Marchas, Danças e Canções", uma antologia de vários poetas, musicadas pelo maestro.

Em 1953, edita "Uma Abelha na Chuva", o seu quarto romance que é, unanimemente, reconhecido como uma das mais importantes obras da literatura portuguesa do século XX, tendo sido integrado no programa da disciplina de português no Ensino Secundário. Mais tarde, já em 1968, colabora com Fernando Lopes na adaptação desta sua conhecida obra para o cinema. O seu último romance, "Finisterra", sai em 1978, tendo como fundo a paisagem gandraesa. A obra proporciona-lhe o Prémio Cidade de Lisboa, no ano seguinte.

Carlos de Oliveira inscreveu-se na SPA a 24 de Março de 1970, nunca tendo adquirido o estatuto de cooperador. EE

AMÁLIA RODRIGUES

(1920-1999)



A SPA DESEJA AOS AUTORES PORTUGUESES UM NATAL COM SAÚDE, TRABALHO E PAZ

E QUE O ANO DE 2012 SEJA DE INTENSA CRIATIVIDADE

E DE RESPEITO PELOS SEUS DIREITOS E PELA CULTURA EM PORTUGAL

SEM AUTORES NÃO HÁ CULTURA

